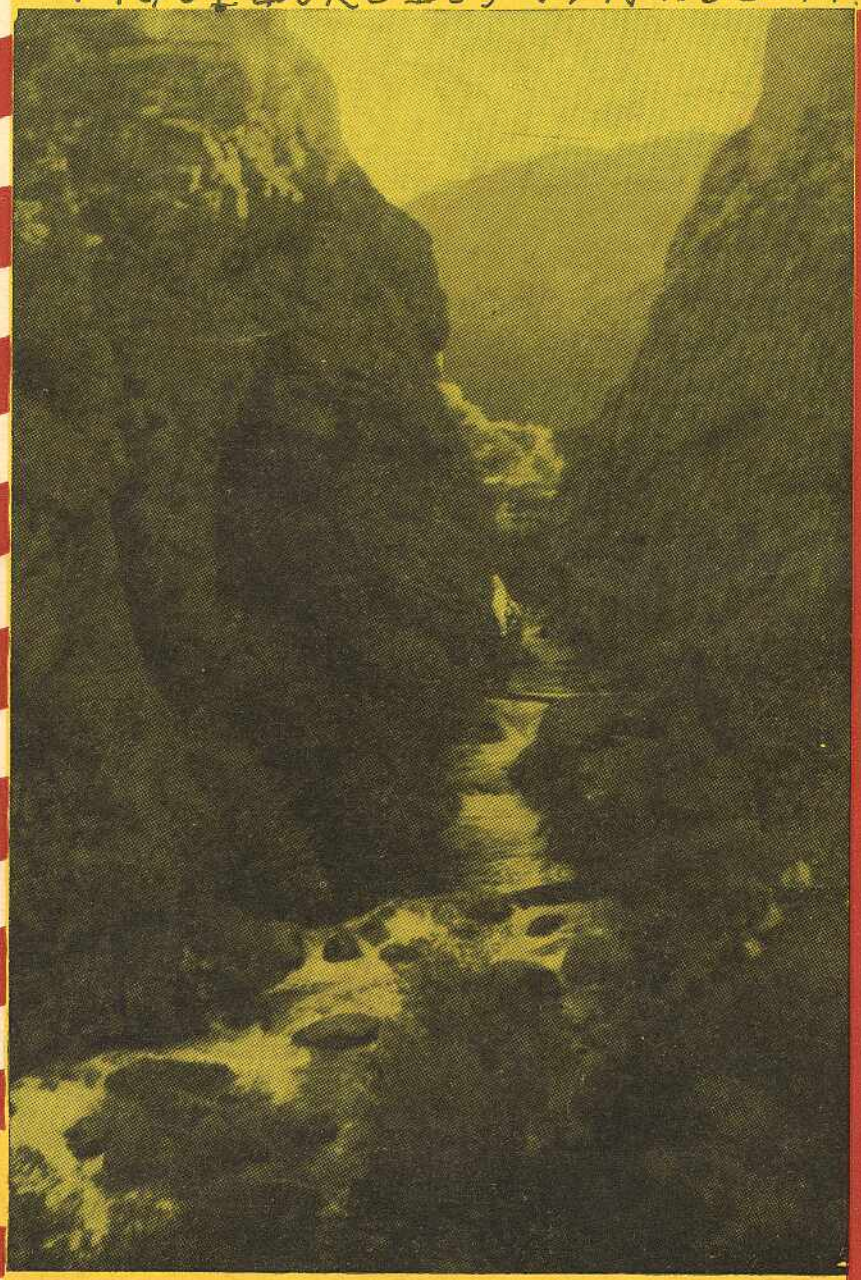
1958

Turismo

FIGUEIGURÓDOS VINHOS-PP 34 A 46



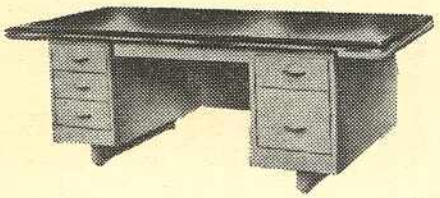
Figueiró dos Vinhos — Um trecho da Ribeira de Alge

NÚMERO 10 – 2.ª SÉRIE

NÚMERO DEDICADO A PRAIAS E TERMAS

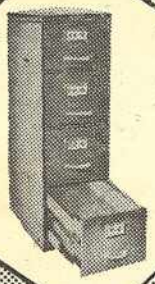
REVISTA DE ARTE, PAISAGEM E COSTUMES PORTUGUESES
MAGAZINE OF PORTUGUESE ART, COUNTRYSIDE AND CUSTOMS
REVUE DES ARTS, DES PAYSAGES ET DES COUTUMES DU PORTUGAL

MATERIAL DE AÇO PARA ESCRITÓRIO

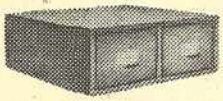


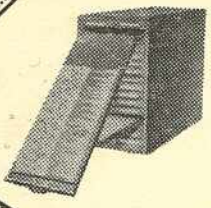
SECRETÁRIAS

CADEIRAS



ARQUIVOS





FICHEIROS

SOCIEDADE EQUIPAMENTO de ESCRITÓRIO LIMITADA

VISITE O N/ STAND

PRAÇA dos RESTAURADORES - 53 - 1º - TEL. 24986 - LISBOA

UMA INDÚSTRIA NACIONAL

AZULEJOS
LOUÇAS

FÁBRICAS ALELUIA
AVEIRO

ELÉCTRODOS
ALFLEX

Fabrico Nacional

Classe Internacional

SOCIEDADE PORTUGUESA DO AR LIQUIDO
LISBOA PORTO
DEPOSITOS: COIMBRA • FUNCHAL PONTA-DELGADA

automóveis *camiões* *autocarros*

MERCEDES-BENZ

UMA CONSAGRADA MARCA ALEMÃ QUE CONSTITUI UMA GARANTIA DA MAIS ELEVADA QUALIDADE E SUPERIOR EFICIÊNCIA EM TODOS OS GÉNEROS DE TRANSPORTES

AVENIDA DA LIBERDADE, 29-41 – LISBOA
RUA DE STA. CATARINA, 160-168 – PORTO
Av. FERNÃO DE MAGALHÃES, 70-78 – COIMBRA

Representantes:

C. SANTOS LDA. —— *AGENTES EM TODO O PAÍS*

ÁGUA DA BELA VISTA

N A T U R A L
em garrafões, garrafas de litro e 1/2 litro

GASEIFICADA
em garrafas de 1/4

•

DISTRIBUIDORES GERAIS:

ARTUR PAIVA, LDA.
R. D. DOMINGOS JARDO, 17-A
Tel. 84 24 74
LISBOA

BATERIAS
Tudor

- A MARCA MAIS ANTIGA
• A MAIS MODERNA FABRICAÇÃO
- A MELHOR QUALIDADE
• O MENOR CUSTO

EXPLOSIVOS TRAFARIA
S. A. R. L.

PRIVILÉGIOS NOBEL E CHEDDITE • SEDE E FÁBRICAS NA TRAFARIA

FABRICANTES DE EXPLOSIVOS INDUSTRIAIS
(AMONIACAIS SENSIBILIZADOS, DINAMITES CORRENTES E ESPECIAIS,
GELATINAS EXPLOSIVAS E EXPLOSIVOS CLORATADOS)

DETONADORES PARA MINAS «EXTRA»

PÓLVORAS DE CAÇA SEM FUMO «P. S. B. PROGRESSIVA»

RASTILHOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS, GARANTIDOS PELO NOSSO LABORATÓRIO, EXPLOSORES, GALVANÓMETROS, CORDÃO DETONANTE, ALICATES E TODOS OS ACESSÓRIOS PARA MINAS E PEDREIRAS

Sede e Fábricas: TRAFARIA — Telefones: Trafaria 049 8 06 - 049 9 36

Escritório em LISBOA: R. da Prata, 81, 3.° — Telefones: 2 26 63 - 36 77 73

TERMAS DE MONFORTINHO

HOSPEDE-SE

NO

HOTEL FONTE SANTA

Aberto de 1 de Setembro a 30 de Novembro

TELEFONE - MONFORTINHO 4 E 28

GRANDE PENSÃO-CLUB

R. MOUZINHO DE ALBUQUERQUE, 10

ÁGUAS CORRENTES EM TODOS

OS QUARTOS

QUARTOS COM CASAS DE BANHO

PRIVATIVAS

ESMERADO SERVIÇO

DE

RESTAURANTE

TELEF. 4 61 22 NAZARÉ

Nas

TERMAS DE LUSO

Especialmente indicadas no tratamento do Artritismo, das Doenças dos Rins e da Hipertensão dotadas de Balneários Modernos, com Emanatório, encontra o

GRANDE HOTEL DAS TERMAS,

um hotel de 1.ª classe, que lhe oferece todas as comodidades, com banho e telefone em todos os quartos, e ainda

A MAGNÍFICA PISCINA MONUMENTAL,

o Casino, o Ténis, os deslumbrantes panoramas, o ar da serra e a frescura do arvoredo

Servidas pelas principais estradas e caminhos de ferro, estão recomendadas para:

TRATAMENTO – REPOUSO

RECREIO – TURISMO

1 DE JUNHO A 31 DE OUTUBRO

TERMAS DE MONTE REAL

ESTÂNCIA DOS EPÁTICOS E INTESTINAIS

•

HOTEL MONTE REAL

O MAIOR E MELHOR DA ESTÂNCIA

PENSÃO PENINSULAR

(1.ª CLASSE)

RUA BERNARDO LOPES, 35

(a 50 metros do Casino e a 100 da Praia)

Água corrente quente e fria em todos os quartos

SERVIÇO DE RESTAURANTE

Proprietário: ANTÓNIO AUGUSTO SIMÕES

TELEF. 2 23 20 FIGUEIRA DA FOZ

CASAS FORNECEDORAS

DO

HOTEL DA TORRE

NA

RUA DOS JERÓNIMOS

FÁBRICA CERÂMICA

VIÚVA LAMEGO, L.DA

FUNDADA EM 1849

Sede – Largo do Intendente, 25 – LISBOA
Telefone 4 14 01

Agente no Porto – **JOSÉ CUNHA** – Rua Formosa, 26
Telefone 2 37 07

AZULEJOS – VASOS – LOIÇAS DECORATIVAS

PRODUTOS DE BORRACHA

BIS

A MARCA MAIS CONHECIDA EM PORTUGAL

TUBOS PARA VÁRIAS APLICAÇÕES, CALÇADO, CORREIAS DE TRANSMISSÃO E TRANSPORTADORAS, ARTIGOS PARA HIGIENE E MEDICINA E OUTROS PARA A INDÚSTRIA

COLCHÕES, ALMOFADAS E ENCOSTOS
DE BORRACHA CELULAR «ESPUMA»

Execução de todos os artigos mediante amostra ou desenho

SOCIEDADE INDUSTRIAL DE BORRACHA, LDA.

Rua João de Deus (Edifício próprio)
Telefs. 93 10 47 e 93 10 48 – Telegr. BISFICA
VENDA NOVA (AMADORA)

OS ARTIGOS COM A MARCA «BIS»
IMPÕEM-SE PELA SUA SUPERIORIDADE

CARDOSO & VINHAL, L.DA

FABRICANTES DE

MOBILIÁRIO EM TODOS OS ESTILOS

Calçada Salvador Correia de Sá, 40

LISBOA Telefone 3 00 84

MOLAFLEX

MOLAS FLEXÍVEIS, L.DA – S. João da Madeira

O COLCHÃO DE SONHO FEITO PARA DORMIR E SONHAR

CARCASSAS PARA ESTOFADORES
MOLAS PARA TODOS OS FINS

Molas de acção, de compressão, de torsão e de segurança

AGENTE EM LISBOA: ABÍLIO MOURÃO

Rua D. João V, 6-A c/v., 2 – Telefone 68 37 91

PENSÃO DISTINTA

2.ª CLASSE

Primorosas instalações em prédio de luxo • Quartos com água quente e fria • Aquecimento central • Sala de visitas • Excelente cozinha • Óptimo ambiente •

PREÇOS ESPECIAIS PARA LONGA ESTADIA

Avenida Duque de Loulé, 20, 3.º (Elevador)
Telefones 5 03 61 e 4 43 16 – LISBOA

SERRALHARIA, LATOARIA E CAIXOTARIA

Fabrico de todos os maquinismos em aço inoxidável e chapa de ferro estanhado para as indústrias de lacticínios e confeitaria.

ANTÓNIO DE ALMEIDA RIBEIRO

Depósitos de qualquer tipo – cubos e tubagens para tintos, etc., etc.

TELEF. 37 VALE DE CAMBRA

HOTEIS, PENSÕES E RESTAURANTES

QUE REVISTA TURISMO RECOMENDA

HOTEL MAIA

O mais próximo da Bica Termal

Telef. (P. P. C.) 7219 — GERÊS (Portugal)

HOTEL BEIRA-RIA

Magníficas instalações

Telef. 6 — COSTA NOVA DO PRADO

HOTEL CIDNAY

Serviço de primeira ordem — Aberto todo o ano

Telef. 6 — SANTO TIRSO

HOTEL ALIANÇA

Instalado num antigo solar português

Telef. 22036 — VIANA DO CASTELO

HOTEL DE S. VICENTE

Aberto de 15 de Junho a 30 de Setembro

Telef. 3 — TERMAS DE S. VICENTE

ARCADA HOTEL

No centro da cidade — Bom serviço de mesa

Telef. 78 — AVEIRO

HOTEL BOA VISTA

Centro do parque e próximo das termas

CURIA — Telef. 205 — ANADIA

HOTEL COSTA

Classificado pelo Conselho Nacional de Turismo

Telef. 5 — CALDAS DE AREGOS

GRANDE HOTEL DE CALDELAS

O segundo Hotel da Estância

Telef. 6614 — CALDELAS

HOTEL DA PRAIA DO SOL

Óptimas instalações

Telef. 12 — COSTA DA CAPARICA (Praia do Sol)

HOTEL BOAVISTA

O preferido pelas famílias estrangeiras
Esplanada do Castelo

Telef. 720083 — FOZ DO DOURO

HOTEL CENTRAL

Recomendado pelo Automóvel Clube de Portugal

R. Guilherme de Azevedo — Telef. 8 — SANTARÉM

HOTEL DE BRAGA

Magnífica situação — O melhor de Braga

Telef. 2093/4 (P. P. C.) — BRAGA

HOTEL DO PESO

O melhor da Estância

Telef. 7 — PESO (Melgaço)

HOTEL ROCHA

Magnífica situação — Todo o conforto

Telef. 56 — PESO (Melgaço)

HOTEL DE TURISMO DE ABRANTES

Um Hotel com todo o conforto moderno de concepção inteiramente nova em Portugal
Situação deslumbrante numa das mais belas regiões turísticas

HOTEL NUNES

Recomendado pela Soc. Prof. de Portugal, Aut. Clube de Portugal, Clube dos 100 à hora, etc.

Telef. 098033 — SINTRA

HOTEL ÁGUAS DE MELGAÇO

«RANHADA»
Situado no melhor local da Estância

Telef. 62 — PESO (Melgaço)

PENSÃO RESTAURANTE «OS MANUÉIS»
(2.ª classe)
Serviço de mesa redonda e à lista
Telef. 2861 ÉVORA

PENSÃO AVENIDA
(1.ª classe)
Magnífica situação — Preços acessíveis
Telef. 36 VIDAGO

PENSÃO RESTAURANTE «LUSITANO»
Óptimos quartos — Esmerado serviço de mesa
Aven. Emílio Navarro, 187 Telef. 3042 VISEU

PENSÃO BEIRA MAR
(2.ª classe)
Óptimos alojamentos — Especialidade em mariscos
Campo do Castelo, 62 Tel. 2163 VIANA DO CASTELO

PENSÃO RESTAURANTE «O LIDADOR»
(2.ª classe)
Admiráveis quartos — Todo o conforto
Rua dos Infantes, 3 Telef. 734 BEJA

PENSÃO CARVALHEDA
(2.ª classe)
Quartos confortáveis — Óptimo serviço de mesa
R. Heliodoro Salgado, 53 a 57 Tel. 74 TORRES VEDRAS

PENSÃO BRAGANÇA
A mais bem situada — Tratamento esmerado
Telef. 7311 TERMAS DE S. PEDRO DO SUL

HOTEL DA PRAIA
Piscina privativa com as dimensões internacionais
Telef. 2082 FIGUEIRA DA FOZ

HOTEL PORTUGAL
Admirável panorama sobre o Douro
Telef. 12 CALDAS DE AREGOS

PENSÃO RESTAURANTE «RIO LIMA»
Preços especiais para viajantes
Av. de Camões, 2 e 3 Tel. 2293 VIANA DO CASTELO

PENSÃO RIBA-COA
(2.ª classe)
Aposentos confortáveis — Cozinha regional
Telef. 36 FIGUEIRA DE CASTELO RODRIGO

PENSÃO RESTAURANTE «CARVALHO»
(1.ª classe)
Situação admirável — Serviço modelar
Telef. 12 S. MARTINHO DO PORTO

PENSÃO RESTAURANTE «IMPÉRIO»
O melhor Restaurante da Província
Telef. 184 CHAVES

PENSÃO ROCHA
(1.ª classe)
Recomendado pela Soc. Prop. de Portugal e A. C. P.
Rua D. Nuno Álvares Pereira Tel. 91 BEJA

PENSÃO RESTAURANTE «FLUMINENSE»
A melhor cozinha regional
Rua Luís Jácome, 12-15 Tel. 2551 VIANA DO CASTELO

PENSÃO LISBONENSE
(2.ª classe)
Primoroso serviço de mesa
Rua Everard Telef. 3262 TOMAR

PENSÃO BALTAZAR
A melhor das Termas
Telefs. 7231-7220 GERÊS

PENSÃO MODERNA
(1.ª classe)
Maravilhosa situação — Instalações magníficas
Telef. 23 BRAGANÇA

PENSÃO DEMÉTRIO
Instalações modernas
Rua Dr. Calado, 16 (Bairro Novo)
Telef. 2385 FIGUEIRA DA FOZ

PENSÃO AVEIRENSE
(2.ª classe)
Bela situação — Óptimas instalações
Telef. 360 AVEIRO

CASA DA ALAMEDA
(1.ª classe)
Óptimas instalações — Conforto moderno
Alameda Dr. Oliveira Salazar
Telef. 44 ALBERGARIA-A-VELHA

HOTEL AVENIDA
Situação admirável
R. Miguel Bombarda (frente ao Rossio) Tel. 2263 VISEU

COIMBRA PENSÃO
No centro da cidade — Aberta todo o ano
R. da Alfândega, 7 Tel. 2312 FIGUEIRA DA FOZ

PENSÃO RESTAURANTE «AVIZ»
Óptimos quartos — Especialidade em mariscos
Telef. 53 PENICHE

PENSÃO CENTRAL
Magníficos quartos — Óptimo serviço de mesa
Largo Conselheiro Amadeu Pinto
Telef. 13 CALDAS DE AREGOS

PENSÃO IRMÃOS UNIDOS
Mantém a tradição de bem servir os seus clientes
Telef. 2562 CALDAS DA RAINHA

PENSÃO CENTRAL
(1.ª classe)
O maior conforto — Excelente serviço de mesa
Telefs. 22442 (P. P. C.) LEIRIA

PENSÃO VINTE E UM
A melhor da cidade — Óptimos quartos
Telef. 21 PORTALEGRE

PENSÃO JAIME
(2.ª classe)
Inconfundível serviço de mesa — Óptimos aposentos
Telef. 273 CHAVES

PENSÃO CENTRAL
Óptimo serviço de mesa — Bons quartos
Praça Raimundo Soares, 15 Tel. 122 ABRANTES

PENSÃO RESTAURANTE «CENTRAL»
(Retiro)
Num dos locais mais pitorescos
Telef. 2857 BOM JESUS BRAGA

AVENIDA PENSÃO
(1.ª classe)
Quartos confortáveis — Esmerada cozinha
R. Dr. Correia Mateus, 30 Tel. P. P. C. 22416 LEIRIA

CENTRAL PENSÃO
Esmerado tratamento
R. Bernardo Lopes, 36 Tel. 2308 FIGUEIRA DA FOZ

PENSÃO MAIAL
(1.ª classe)
A melhor situada — Aberta todo o ano
Telef. 66223 CALDAS DA FELGUEIRA

PENSÃO GIL
Óptima situação — Esmerado tratamento
Telef. 4 COSTA NOVA DO PRADO

PENSÃO «OCEANO»
Ambiente acolhedor — A mais bem situada
Telef. Cabine 2 PRAIA DE SANTA CRUZ

PENSÃO LUSA
(2.ª classe)
A mais recomendável pela sua situação
Telef. 7 LUSO

PENSÃO ALBUFEIRENSE
Tratamento familiar — Impecável serviço de cozinha
Telef. 76 ALBUFEIRA

PENSÃO AVENIDA
Óptimos quartos
Recomendado pelo esmerado serviço de mesa
VIDAGO

Pensão Restaurante ESTRELA DO PORTINHO
Especialidade em marisco do Rio Sado
PORTINHO DA ARRÁBIDA
Telef. 028928 AZEITÃO - SETÚBAL

Grande Pensão Continental MACHADO

A maior e mais bem situada

Telef. 65123 — CALDELAS

PENSÃO EUROPA

Bons quartos — Boa comida

Praça Dr. Manuel Arriaga, 23 — Tel. 106 — NAZARÉ

ESTALAGEM DE SANTA MARIA

Esplêndidos quartos — Óptimo serviço de restaurante

Telef. 130 — VILA DA FEIRA

CASA «A BRASILEIRA»

Bons quartos — As mais saborosas caldeiradas

R. Tenente Resende, 47 — Tel. 338 — AVEIRO

RESTAURANTE «GARRAFÃO»

Esplanada — Aberto todo o ano

Telef. 693 — LEÇA DA PALMEIRA (LEIXÕES)

RESTAURANTE RIBATEJO

Restaurante — Cervejaria — Pastelaria

R. Guilherme de Azevedo, 5 — Tel. 30 — SANTARÉM

RESTAURANTE ALENTEJANO

Serviço à lista e mesa redonda

Rua Duque de Beja — Telef. 149 — BEJA

RESTAURANTE SAMEIRO

Privilegiada situação para repouso

Telef. 3214 — BRAGA - Sameiro

CASA PRIMAVERA

Esmerado serviço de cozinha
Pensão - Restaurante
Rua dos Pescadores (junto à Praia)

Telef. 040077 — COSTA DE CAPARICA - Praia do Sol

A «CARAVELA»

PENSÃO
Esmerado Serviço

R. Dr. Oliveira Salazar, 16 — Telef. 149 — LAGOS

ESPADARTE

Pensão — Bar — Restaurante
(1.ª classe)

Telef. 029189 — SESIMBRA

HOTEL AVENIDA

Magníficos aposentos — Óptimo serviço de mesa

Telef. 10 — VIDAGO

ESTALAGEM DA RAPOSA

(1.ª classe)
Primoroso serviço de Bar

Telef. 098161 — SINTRA

ESTALAGEM DE SANTA MARIA

Instalada numa antiga fortaleza da Serra da Arrábida

Telef. 028907 — PORTINHO DA ARRÁBIDA

GRANDE CAFÉ PORTUGAL

Precioso serviço de café, restaurante e pastelaria

Telef. 2860 — ÉVORA

CAFÉ RESTAURANTE ROYAL

Excelente serviço de mesa — Óptimos quartos

Rua da Paz, 1 a 5 — Telef. 2346 — VISEU

Restaurante O MELHOR DO MUNDO

Esplêndido serviço de mesa — Cozinha regional

Rua 31 de Janeiro, 19-21 — Telef. 241 — PORTALEGRE

HOTEL UNIVERSAL

Dos mais antigos da Cidade

R. Miguel Bombarda, 58 — Tel. 2115 — FIGUEIRA DA FOZ

CAFÉ RESTAURANTE JANELAS VERDES

Recomendado pelo seu primoroso serviço de Cozinha

Rua de Aveiro, 37-39 — Telef. 206 — VILA REAL

ESTALAGEM LIDADOR

ABERTA TODO O ANO

Teléf. 109 — MOREIRA DA MAIA

T U R I S M O
PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL
DIRECTOR E PROPRIETÁRIO
ANTÓNIO BERNARDINO PARDAL
EDITOR
DR. A. VIEIRA SANTOS
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
R. DO LORETO, 4, 2.º • TELEF. 28616
LISBOA

Número Especial dedicado às Praias e Termas.

ANO XXII – II SÉRIE – N.º 10
ABRIL-JUNHO DE 1958 – **PREÇO 20$00**

Composto e impresso nas oficinas gráficas de
GOMES & RODRIGUES, LDA.
RUA ENG. VIEIRA DA SILVA, 12-B – LISBOA

Sumário

MAIS UM ANIVERSÁRIO

Aspectos de Lisboa
DA PRAÇA DO COMÉRCIO A SANTA CLARA

Amizade Luso-francesa
O "CRISTO DAS TRINCHEIRAS" VEIO PARA PORTUGAL

Uma obra-prima de iluminura portuguesa
O MISSAL DE ESTEVAM GONÇALVES

Iniciativas que interessam ao Turismo
O CAMPEONATO DO MUNDO DE CAÇA SUBMARINA

Aspectos do folclore nacional
O GRUPO FOLCLÓRICO DE S. MARTA DE PORTUZELO

PRAIAS E TERMAS – Conjunto de maravilha

FIGUEIRA DA FOZ – Rainha das Praias de Portugal

ESPINHO – Capital da Costa Verde

FIGUEIRÓ DOS VINHOS – Maravilhosa Estância de Turismo

MATOSINHOS – Região privilegiada

O MUSEU MALHOA

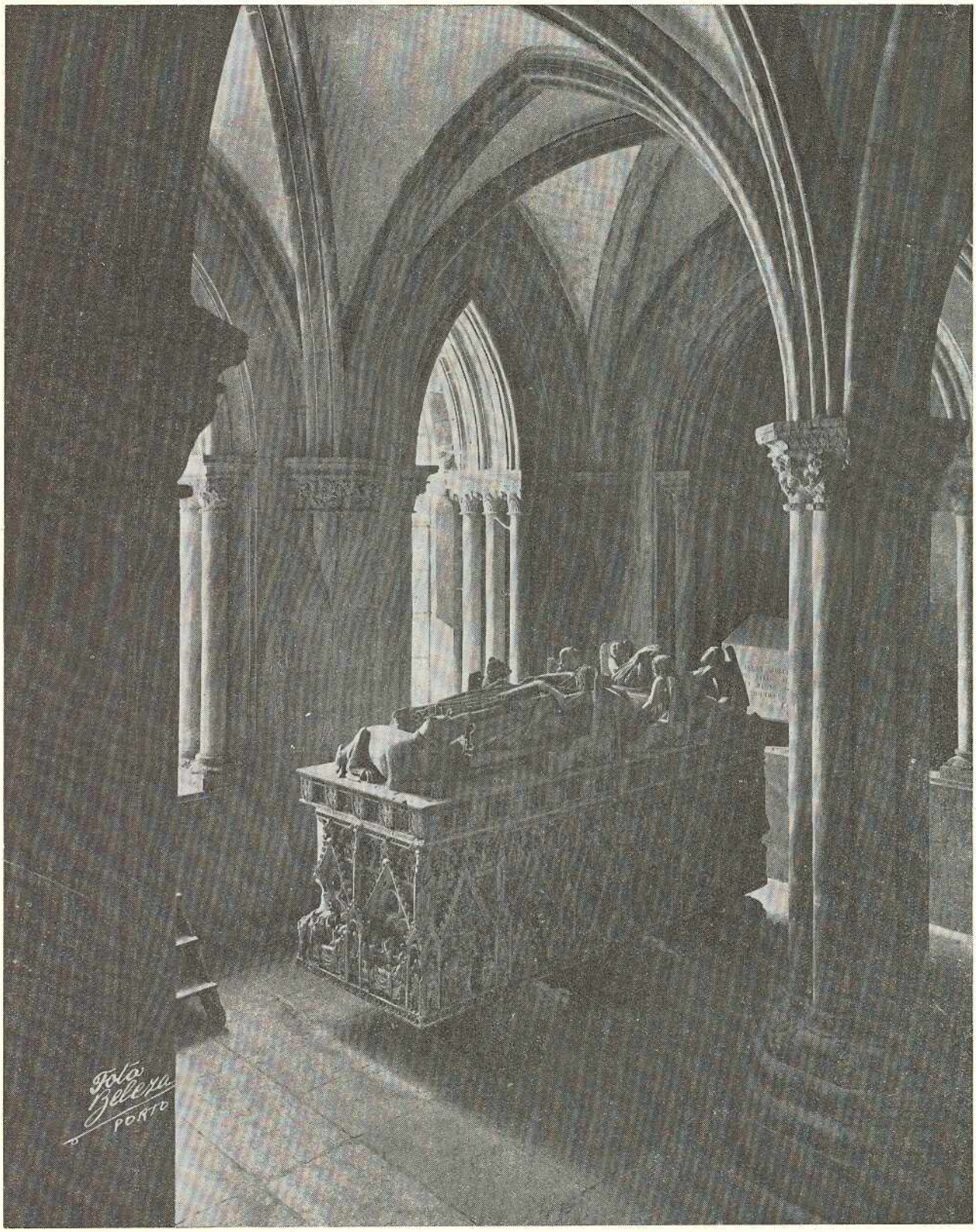
Indústria Hoteleira
OUVINDO ÁLVARO GUIMARÃES

PRAIA DA ROCHA – VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO – CASTELO BRANCO – VILA NOVA DE FAMALICÃO – ALMADA – MONTEMOR-O-NOVO – CALDELAS – SETÚBAL, ETC., ETC.

MAGAZINE • ARTES & LETRAS •
PÁGINA FEMININA • GASTRONOMIA

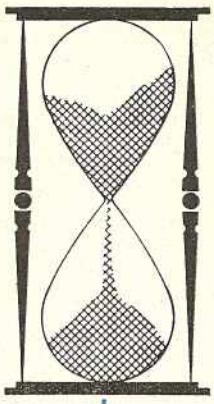
Com a colaboração literária de:

Acácio Neves, E. de Pimentel Teixeira, Guedes de Amorim, J. Figueiredo, Jayme Duarte de Almeida, Luísa Maria, Manuel Martinho, Dr. Seabra Cancela, Vasco Callixto, etc., e artística de Duarte de Almeida e Carlos Miguel.



PORTUGAL MONUMENTAL E ARTÍSTICO

O túmulo de D. Pedro I no Mosteiro gótico de Alcobaça



Mais um aniversário

COM este número, revista TURISMO completa 22 anos de existência. Poucas vezes se poderá dizer com tanta propriedade que esses 22 anos correspondem a outros tantos de Turismo, no mais puro sentido da palavra, posto que, durante esse período já longo, não há recanto de Portugal, por mais remoto, que revista TURISMO não tenha visitado, não há beleza nacional, por menos conhecida, que não haja sido exaltada nas suas páginas, não há empreendimento, por mais modesto, que se não tenha registado e aplaudido — a todos se levando aquele incentivo que é parte integrante de toda a realização turística.

Voz que se ergueu antes de todas, revista TURISMO; consciente das suas responsabilidades, pode tranquilamente olhar o futuro porque tem a consciência do dever cumprido e se acha firmada num passado de intenso labor onde as etapas felizes se sucedem para constituir uma cadeia que por vezes atravessou as fronteiras pátrias — primeiro para levar bem longe o nome de Portugal, depois para trazer aos portugueses o conhecimento de regiões estranhas, assim se estabelecendo elos de um vigor cimentado na melhor interpretação da palavra TURISMO que, desde a primeira hora é, mais que um título, o verdadeiro Norte para onde têm convergido todos os nossos esforços.

Nascida numa altura em que o turismo quase apenas se devia à iniciativa particular, quando as ideias e os empreendimentos surgiam isolados e sem o amparo que hoje têm, num tempo em que tudo era ainda turìsticamente difícil, revista TURISMO tem a grata certeza de em alguma coisa haver contribuído para a obra que foi possível realizar. Por isso, os 22 anos que passaram sobre os nossos primeiros passos são, para nós, motivo de justificado orgulho e absoluta satisfação.

E isso nos basta porque

... não é prémio vil ser conhecido
Por um pregão do ninho meu paterno.

DA PRAÇA DO COMÉRCIO A SANTA CLARA

por Acácio Neves

PARA todos quantos sabem apreciar as infinitas belezas naturais e as belas criações do Homem, as zonas da Madalena, Santa Luzia, Castelo, São Vicente e Santa Clara são verdadeiras maravilhas, que muito extasiam os bons apreciadores do Belo, especialmente os estrangeiros.

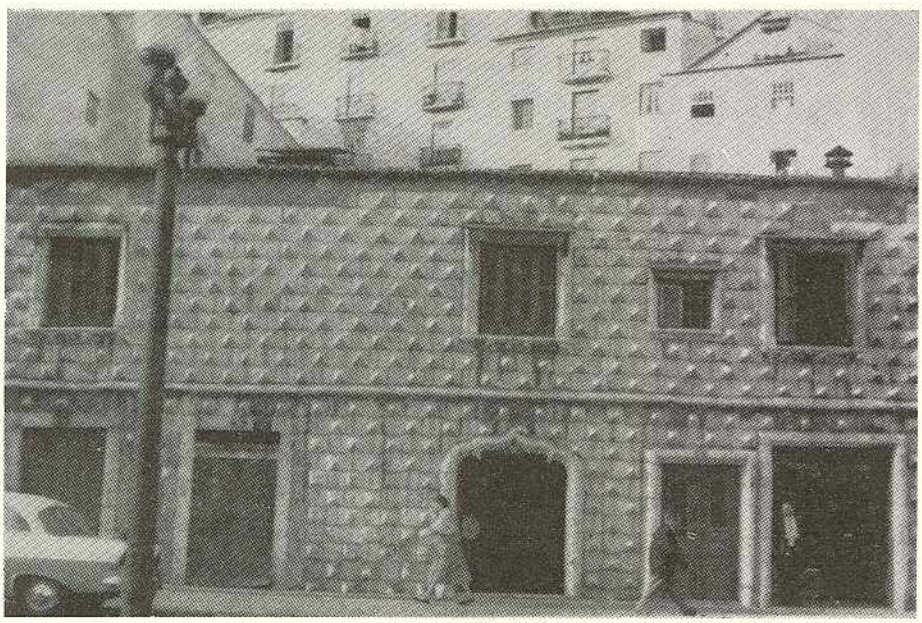
Acontece, infelizmente, que para a maior parte dos lisboetas estas paisagens, totalmente desconhecidas, são cunhadas de um sabor de enfado e indeferença.

Levado pela curiosidade e desejo de saber o muito ou pouco apreço dispensado pela nossa geração às linhas do horizonte e às incontáveis e incompreendidas belezas naturais, que nos seus maravilhosos cenários formam interessantes relicários de graça, perguntámos a várias pessoas «alfacinhas de gema» se conheciam o Castelo de S. Jorge e o que representava para elas o Campo de Santa Clara. Concluímos — com verdade — que quase todas se admiraram da nossa inquirição e nos responderam que nunca se haviam dado ao trabalho de subir até ao Castelo e que o Campo de Santa Clara tinha de característico a Feira da Ladra. Disseram-me ainda «que não sabiam o que os estrangeiros encontravam de interessante naqueles sítios, porque se viam por ali muitos; mas que, logo se sentiriam ludibriados visto se demorarem pouco».

Não objectámos tão mal fundamentadas respostas na ocasião, porque, desde logo, pensámos

LISBOA - LISBONNE - LISBON

A «Casa dos Bicos»
La curieuse «Casa dos Bicos»
The curious «Casa dos Bicos»



em as aproveitar para um artigo onde se chamasse a atenção para uma beleza citadina, ao que parece injustamente menosprezada.

O Castelo de São Jorge é sem dúvida o ponto mais característico de toda a cidade do Tejo: De lá, podemos ver, observar e contemplar toda a linda cidade, sentindo-nos, ao mesmo tempo, embalados como que num berço de frescura e de sonho. E porque assim é permite-nos sugerir um passeio citadino que sabemos repleto de excelentes motivos de interesse e dos melhores motivos de recordação histórica: da Praça do Comércio até Santa Clara, passando, é claro, pelo castelo de S. Jorge, motivo principal da pequena excursão.

Saímos da Praça do Comércio e logo encontramos, na rua da Alfândega, a Igreja da Conceição Velha. Este templo foi mandado construir por D. Manuel I para servir de sede às Misericórdias que D. Leonor, mulher de Príncipe Perfeito, fundara em 1498. Recordamo-nos de ouvir contar algumas histórias e acontecimentos interessantes que não podemos relatar aqui. Admiremos antes o seu maravilhoso portal de fino talhe manuelino, as duas janelas que lhes estão ligadas e o altar mor que fora outrora o único altar lateral da primitiva igreja. Parece que, devido às inundações periódicas, esta igreja era a única dispensada da celebração da missa diária. Ali, a Casa dos Bicos representa-nos alguma coisa do nosso passado; mas verificamos que foi convertida em armazém. Ouvi dizer — e isso me anima — que brevemente se incluirá no número dos monumentos nacionais. Aqui, o Arco da Porta do Mar faz-me volver aos tempos mais remotos para me recordar de que já existiam uma porta do Mar entre as oito portas da antiga cidade mourisca. Subimos um pouco, e a Igreja da Madalena recorda-nos os motivos que deram origem ao Hospital dos Palmeiros, que fora a primeira albergaria dos peregrinos, a quem dava cama, mesa e candeia por três dias. Este foi fundado por peregrinos ingleses em 1330. Ao subirmos a rua de Santo António da Sé, deparamos com as grandes e graves obras de arquitectura e arte sacra da Sé Patriarcal. Recordemos Santo António de Lisboa e o Padre António Vieira, ilustres filhos desta freguesia.

Muitos de nós o ignoramos; mas estes locais (rua Augusto Rosa e seus subúrbios) falam-nos abertamente do nosso passado: o Largo de S. Martinho, o Pátio do Carrasco, o Limoeiro, aquele canteiro que ali está vedado com tapume, a ermida de S. Tiago e tudo o mais que nos rodeia faz-nos sentir saudades dos tempos pretéritos e redobrar o amor dos antepassados.

Podemos descansar aqui (Jardim de Santa Luzia), e disfrutar um delicioso e vasto panorama da cidade: nossos olhares parecem voar desde S. Vicente, aos Caminhos de Ferro e Alfama de

casario antigo, de vielas estreitas e tortuosas, das igrejas e ao lindo quadro do Tejo e à Outra Banda. Parece-nos que ainda ouvimos moribundos suspiros de fadistas cansados e gemidos de velhas guitarras. Ali, a ermida de Santa Luzia, recentemente reparada e dada ao culto religioso, é dotada de linhas simples mas alegres. Vemos na sua parede sul dois silhares de azulejos que representam a tomada de Lisboa em 1147 e o Terreiro do Paço em começos do século XVIII e um quadro de Santa Luzia alumiado por lanterna. A disposição dos canteiros é boa e o comprido miradouro é protegido de um modo característico, por parreiras. O singelo monumento ao historiador ilustre da «Lisboa Antiga» completa o lindo quadro.

Ao cimo da rua Norberto de Araújo, temos algumas das poucas relíquias que nos restam da primitiva muralha que as invasões não conseguiram roubar-nos nem tivemos o mau senso de as destruir a rasgo de picareta. Ainda bem. É bom que saibamos merecer o prestígio dos nossos antepassados, recordar os seus feitos e viver a sua coragem, fé e esperança. Deixemos que as pedras falem bem alto do nosso valor em tempos que pouco falamos.

Visitemos o Museu de Arte Decorativa, e não perderemos o nosso tempo. Antes reviveremos muitas vidas e factos, seremos transportados de vários pontos da nossa Pátria para outros, dos confins do Oriente a algumas vilas do Continente, e daqui à faustosa corte de Luís XIV.

Continuemos a nossa peregrinação até ao Castelo, sentindo sempre vivas recordações do passado. Chegados que somos e estas alturas, sentimo-nos extenuados, com bastante vontade de descansar, de nos reconfortarmos com uma bebida fresquinha.

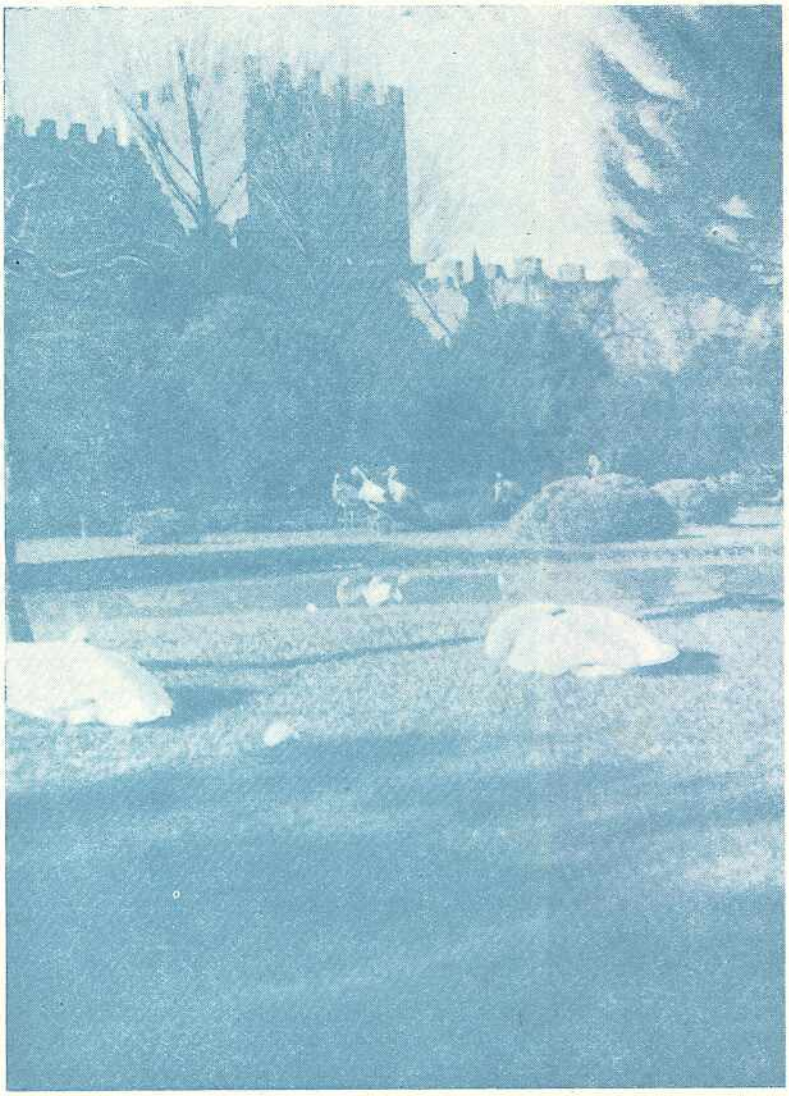
Passeamos devagarinho para não deixarmos de observar nada do muito que nos prende a imaginação. E, sempre a admirar a grandeza e a sublimidade das coisas, subimos ao mais alto das muralhas. Deste ponto, o mais elevado e livre de toda a Lisboa, os nossos olhares perdem-se na tão grande extensão de horizonte, a inexplicável beleza inebria-nos a alma, a variedade da paisagem perturba-nos. Esquecemo-nos do tempo, enquanto observamos o mundo deste miradouro de encantos, interrogamos as coisas, vivemos muitas vidas e factos. Tudo do muito que nos rodeia são motivos para meditar e admirar, tudo nos fala à alma e ao coração, tudo nos entristece e alegra, tudo nos fala do passado, dos nossos avós, de nossos pais e de nós próprios, tudo, enfim, nos anima a viver o futuro.

O vasto horizonte, que daqui podemos contemplar, é como que um pequeno mundo. Ele é viva representação do universo: desde o céu, no infinito, aos mais ténues grãos de areia que gemem debaixo

LISBOA - LISBONNE - LISBON
Um trecho de Alfama
Une image de Lisbonne ancienne (Alfama)
Tipical picture of the old Lisbon (Alfama)

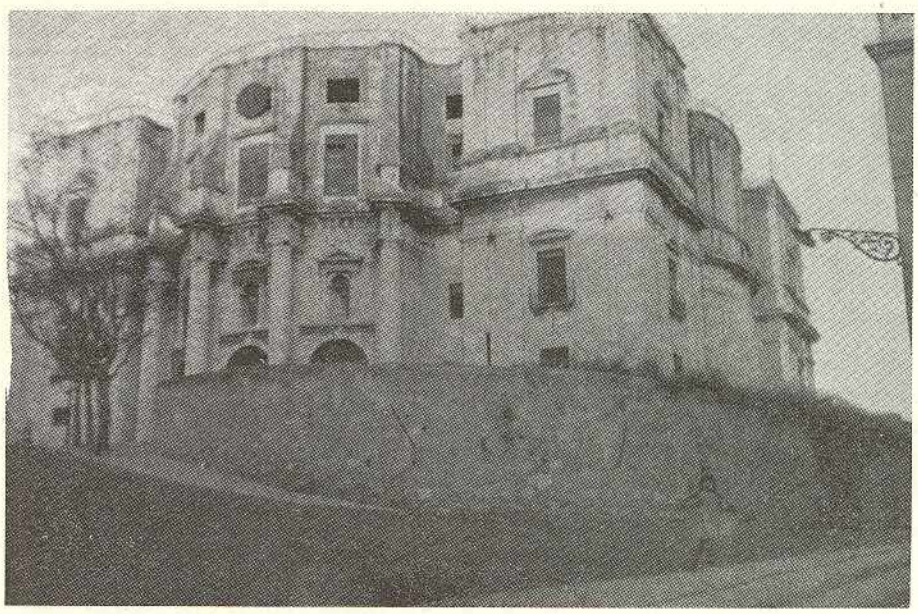
LISBOA - LISBONNE - LISBON

O Castelo de S. Jorge
Le Chateau de S. Jorge
The S. Jorge's Castle



de nossos sapatos; das mais profundas fé e esperança, no liminar das igrejas, ao materialismo dos laboratórios da ciência; da vida sedentária dos empregados alfacinhas à vida sadia do campo e dos corajosos marinheiros; dos alegres e calmos divertimentos aldeãos aos excitantes e depravados desvios do ócio citadino, tudo podemos vislumbrar e sentir do alto desta masmorra. Daqui observamos os resultados duma vida de trabalhos e de amor e entrevemos o terrível preságio de ruína do amor, da fé e da confiança — horripilantes resultados duma inobservada ciência e dos desejos do homem completamente egoísta. A Igreja recorda-nos uma linda procissão de muita magnificência que tantas saudades nos deixa. Ainda se realiza a procissão, mas em nada se pode comparar com a que se fazia noutros tempos.

Saímos pelo Menino de Deus, e, passados que são umas dezenas de metros, vemos logo, ao desembocar da rua de São Vicente, aquela imponente obra de arte que é a Igreja de São Vicente. A sua fachada principal é grandiosa, magníficas as suas linhas leves e perfeitas. Subimos as suas monumentais escadas e ultrapassamos as suas portas para ajoelharmos sobre um altar e rezarmos uma prece por aqueles arrojados guerreiros que ali foram sepultados, por esse sem número de bons patriotas e cruzados que sacrificaram suas vidas à firme consolidação de um país cristão. Não o podemos olvidar. São Vicente confirma o nosso



LISBOA - LISBONNE - LISBON

O edifício do Convento de Santa Engrácia que não chegou a ser concluído

L'inachevé couvent de Sainte Engracia

The unfinished Convent of Saint Engracia

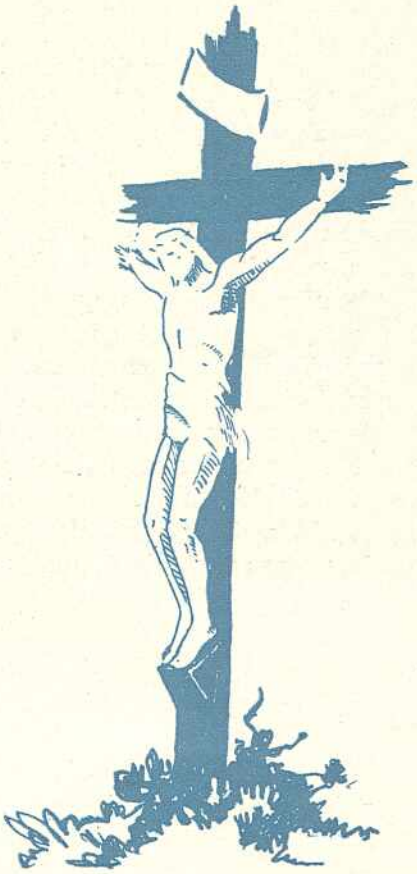
valor, a nossa fé, a nossa esperança. Ele está levantado sobre milhares de cadáveres, é alimentado pela gloriosa recordação dos mortos e é aquecido pelo amor que dedicamos àqueles que nos amaram até ao ponto de morrerem por nós.

Agora, sentimo-nos impressionados em frente das grandiosas e lendárias obras de Santa Engrácia, desprezadas e inacabadas. Somos da opinião dum nosso amigo que nos disse que devíamos tirar dalí quaisquer proveitos, pois que tal obra é demasiado importante para não ter utilidade.

O busto daquele eminente médico e inteligente e laborioso químico a quem esquecemos tão cruelmente depois de lhe havermos erigido uma estátua, faz-nos guardar alguns momentos de saudade e compaixão. Nem uma única roseira, flor ou verdura depomos a seu pés. Isto obriga-nos a pensar na triste mas dura realidade da vida. Parece-nos que a lembrança de Bernardino António Gomes — esse homem que tanto auxiliou o grande Nelson nas campanhas contra as forças napoleónicas (poucos o sabemos!) e o primeiro cientista que conheceu e aplicou as propriedades terapêuticas do quinino, nos está tão vendado como a boa leira de terra que lhe serve de berço está desprezada, convertida, como agora a vemos em parque de automóveis e solo de tendas.

Depois de vivermos algumas horas de verdadeira contemplação, podemos tomar o primeiro carro e fazermo-nos conduzir a um café ou cervejaria da Baixa para tomarmos um bem merecido gelado.

O «Cristo das Trincheiras» VEIO PARA PORTUGAL



DEPOIS da primeira grande-guerra, que assolou a Europa durante os quatro longos anos decorridos entre 1914 e 1918, a batalha de La Lys ficou como um símbolo do esforço militar português no horroroso conflito. Ali, os nossos soldados tinham culminado, através do mais significativo sacrifício, toda a bravura, toda a abnegação, todo o sentido do dever que os caracterizava desde o primeiro momento em que haviam descido às trincheiras da *frente*. Mas esses bravos, tinham sensibilidade e coração; e essa sensibilidade, e esse coração que os faziam pedir madrinhas, organizar festas de saudade ou cantar, nos momentos de maior perigo, nostálgicas canções da pátria distante, fizeram também erguer, em pleno campo de batalha, uma imagem de Cristo crucificado que, nos poentes inquietos, abria no céu da Flandres o recorte geométrico daquela cruz que foi, através de toda a história militar portuguesa, um símbolo sagrado de fé e de vitória. E esse crucifixo, que o espírito e a saudade portugueses ergueram na Flandres soube também cumprir o seu dever de soldado, compartilhando sempre e em todas as horas, das amargas peripécias da luta. Dominando as *linhas* portuguesas recolheu mil orações, escutou mil preces, foi testemunha de mil promessas e o alento e a esperança que se derramavam no acampamento emanavam-se do seu olhar e das formas turtuosas do seu corpo crucificado, exemplo sempre presente do maior sofrimento e da máxima resignação.

Mas surgiu o «9 de Abril». No inferno da metralha a confusão estabelecera-se. Um elo porém unia todos os portugueses: esse Cristo que ali estava para fornecer o derradeiro alento aos que lutavam sem esperança ou suavizar o último momento dos que tombavam. E para que a sua missão fosse mais efectiva, para que a sua influência fosse mais impressionante, para que essa imagem sagrada correspondesse mais perfeitamente ao espírito que a tinha erguido, a metralha em correria louca e cega, feria-o também, decepava-o também. A lama que as granadas faziam levantar em mil salpicos, também atingia a sua face, também maculava o seu corpo, como se Ele fosse, como os outros, um soldado português.

Nesse dia, o triunfo não podia pender para o nosso lado. Heroismo, sacrifício, bravura — tudo resultaria estéril nesse dia brutal. Mas quando chegou a hora da rendição, quando os portugueses com a alma despedaçada tiveram de erguer as mãos perante o inimigo, a imagem foi ainda fiel e consoladora ao acompanhá-los no cativeiro, a caminho dos campos de concentração de prisioneiros, na Alemanha.

Terminada a guerra, quantas vezes ao espírito dos combatentes portugueses não teria vindo a recordação saudosa dessa imagem, grata companheira de inolvidáveis momentos.

Quarenta anos passaram e a França, sempre gentil e cavalheiresca, quiz dar a Portugal uma prova mais do seu afecto e da sua gratidão, lembrada ainda dos tristes dias que se haviam alinhado, numa sequência de quatro anos: fez entrega à sua aliada militar de então, da imagem gloriosa do «Cristo das Trincheiras». As festividades comemorativas do «9 de Abril» tiveram por isso, este ano, a expressão mais enternecedora e piedosa. Em cerimónias cheias de grandeza e sinceridade, a imagem sagrada para todos quantos combateram na Flandres, chegou a Portugal, esteve exposta na capela da Escola do Exército e, justamente no dia 9 de Abril entrou no Mosteiro da Batalha onde repousará no ambiente magestoso da sala do capítulo, junto da campa rasa dos «soldados desconhecidos» de Portugal que, por certo A esperavam desde há muito... Humilde como eles, tendo gravados no corpo os sinais da luta e os golpes da metralha, está onde deve estar, entre as pedras gloriosas do templo erguido para comemorar a mais deslumbrante vitória do século XIV, numa consagração definitiva do valor militar dos exércitos portugueses.

A entrega do «Cristo das Trincheiras» revestiu-se de grande solenidade pois a França enviou, com alguns membros do seu Governo, uma deputação parlamentar e outras altas individualidades que vieram assistir às cerimónias e depôr condecorações, a título póstumo, na campa dos soldados desconhecidos, e, numa homenagem ao exército português, na bandeira do Regimento de Infantaria 15, a unidade portuguesa que mais se afirmou na Flandres, durante a guerra. Revista «Turismo» porém, apenas deseja registar o facto na sua expressão moral, salientando e festejando mais este gesto gentil e cavalheiresco de um grande país que de forma tão expressiva soube acrescentar tão valiosa circunstância a já tradicional amizade luso-francesa. É que a França, com esta grata homenagem, privou-se de um tesouro pois, como escreveu um jornalista, «o *Cristo das Trincheiras* era, na França, uma recordação dos Portugueses e passará agora a ser também, em Portugal, uma recordação dos franceses».

UMA OBRA PRIMA DA ILUMINURA PORTUGUESA

O MISSAL DE ESTEVAM GONÇALVES

O LIVRO SAGRADO, SOBRE O QUAL JURAVAM OS REIS DE PORTUGAL

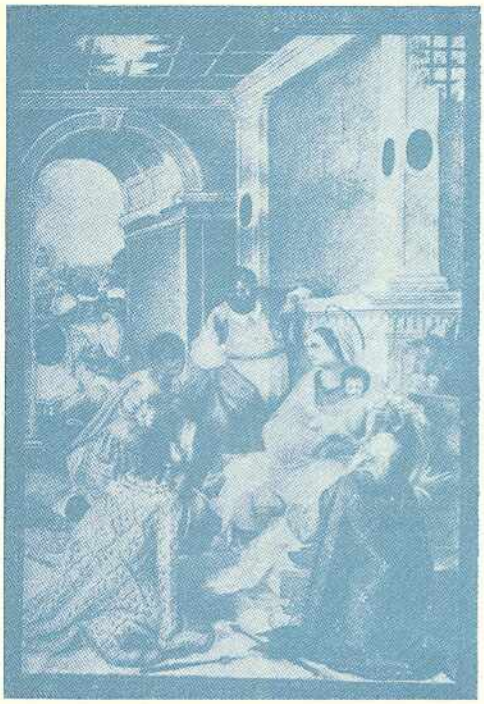
Por Jayme Duarte de Almeida

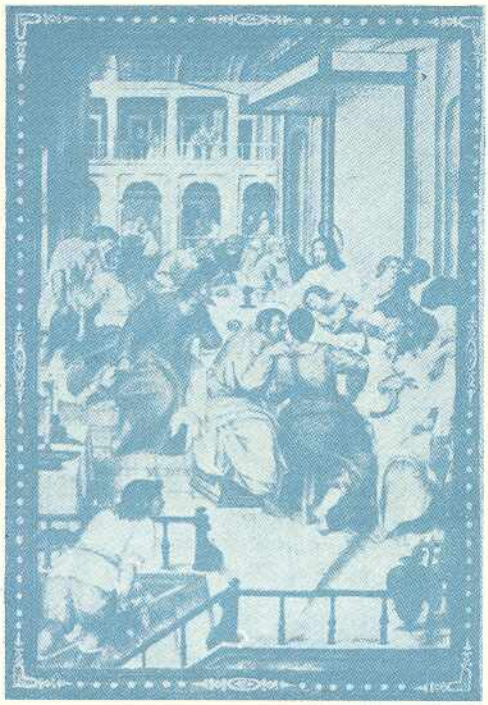
MORREU o Rei; Viva o Rei!

Este era o brado do ritual que, lançado à porta da real câmara mortuária, anunciava o fim de um reinado e o princípio de outro. No entanto, só tempos depois, quando tinha lugar a investidura — que com D. João IV passou a denominar-se *aclamação* — é que o rei era, de facto Rei, visto que esse acto é que o integrava na plenitude das suas responsabilidades oficiais e lhe assegurava a obediência e lealdade do clero, da nobreza e do povo.

As cerimónias da aclamação dos reis de Portugal, sofreram, como não podia deixar de ser, profundas transformações, em obediência à evolução dos costumes. No fundo porém, um aspecto se manteve quase sem alteração: o do juramento realizado solenemente sobre as páginas de um livro sagrado.

Mesmo quando os reis, abandonando certas prerrogativas, tiveram de aceitar a «Carta», só a fórmula do juramento variou. A cerimónia em si manteve-se igual e revestida da mesma solenidade. E como desde sempre, enfrentando o povo, os bispos ou as Côrtes, os Reis juravam com voz firme e vibrante, pronunciando as palavras num tom que ecoava através do silêncio emocionado que os rodeava.





As estampas da «Adoração dos Reis Magos» e da «Ceia»

Uma excepção porém parece ter-se verificado com a Rainha D. Maria II. Centro de um ambiente aquecido pelas paixões políticas, ponto fixo de uma alavanca em cujos extremos balouçavam forças opostas, teve de obedecer aos brados de liberdade lançados pelos exércitos de seu Pai Imperador e, muito jovem ainda, recitar um juramento que por certo não compreendia inteiramente. Admite-se portanto que no momento da aclamação todo o seu ser estremecesse de emoção, de receio talvez. E a sua delicada mão direita, transpirada pela imensa comoção do juramento que ia prestar, deixou numa das mais belas iluminuras do Missal de Estevam Gonçalves — a que representa a *crucificação* — uma mancha indelével, como a marcar os negros destinos que, a partir de então, seriam da sua família onde para sempre pareciam acabar os momentos verdadeiramente felizes. Ela própria morreu nova, inesperadamente, quando dava à luz o seu oitavo filho; D. Pedro V mal chegou a saborear a felicidade conjugal e a aperceber-se de quanto era amado pelo seu povo; D. Luís pareceu querer desmentir os rigores do destino mas logo D. Carlos vem conhecer um trágico fim e, por último, D. Manuel II, dois anos após a cerimónia da aclamação, iria a caminho do exílio...

Todos haviam jurado sobre o Missal de Estevam Gonçalves, pousando a mão direita, solenemente estendida, naquela iluminura da crucificação onde ficara a estranha mancha, testemunha de um momento impressionante e de um período agitado da História portuguesa.

Estes factos, aliados à indiscutível valia artística da obra, conferem ao célebre Missal de Estevam Gonçalves uma expressão muito especial que bem justifica a sua apresentação a todos quantos desconhecem esse preciosíssimo códice, considerado um dos mais belos trabalhos não só dos iluministas portugueses, com obras bem notáveis, como até da iluminura de todo o Ocidente europeu nos séculos XVI e XVII.

Existia em Portugal uma colecção extraordinàriamente rica de códices iluminados. Os pequenos livros miniaturados das «Horas de Nossa Senhora» existiam em grande número, não só nos palácios reais como em várias casas fidalgas. Eram verda-

«O Menino entre os Doutores» «N.ª Sr.ª recebendo o Menino das mãos de S. Francisco de Assis» belas estampas do Missal de Estevam Gonçalves

deiras maravilhas de desenho e colorido, podendo entre todas destacar-se, até como exemplo, e pela incomparável perfeição e graça ideal das imagens bem como pelo admirável concerto das cores, o que se tornou conhecido por «Livro de Horas de D. Manuel». Como este, que chegou até nossos dias, outros existiam, muito enriquecendo o nosso património artístico nos sectores da iluminura. No entanto, uma grande parte desses volumes encantadores foram desaparecendo, primeiro com a partida para o Brasil de uma parte da Côrte, depois com as invasões francesas e, por último, com as campanhas entre liberais e realistas, a determinar o abandono precipitado de muitos solares ou o exílio para o estrangeiro de algumas famílias nobres que se faziam acompanhar de haveres que por lá ficariam.

Para que se faça uma ideia do que poderia ser a riqueza dessa colecção basta dizer que desde o século XIII que vinham para Portugal, em grande número, excelentes exemplares feitos em França e na Flandres e que, passado pouco tempo, possuiamos também artistas nacionais que, principiando por copiar essas obras acabavam por as exceder em perfeição e espírito criador.

O Missal de Estevam Gonçalves é uma das mais extraordinárias obras da iluminura portuguesa de todos os tempos e a mais preciosa de quantas escaparam até hoje nos nossos arquivos. O seu autor, Estevam Gonçalves Netto, de seu nome completo, era abade de Serem. Começou o seu trabalho, que destinava às missas pontificais, em 1610, naquela localidade a que as margens do Vouga oferecem extraordinário pitoresco. Terminou-o em 1622 em Viseu, quando ali estava como cónego da Sé. Ofereceu-o então ao seu prelado, o bispo D. João Manuel que mais tarde governaria a diocese de Coimbra e seria, depois, arcebispo de Lisboa. D. João Manuel, por sua vez, ofereceu o magnífico códice à livraria dos padres do Convento de Nossa Senhora de Jesus, daí transitando, passados anos, à posse da Academia Real das Ciências.

O missal de Estevam Gonçalves, executado sobre pergaminho, é de extraordinária riqueza decorativa, denunciando de forma impressionante o raro mérito artístico do autor, a perfeição do

«A Ressurreição» e «A descida do Espírito Santo» magníficas estampas do missal de Estevam Gonçalves

seu desenho e o suave domínio da cor, tudo isso aliado a um conhecimento, na verdade excepcional, do ornato e da perspectiva. Todas as páginas ostentam admiráveis cercaduras ou vinhetas com preciosos motivos alegóricos e explêndidas iniciais de engenhoso recorte e rica policromia.

Além do frontispício, são dez as estampas do sumptuoso missal, todas elas revelando uma grande delicadeza de concepção e a mais cuidada execução, oferecendo cada uma das figuras, pela sua diversa expressão, um interesse muito particular. Representam essas estampas «A adoração dos pastores», «A adoração dos Reis Magos», «A Ceia do Senhor», «A crucificação», «A Ressurreição do Senhor», a «Descida do Espírito Santo», a «Assunção de Nossa Senhora», «O Cadafalso», «O menino entre os doutores» e «Nossa Senhora recebendo o menino das mãos de S. Francisco de Assis». É uma sucessão admirável e entre todas, se for possível distinguir, são talvez de destacar as que representam «Nossa Senhora recebendo o Menino das mãos de S. Francisco de Assis», a «Ceia do Senhor» — por muitos considerada a melhor — e a «Adoração dos Pastores». Na primeira — que é a última da obra — a delicadeza do traço e a suavidade das cores, a harmonia do conjunto e a expressão das figuras, a religiosidade do ambiente e a subtileza do enquadramento, atingem um plano elevadíssimo onde a arte e a poesia se casam de forma empolgante; na segunda, o tema tantas vezes tratado pelos mais geniais artistas, não receia o confronto mesmo com as mais notáveis obras congéneres, incluindo as mais célebres interpretações conhecidas; a «Adoração dos Pastores» é outro conjunto de maravilhosas figuras, tratadas com insuperável rigor e a mais deslumbrante expressão. Mas todas as outras estampas são igualmente notáveis, oferecendo pormenores de tal valor artístico que permitem classificar a obra de Estevam Gonçalves entre o que de mais valioso e belo se conhece na iluminura de todos os tempos.

Merece pois que se registe nestas páginas — a arte e o turismo têm flagrantes identidades — e existência da notável obra sobre cujas páginas prestavam os Reis portugueses o seu juramento de fidelidade no momento da aclamação.

INICIATIVAS QUE INTERESSAM AO TURISMO

O Campeonato do Mundo de Caça Submarina realiza-se este ano em Portugal

A caça submarina, ìntimamente ligada à necessária exploração, é um desporto moderno que reúne em si as melhores condições de agrado pois abriu aos jovens um campo de acção desportiva inteiramente novo e cheio de encantos. O fundo do mar, realmente, oferece os mais vastos e belos panoramas, de um colorido estranho e de uma amplitude deslumbradora. Por outro lado, os animais que habitam esses meios conferem-lhe curiosíssima agitação e contribuem grandemente, com as suas caprichosas formas e por vezes intensas cores, para a beleza do conjunto submarino.

Aquele que uma vez tentar a exploração submarina fica desde logo conquistado, de tal forma que a sua prática já se tornou extensiva a senhoras e crianças que assim contribuem para engrossar a legião de praticantes, ávidos de novas emoções e de ambientes diversos.

Desporto cheio de perigos, encontrou na juventude de Portugal o mais entusiástico acolhimento, sendo já em grande número os desportistas que

Pratique a CAÇA SUBMARINA – UM DESPORTO APAIXONANTE
Grande sortido de: ESPINGARGAS, PISTOLAS, ARPÕES,
PALMAS, ÓCULOS, VISEIRAS, RESPIRADORES, ETC.
ESCAFANDROS «COUSTEAU-GAGNON» NOVIDADES
Representante exclusivo da importante firma Pêche-Sport «TARZAN»
À venda, artigos das casas «CHAMPION», «WATERSPORTS» e outras
A. M. SILVA
ARMAS • MUNIÇÕES • CAÇA • PESCA • DESPORTOS
A CASA QUE MAIS BARATO VENDE E MAIOR SORTIDO TEM
RUA DA BETESGA, 1 LISBOA TELEF. P. B. X. 31313 / 31314

a ele se entregam, justamente na modalidade que melhores condições atléticas exige e maiores riscos oferece: a caça submarina. É que esta tem de ser realizada sem escafandro, dependendo o êxito, pura e simplesmente, das possibilidades individuais do praticante. E de tal forma se houveram os Portugueses na prática do novo desporto que, concorrendo aos campeonatos europeus e mundiais, realizados em *campos* que lhes eram inteiramente desconhecidos e diferentes — forçando mergulhos de 20 metros quando, nas nossas costas, bastam 6 ou 7 para se encontrar a maior variedade de peixes — alcançaram, em qualquer dos casos, um honroso 5.º lugar, classificando-se à frente de algumas nações mediterrânicas, cujos caçadores perfeitamente conheciam os locais de acção. Esse excelente comportamento justificou o convite dirigido ao Centro Português de Actividades Submarinas no sentido de realizar-se este ano, em águas portuguesas, o campeonato mundial de caça submarina, já marcado para fim de Agosto.

O que o facto representa para o turismo nacional não pode deixar de registar-se com sincero júbilo e ainda bem que assim o compreenderam as entidades oficiais, especialmente o S. N. I. que com elas patrocina e subsidia a organização.

As provas realizar-se-ão no Cabo Espichel mas, antes, os concorrentes terão Peniche como campo de treino. Em qualquer destes locais se encontra peixe das mais variadas espécies com uma abundância que talvez não tenha igual no Mundo.

Este campeonato mundial pode pois representar para o turismo nacional um excelente meio de propaganda, porquanto, não tardarão a procurar as nossas costas os desportistas dos mais distantes lugares, desejosos de reunir, ao prazer visual da exploração submarina, a prática da caça num meio onde a captura se torna aliciante pela enorme quantidade de peixe.

Além disso estarão presentes jornalistas desportivos dos doze países concorrentes e a televisão europeia e americana, bem como algumas empresas produtoras de filmes que aqui virão fazer os seus documentários. E um grande e novo cartaz turístico de Portugal irá mostrar aos estrangeiros mais uma riqueza da nossa terra.

O grupo folclórico de Santa Marta de Portuzelo em plena exibição
Le groupe folclorique de Santa Marta de Portuzelo
The Santa Marta de Portuzelo Folkloric Group

O Grupo Folclórico de Santa Marta de Portuzelo

e o festival internacional de que é organizador

O Grupo Folclórico de Santa Marta de Portuzelo foi fundado em fins de 1939 e apresentou-se pela primeira vez em público no dia 4 de Junho de 1940 em Guimarães representando o seu Concelho nas Festas Centenárias.

Apresentou-se em quase todas as Cidades e Vilas Portuguesas e tem ido várias vezes ao Estrangeiro com o encargo da representação do Folclore Nacional em Festivais Internacionais. Apresentou-se já em Espanha, França, Dinamarca, Suécia e Finlândia, devendo ainda este ano tomar parte em Festivais a realizar na Itália, Bélgica, Alemanha e Inglaterra. Tem também pendente uma deslocação ao Brasil no que se acha

empenhado o Ginástico Clube Português do Rio de Janeiro.

Está ainda em preparação uma visita ao nosso Ultramar, Angola e Moçambique, visita que está apenas dependente de disponibilidade de tempo e datas, visto que, não sendo um Grupo profissional tem dificuldade em deslocar, muitas vezes no mesmo ano, os seus componentes.

É o organizador do Festival Folclórico Internacional de Santa Marta de Portuzelo que este ano se vai realizar no dia 10 de Agosto próximo pela quarta vez. Este Festival tem sem sombra de dúvida uma enorme projecção além fronteiras, tal o interesse que as várias representações dos Países da Europa manifestam pela sua vinda ao Festival de Santa Marta de Portuzelo. Realizado num apropriado recinto com soberbo cenário rústico, servido por explêndidas vias de acesso, situado dentro duma característica propriedade da Região, em pleno coração do ambiente campesino, onde não faltam as medas de palha, os utensílios agrícolas espalhados por aqui e por além, as cortes de gado onde uma moçoila envergando o seu traje regional distribui a comida aos animais, as frondosas latadas e as perfumadas árvores de fruto e preservarem os forasteiros do tórrido calor de Agosto, o mesmo recinto pode comportar uma assistência de cerca de 10.000 pessoas com cerca de 3.000 lugares sentados e quase todos à sombra. Estes lugares não tendo uma comodidade requintada que viria porventura adulterar o sabor do espectáculo e do ambiente que se pretende conservar — fartos de comodidades requintadas e de pormenores de espectáculo de cidade vêm aqueles que procuram assistir a um Festival de Folclore — são entretanto estes lugares sentados constituídos por cadeiras individuais dispostas à volta do estrado, procurando a Organização de ano para ano melhorar as condições de visibilidade, isto é, dando à plateia tanto quanto possível a configuração de anfiteatro. Nesse aspecto vai o público encontrar no Festival deste ano importantes melhoramentos, sem tirar ao local o indispensável ambiente de campo, próprio de uma mata de quinta do Alto Minho. O peão é todo situado debaixo de frondoso pinheiral, onde é improvizado um autêntico arraial minhoto, com a sua tasca de vinho verde e as barracas e tendas de saborosos «comes e bebes».

Dentro da mesma quinta há um parque para 300 carros dos convidados, das Entidades Oficiais e do Corpo Diplomático. A cem metros do recinto, um outro parque tem capacidade para cerca de mil carros destinado ao público em geral e ainda

Alguns componentes do grupo folclórico de Brive-la-Gaillarde (França) que tomará parte no festival de 1958.

Le groupe folclorique de Brive-la-Gaillarde qui viendra au festival de Santa Marta de Portuzelo.

The Brive-la-Gaillarde Folkloric Group (France).

Alguns componentes do grupo folclórico de Agrigento (Itália) que também tomará parte no festival de 1958.

Quelques figures du groupe folclorique de Agrigento, qui viendra aussi au festival de 1958.

Some components of the Agrigento Folkloric Group (Italy).

a igual distância um outro existe para cerca de 250, destinado exclusivamente a sócios do Automóvel Clube de Portugal. Muitas brigadas da Polícia de Viação e Trânsito, a pé, de motocicleta e de automóveis, ordenam de maneira exemplar o trânsito que no ano findo foi impecável. Em 1955 concorreram ao Festival apenas Portugal e a Espanha; em 1956 veio pela primeira vez a França; em 1957 vieram mais a Itália, a Bélgica e a Holanda; em 1958, isto é, ao Festival deste ano, concorrem representações da Espanha, França, Itália, Áustria e Inglaterra, além de seis dos mais representativos Grupos Portugueses.

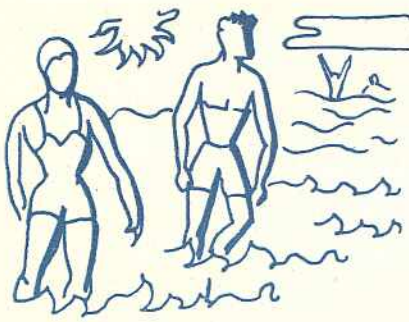
Isto prova que a bela iniciativa do Grupo Folclórico de Santa Marta de Portuzelo segue a sua marcha ascendente, ganhando de ano para ano uma expansão sempre maior, num inestimável serviço prestado aos aspectos sempre interessantes das relações populares entre os povos.

O Festival Internacional de Santa Marta de Portuzelo é um dos números do programa das Festas Anuais da localidade que vão realizar-se de 8 a 10 de Agosto, com um valoroso programa religioso e civil, onde não faltará também a queima do característico fogo de artifício e outros números em uso nas festas e romarias do Norte de Portugal, nesse pitoresco Minho tão cheio de encantadoras tradições.

E para terminar estas breves notas é de justiça salientar o nome do Dr. António Eduardo de Sousa Gomes, activo Presidente da Direcção do Grupo Folclórico de Santa Marta de Portuzelo que para a organização dos festivais tem dado o melhor do seu esforço, da sua competência e do seu entusiasmo. A ela se deve, em grande parte, o prestígio conseguido pelo simpático e valoroso agrupamento.

Praias e Termas

CONJUNTO DE MARAVILHA



A CHEGADA da Primavera, alvoroçando os seres, traz a todos os espíritos a imagem aliciante das praias, robustecida pela saudade desse misto de mar e céu, desse conjunto de luz e cor, que caracteriza toda a costa portuguesa debruçando-se risonha sobre o Atlântico. Cinco meses de afastamento é quase uma eternidade para um povo que traz o sol na alma e o mar no coração.

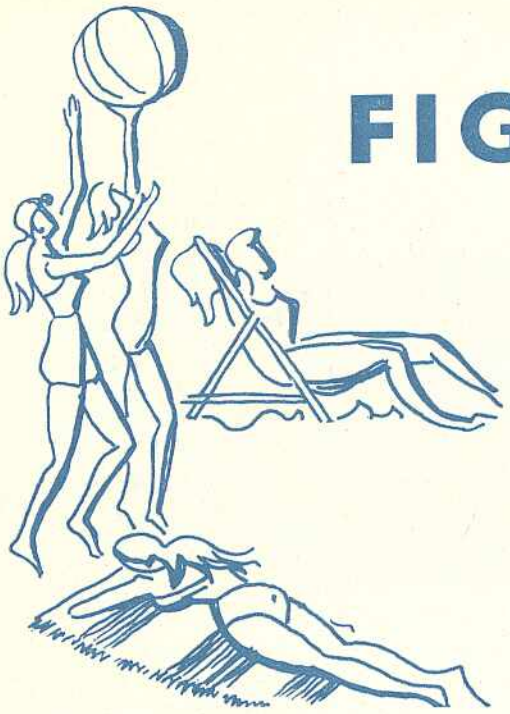
Por isso, mal surgem as primeiras andorinhas, mal aquece o sol, as praias povoam-se de uma multidão que não tem idade porque a integra todo o ardor da juventude e toda a alegria de viver. O litoral anima-se; despovoam-se as cidades e só depois de inundados os olhos da beleza das ondas, só depois de regalados os espíritos do prazer do sol se começa a pensar no campo e nas serras onde uma paisagem igualmente bela mas mais calma adoça os ardores do sol já forte do Verão que se aproxima. E a multidão alastra-se, formigando desde o litoral ardente até às sombras convidativas das matas de altitude, passando pelos campos onde o verde salutar se acha animado pela presença colorida das flores e dos frutos. É então chegado o tempo das *termas* e esse nome que envolve a ideia de menos saúde, que parece corresponder imperiosamente a uma necessidade de feição orgânica, toma de súbito uma expressão diferente e agradável onde a vida é alegre e se oferecem horas boas àqueles que as frequentam. E é consolador constatar que elas representam verdadeira compensação para todos os sofrimentos, uma vez que a cura pode alcançar-se num ambiente de franca diversão, entre as mil distracções que

por E. de Pimentel Teixeira

o moderno sentido de turismo levou a todos esses lugares. E esse cuidado, esse carinhoso cuidado, já vem de longe. Opondo-se ao sentido utilitário que os Gregos deram às *termas*, Roma, que de princípio adoptou a forma clássica, imprimiu depois verdadeira sumptuosidade construtiva e intencional aos seus famosos banhos públicos, lançando os moldes que jàmais se abandonariam. E em Portugal, nesta bendita faixa territorial onde o Império Romano estabeleceu tantas *termas* (Caldelas, Cássios, Chaves, Conimbriga, Entre-os-Rios, Monchique, Monte Real, etc.) estão hoje, como outrora, espalhadas essas e outras estâncias, todas elas com o «clima» simpático que converte a cura em agradável veraneio ou digressão recreativa.

A praia é, no fundo, obra exclusiva da Natureza — o sol e o mar, ninguém os pode alterar; as *termas* já têm muito da obra do homem. E se ali o Divino Arquitecto foi pródigo em benefícios, nestas o homem rodeando de belezas e atractivos a fonte salutar, dá um nobre exemplo de humanidade cuja expressão é enternecedora.

Praias e Termas! — conjunto maravilhoso, notas dominantes de uma sinfonia magnífica que todos os anos espalha beneces, reavivando esperanças, aumentando alegrias, prodigalizando a saúde e o gosto de viver. E por todo o País, um movimento contínuo, um formigar curioso onde se ri e se canta. É o homem armazenando confortos que lhe darão alento para suportar o ambiente baço do Outono que virá, o rigor do Inverno e a saudade do campo, da serra e do mar...



FIGUEIRA DA FOZ

RAINHA DAS PRAIAS DE PORTUGAL

por Guedes de Amorim

O MAR e a terra, o rio e a serra, o sol e os homens fizeram esta maravilha que se escreve em breves letras: Figueira da Foz. Maravilha da Natureza, maravilha da Humanidade. Entre nós, distingue-se como a primeira praia portuguesa. Não só em Portugal, porém. Na Península, goza de prestígio — afirma-se — sobre San Sebastian e, também, sobre Santander. Vão mais longe ainda, nos louvores: como estância de veraneio, em que as atracções naturais foram acrescentadas e desenvolvidas, turìsticamente, tem nome no estrangeiro, na Europa e nas Américas, chamando pela quadra estival milhares de veraneantes.

Saborear o ar, beber o sol e dilatar os olhos por esta praia e paisagem da área concelhia, pode dar-nos a euforia de que a juventude nova passe permanentemente para estes lados. Eis o segredo e o milagre da Figueira. Renova-se pela munificência da sua luz, a ponto de já ter merecido, e muito bem, a classificação de «praia da claridade»; renova-se, pelos melhoramentos locais, com grandiosos edifícios, para serviços públicos, vendo-se também por todos os lados, testemunhos apreciáveis da arquitectura civil moderna; pelos empreendimentos dos Figueirenses, que, na indústria e no comércio, tudo fazem por progredir. Melhoramentos, pode bem dizer-se, é uma palavra cheia de insatisfação que domina os homens públicos responsáveis pelo presente e futuro da cidade e de todo o concelho.

Conta a Figueira, pela luz que a banha e pela vitalidade que a renova, aparência completamente nova. Cidade com vinte anos, seríamos tentados a dizer, seduzidos pela alacridade geral. Bem longe, porém, começam os seus destinos. Um facto pouco conhecido a ilustra, logo ao alvorecer da nacionalidade: Afonso Henriques, encontrando-se em Coimbra, num dos intervalos das suas heróicas perseguições aos mouros, veio a esta praia refazer-se de achaques que, nessa altura, o atormentavam. O mar foi o primeiro cartaz da Figueira. Sanatório peninsular, o mar da Figueira foi a sua primeira porta para o mundo. Durante os primeiros reinados, daqui partiam, segundo alguns historiadores, as armadas de frotas e galés, que o destino cobriria de êxitos e glórias. A história da Figueira ocupa, ainda, merecido espaço na História de Portugal. Visite-se o forte de Santa Catarina, e, diante da lápida que lá evoca a conquista de Montemor e de Tentugal pelos voluntários académicos e povos do concelho, poder-se-á reviver uma grande fase da guerra Peninsular. Nas praias ao sul da Figueira, do começo desse Agosto de 1808, desembarcaram cerca de 13.000 soldados ingleses. Estes soldados, sob o comando do Duque de Welington iriam colaborar, e eficazmente, na expulsão das tropas napoleónicas.

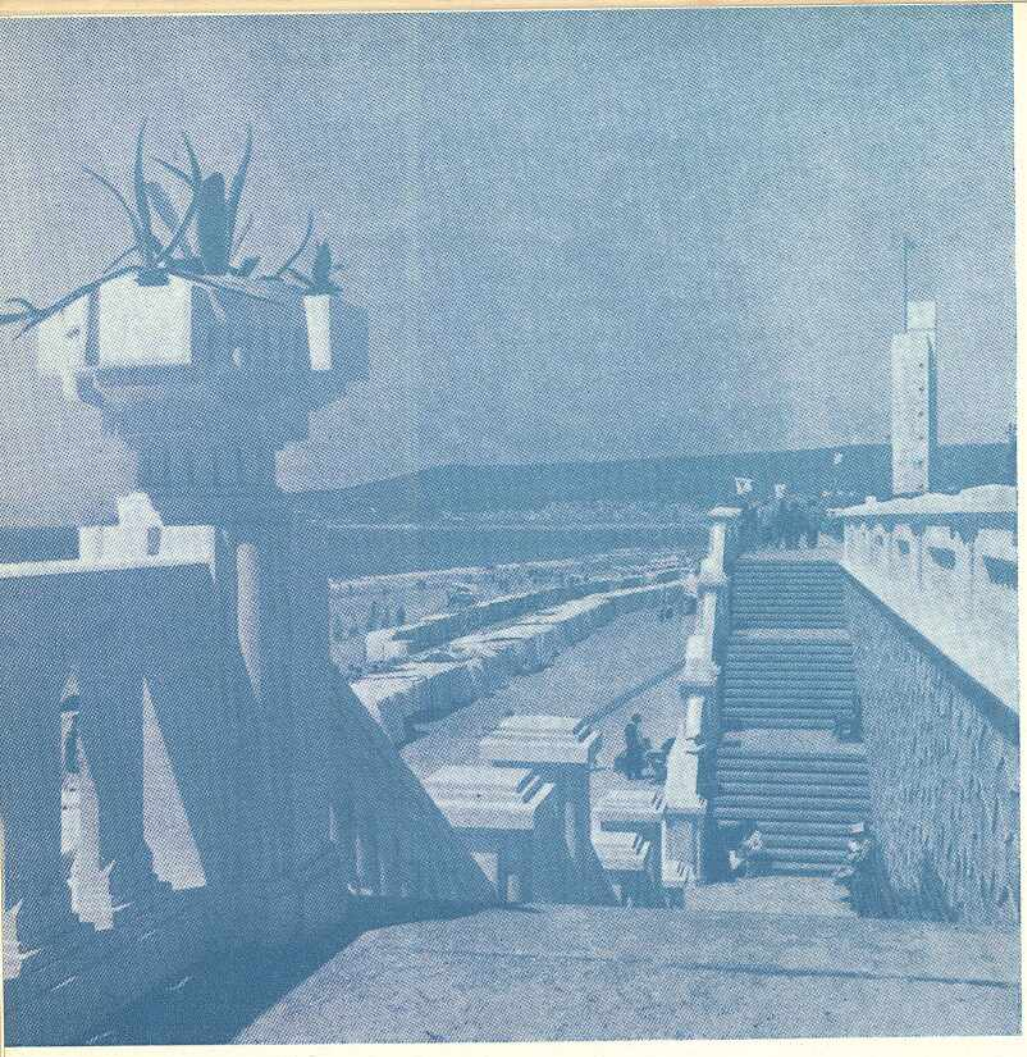
Terra progressiva, durante muito tempo mereceu ser classificada a terceira praça comercial e marítima do País. Classificação nada exagerada, acentuemo-lo. A sua exportação de vinho, durante alguns anos, atingiu 7.000 pipas, e demandavam ou largavam do seu porto à volta de 700 embarcações. Acto de justiça constituiu, pois, o decreto do Marquês de Pombal, que a elevou a vila, assim como a sua elevação a cidade, por D. Luís, em 20 de Setembro de 1882.

O seu grande século, em muitos aspectos, foi o XIX. Grandiosos edifícios o documentam: a Misericórdia, a antiga Associação Comercial, a Assembleia Figueirense, o Casino Peninsular, o Coliseu Figueirense e os Paços do Concelho. Mas, como as grandes famílias, as cidades continuam-se, em sucessivas, enérgicas e responsáveis gerações. Deste modo, se o passado ficou bem documentado, o presente, na maneira regionalista daqueles que o querem tão faustuoso quanto florescente, apresenta-nos testemunhos merecedores de toda a admiração.

Estamos numa cidade com personalidade própria, que, digamos assim, fala em voz alta. Talvez aqui não se saiba ou não se tenha o mau costume de gritar; porém, a verdade é que, na voz da luz, se escuta a voz do trabalho, a voz do mar e a voz da terra, num orfeão de legítimas e patrióticas canseiras. Figueira da Foz, na vida citadina como na vida concelhia, representa sinónimo de trabalho. Lisboa fecha os ouvidos ou atende preguiçosamente ao que os figueirenses reclamam. Nem assim eles esmorecem. No relógio de amanhã, as horas serão de labuta e esperança, como sempre foram.

Cidade para ver por dentro, cidade para ver por fora, merece uma visita aos seus subúrbios e pontos mais atraentes. Ramalho Ortigão, que dizia ser a Figueira a rainha das praias de Portugal, bem poderia ter dito, também, que os pas-

Um belo trecho da praia da Figueira da Foz • Jolie image de la plage de Figueira da Foz • Beautiful picture of the beach of Figueira da Foz



A monumental escadaria que conduz à praia da Figueira da Foz.

Les magnifiques escaliers de la plage de Figueira da Foz.

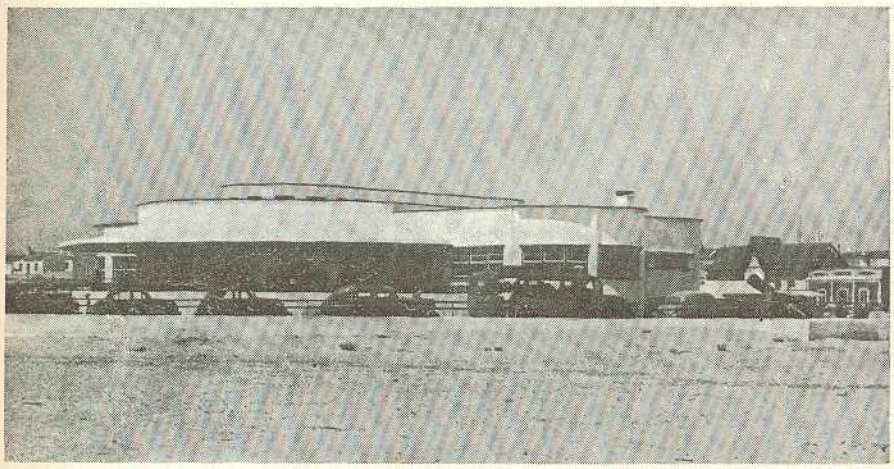
Magnificent staircase in the beach of Figueira da Foz.

seios a que ela convida ou os panoramas de que permite disfrutar são desses, raríssimos, que jamais se olvidam. Vamos, sem mais demora, no rolar lento do automóvel, até à Serra da Boa Viagem. Varanda paradisíaca, deixa os olhos surpreendidos, maravilhados, como se fruissem desconhecido e absorvente espectáculo pagão. De outras varandas naturais, correm os olhos para encantos panorâmicos inesquecíveis. Do miradouro da Bandeira abrange-se Aveiro, na brancura sensual dos braços da ria. Alvejam lugares: Quiaios, Branha, Alhadas. Na Vela, debruçado sobre as dunas, desdobra-se a visão, deixando a serra pela várzea. Serra da Boa Viagem, serra da viagem que não se afasta da memória! Lá baixo o farol, o mar ensopado de oiro, com o pão dos pescadores e a saúde e a alegria dos visitantes.

Fornecem-nos elementos sobre os valores da região: «As actividades económicas mais importantes deste concelho, que se abre por 12 freguesias, são constituídas pela salicultura, pesca da sardinha, pesca costeira e interior, pesca de bacalhau, importação e exportação de mercadorias, secagem de bacalhau, conservas de peixe, construção naval, agricultura, extracção de carvão e fabrico de cal gorda e hidráulica e fabricação de vidro». Já se disse que a Figueira é das terras que falam em voz alta. Pela variedade de actividades, que lhe dão características e lhe dão prestígio, essa voz faz-se ouvir na vida nacional. Atender as suas reclamações, no quadro de projectos e melhoramentos que tem esboçado, representava acto de justiça e de elevado patriotismo.

Terra de trabalhadores e terra de poetas: próximo daqui, na vila de Montemor, nasceu o célebre autor de «Diana»; dentro da cidade, lá em cima, nasceu João de Barros, o nosso presente e «eminente poeta dos grandes sonhos da humanidade». Sob este céu, glorioso de asas e anil, nasceu também Fernandes Tomás, o «Catão do vintismo».

Continua na pág. 84



Casino Oceano de Monte Gordo
Le Casino de la plage de Monte Gordo
The Casino in the beach of Monte Gordo

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO E A PRAIA DE MONTE GORDO

NA encantadora província do Algarve, Vila Real de Santo António e, de uma maneira geral, toda a sua região, ocupa um lugar de franco destaque não apenas pelo seu valor comercial e industrial mas também como zona de turismo, das mais apreciadas de Portugal. Para isso concorre, entre outros factores também valiosos, a proximidade da praia de Monte Gordo, apenas a quatro quilómetros, de uma reputação já feita e que, de dia para dia, mais se valoriza, como convém à sempre maior afluência de público, atraído por essa excelente estância cujo mar oferece as mais extraordinárias condições de segurança, tão extraordinárias que a praia se recomenda especialmente para as crianças. Porém e como se essa circunstância não fosse já bastante para lhe conferir uma expressão muito especial entre todas as praias portuguesas, Monte Gordo apresenta-se modernizada e enriquecida com todos aqueles aspectos que podem proporcionar aos turistas as horas mais agradáveis: o Casino Oceano, com toda a classe de diversões correspondentes, campos de ténis e até um magnífico parque de campismo, situado apenas a 300 metros da praia.

Não admira assim que a praia de Monte Gordo de ano para ano vá vincando mais profundamente o seu cosmopolitismo pois as suas excelentes qualidades que, desde há muito, já eram conhecidas no sul de Espanha, chegaram bem mais longe — de tal forma que se tornou frequente a visita e estadia de turistas vindos dos mais distantes países.

Ligando à expressão turística da região a importância do porto comercial de Vila Real de Santo António e a grandiosa doca de pesca, em vias de conclusão, far-se-á uma ideia do valor desta região algarvia e do interesse que pode despertar uma visita, da qual se regressa sempre com os olhos inundados de beleza.

O magnífico parque de campismo de Vila Real de Santo António
Le magnifique parque pour campisme près de Vila Real de Santo António
The park of camping in Vila Real de Santo António

Vista geral de Figueiró dos Vinhos
Vue general de Figueiró dos Vinhos
General view of Figueiró dos Vinhos

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

MARAVILHOSA ESTÂNCIA DE TURISMO

Por Jayme Duarte de Almeida

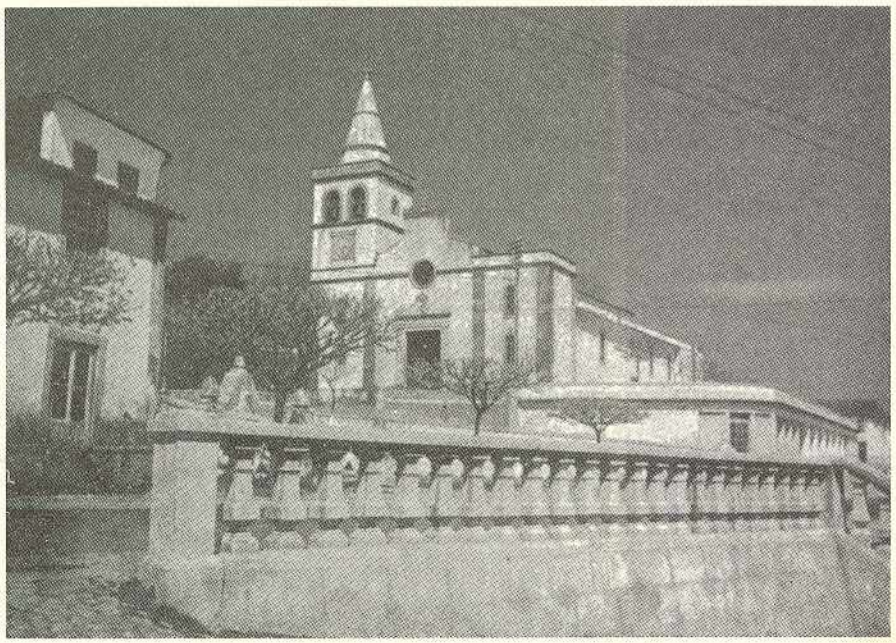
Sob o ponto de vista de beleza paisagística, a região de Figueiró dos Vinhos pode, sem sombra de dúvida, enfileirar no que de mais pitoresco e realmente belo possui a terra portuguesa. Na verdade, os cenários naturais sucedem-se ali num encantamento valorizado por uma variedade pouco comum. E ao contrário de muitos locais famosos onde contudo se oferece ao visitante uma sequência de beleza sempre semelhante, na região de Figueiró dos Vinhos não existe qualquer aspecto de monotonia pois nos proporciona horizontes sempre diferentes na cor, na expressão e na perspectiva. Desde a beleza calma dos jardins onde se sente a colaboração do homem até à paisagem rude e imponente onde apenas a Natureza operou; desde os amplos horizontes até aos locais

limitados dos vales, convidando à contemplação do pormenor — tudo se acha nessa região bendita onde uma breve visita não pode satisfazer o espírito, por muito leviano que seja, que se sente subjugado, obrigado a permanecer, desejoso de que não fiquem por admirar todas essas imagens tão diferentes mas que jàmais se apagarão da sua memória.

Não há, nestas afirmações, exagero algum, nem ao menos qualquer sentido demasiado optimista porque, já se disse, Figueiró dos Vinhos e a sua região podem indicar-se a portugueses e estrangeiros como uma das mais extraordinárias parcelas de beleza de que Portugal pode orgulhar-se. O troço de estrada que, das Fragas de S. Simão sobe para Figueiró dos Vinhos, permitindo uma sucessão de pontos de vista sempre mais elevados sobre um panorama deslumbrante, dá lugar a um espectáculo natural que jàmais pode esquecer-se, sejam quais forem as imagens já fixadas pelo observador ou aquelas que o destino ainda lhe reserve no decurso de futuras viagens. É que trechos como esses, onde a grandeza se alia à harmonia e a amplitude perfeitamente se casa com a magnificência paradisíaca do que de mais perfeito a Natureza consertou, não são, não podem ser vulgares em qualquer latitude da Terra. E no entanto, como este pedaço citado quase ao acaso, outros existem igualmente magníficos em toda esta região onde chega a parecer que a própria Natureza se deteve, maravilhada com a sua própria obra e para lhe dar os retoques necessários à consumação da verdadeira obra-prima.

*

Històricamente, pode afirmar-se que a vila de Figueiró dos Vinhos é antiquíssima. Alguns documentos históricos, relativos ao ano de 783, assim o provam e, mais que isso, levam a admitir a sua fundação muito antes dessa data. No entanto e já após a constituição da nacionalidade portuguesa, não foi ainda possível averiguar a era exacta em que as hostes de D. Afonso Henriques a tomaram aos mouros. Foi certamente antes de 1147 porque, nesse ano, o Rei Conquistador a mandou povoar. Em 1180 porém, já nos derradeiros anos do reinado do fundador da pátria, Figueiró dos Vinhos voltaria à posse dos sarracenos, retomada pelo rei mouro de Sevilha, Ismael, que, ou por represália ou por temer novo e próximo ataque português, completamente a arrazou, tão completamente que, ao dar-se a reconquista no tempo de D. Sancho I, apenas foi possível estabe-



A Igreja Matriz de Figueiró dos Vinhos, considerada monumento Nacional
L'eglise de Figueiró dos Vinhos
The Church of Figueiró dos Vinhos

O altar-mor da Igreja Matriz com o belo retábulo pintado pelo saudoso Mestre Malhoa

Le Maitre-autel de l'eglise de Figueiró dos Vinhos, avec le tableau du peintre Malhoa

The higt-actar in the Church of Figueiró dos Vinhos

lecer ali uma pequena aldeia quando é certo que, antes, já havia merecido o foral de vila, concedido por Pedro Afonso — bastardo de D. Afonso Henriques — em 1175.

A repovoação logo determinada por D. Sancho permitiu que em breve tempo voltasse à categoria de vila, o que lhe foi concedido por foral outorgado no ano de 1189. D. Afonso II, a reafirmar a sua importância, concede a Figueiró dos Vinhos, em 1218, vários privilégios e benefícios e a vila, acompanhando os progressos naturais da Idade Média, tornar-se-ia mais tarde digna de novo e honroso foral, dado pelo Rei D. Manuel I em Lisboa, aos 14 de Abril de 1514, quando se efectuou a revisão dos municípios.

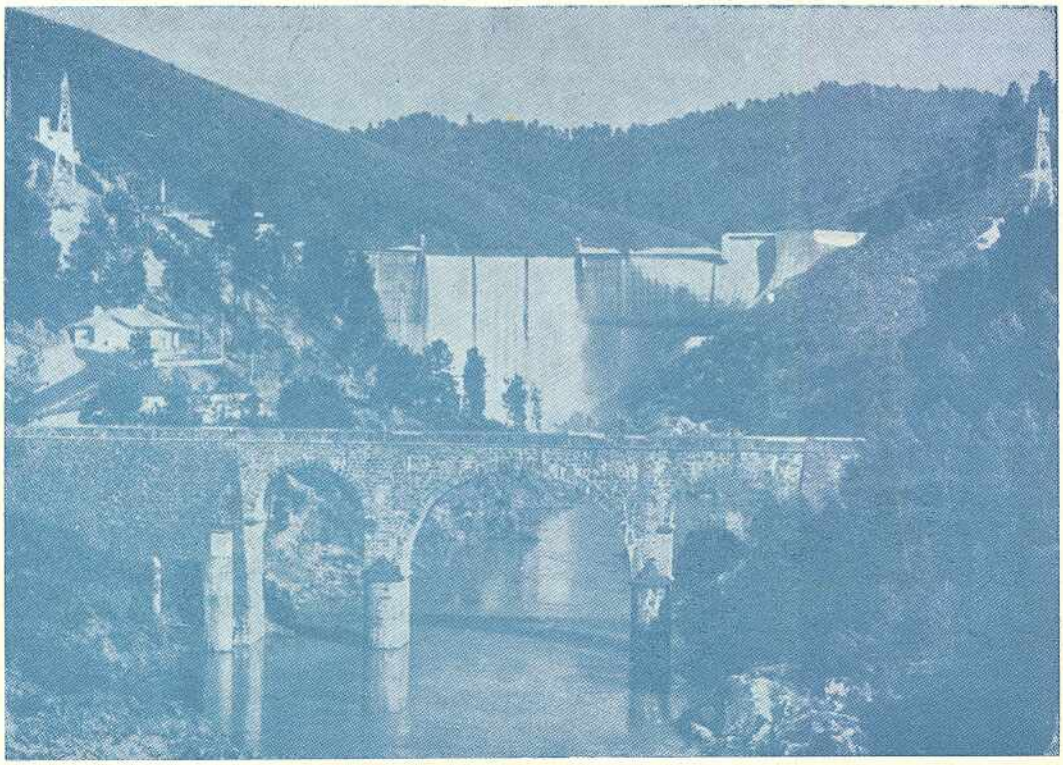
Os tempos correm e a vila prossegue num desenvolvimento que lhe permite destacar-se. Como consequência em 1835 é elevada a sede de

julgado e, cinco anos passados, a sede de comarca. Suprimindo esta em 1875, quando se criam as de Ansião e Pedrogão Grande, só em 1895 voltaria a disfrutar dessa hegemonia judicial, ao que parece devido aos bons esforços do Dr. Manuel de Vasconcelos, um nome que Figueiró dos Vinhos não pode esquecer porque lhe ficou devendo, como resultado da sua muita dedicação, vários serviços e muitos benefícios.

Com tais antecedentes históricos e muito embora muitas edificações, que se sabe terem existido, não houvessem podido contrariar a acção do tempo ou o instinto renovador dos homens, Figueiró dos Vinhos não podia deixar de possuir alguns edifícios cuja vetustez lhe confere apreciável valor.

Do velho castelo — possìvelmente mourisco, no qual teve o seu solar o primeiro Marquês de Castelo Melhor — apenas restam insignificantes ruínas e porque o mesmo acontece noutros casos, ter-se-hão, como documentos de possível maior antiguidade, a preciosa imagem gótica representando a «Santíssima Trindade» (século XII) e o túmulo do «muito honrado cavaleiro» D. Ruy Mendes Vasques, de pedra belamente lavrada e que ostenta na sua inscrição, o ano de 1456. Estão ambos na Igreja Matriz, onde é ainda possível admirar um magnífico cofre de prata finamente cinzelada, de origem indiana, esplêndidos painéis de azulejos do século XVIII, representando várias cenas da Bíblia e o órgão, que é de 1689. A igreja está ainda valorizada por um excelente altar-mor, de bela talha dourada, trabalhada em estilo D. João V, o qual tem como fundo a harmoniosa tela de Malhoa representando o baptismo de Cristo, obra cheia de espiritualidade, a que o artista imprimiu o melhor do seu talento, o que se repete noutro altar cujo retábulo, também pintado pelo saudoso Mestre, serve de fundo à magnífica imagem que Simões de Almeida esculpiu — um expressivo crucifixo que Malhoa encarnou.

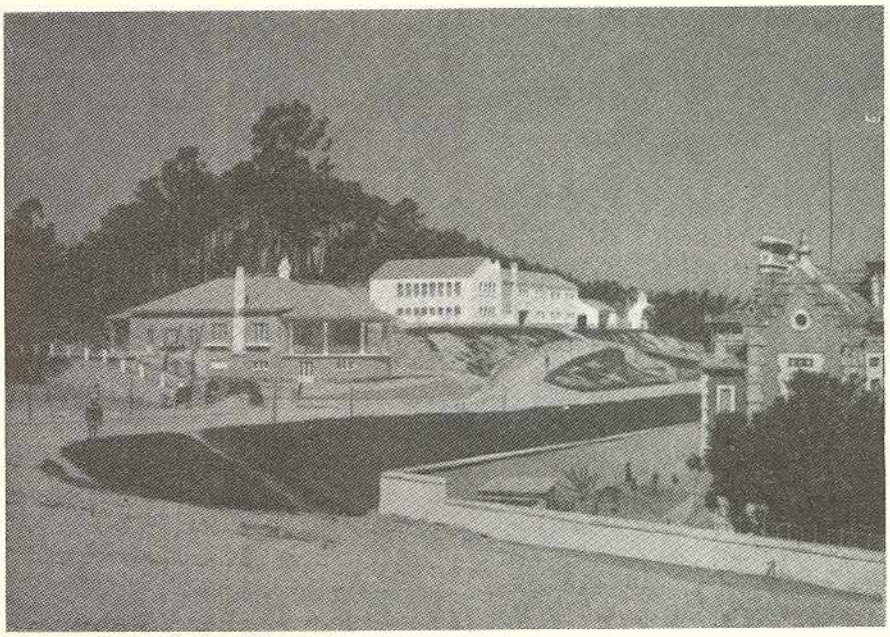
A igreja em si é de agradáveis linhas arquitectónicas, de estilo renascença, com a sua torre ponteaguda, o seu sóbrio mas belo pórtico encimado pela imagem do padroeiro e um curioso interior onde chega a ter certa grandeza o alinhamento das oito graciosas colunas de granito que se erguem na nave central.



Ponte sobre o Zézere, na barragem da Bouçã

Pont sur le fleuve Zézere, pres de Figueiró dos Vinhos

View of river Zézere, near Figueiró dos Vinhos



O «Casulo», a «Casa da Criança» e a «Escola Secundária» de Figueiró dos Vinhos

Le «Casulo», la «Maison des Enfants» et «l'Ecole Secundaire» de Figueiró dos Vinhos

The «Casulo», the Children's House and the Secundary School in Figueiró dos Vinhos

Motivos de curiosidade oferece também a velha torre que se ergue nas proximidades do edifício da antiga cadeia, especialmente pela bizarra inscrição que legou à posteridade e em que pode ler-se:

Esta torre foi mandada construir em 1552, sendo juízes D. Diogo da Aguda e Garcia Rodrigues, vereadores Nuno Martins e Afonso Esteves e procurador Pedro Rodrigues, estando o vinho e o pão a 70 reis.

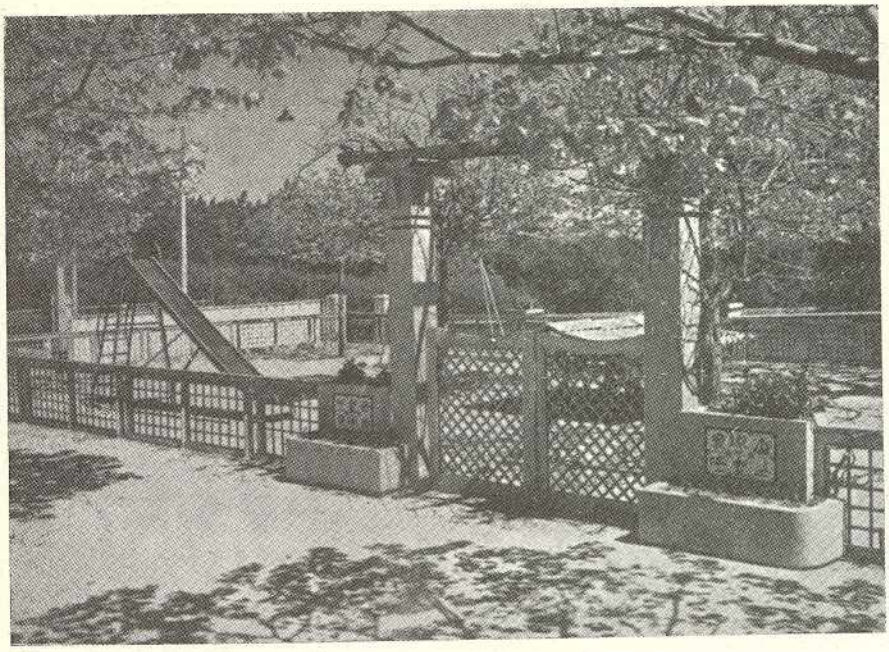
A pequena igreja do antigo Convento das Carmelitas (Santa Casa da Misericórdia), com os seus altares de talha dourada, merece também ser visitada.

Faz realmente pena que o tempo tivesse destruído outros elementos que, de certo, ofereceriam hoje motivo de muito interesse. Apesar disso e do seu carácter já recente não poderá dispensar-se também uma visita ao «casulo», que foi residência do pintor José Malhoa e onde tudo nos fala do Mestre insígne que, subjugado pela magnificência da região — ele que era das Caldas da Rainha, já de si tão bela e pitoresca! — ali se estabeleceu, numa homenagem que se materializou na tradução para a tela, em sinceros hinos de beleza, dos mais pitorescos trechos de Figueiró dos Vinhos. E feitas estas visitas, volte-se ao contacto da Natureza, agora para se subir, por uma excelente estrada, até ao Cabeço do Peão, a 540 metros de altitude, e daí admirar um dos mais grandiosos e extensos panoramas que é possível disfrutar em terra portuguesa. Em volta, tudo parece infinito, desde os milheirais, vinhedos e matas de pinheiros e eucaliptos que ficam lá muito em baixo, oferecendo uma espantosa variedade de verdes, até ao recorte caprichoso das serranias, fechando, num cenário de fantasia, os horizontes mais longíquos. São as Beiras que se estendem à nossa frente até que, primeiro a Gardunha e depois a Serra da Estrela se ergam para constituir um pano de fundo de verdadeira maravilha. Na imensidade do panorama que se disfruta do Cabeço do Peão, tudo parece perto de Figueiró dos Vinhos: Sernache de Bonjardim, Pedrogão Grande, o abismo do Cabril, as serras de Vila Rei, Muradal e da Lousã — tudo enfim que a vista pode atingir nesse admirável miradouro.

★

Tudo isso é belo e magnífico; no entanto, se é possível, dentro daquele paraíso, estabelecer uma preferência, ela irá para a Ribeira de Alge e, especialmente para as Penhas de S. Simão, lá ao fundo, apenas a oito quilómetros da vila. Não

Belo trecho das «Penhas de S. Simão» • Jolie imaje des «Penhas de S. Simão» • Beatiful picture of the «Penhas de S. Simão»



O parque infantil de Figueiró dos Vinhos
Le jardin des enfants en Figueiró dos Vinhos
The Children's Garden in Figueiró dos Vinhos

é fácil conhecer-se outro local que reuna tanta magestade a magnificência. Numa impressionante harmonia de tons, num concerto admirável de cores e de expressões, as encostas apresentam uma quase verticalidade rude e imponente para constituir o vale luxuriante, onde correm as águas da encantadora ribeira. Aqui e além, a fornecer notas de vida ao cenário ideal, antigas pontes cheias de pitoresco ou velhos moínhos que aproveitam a força da corrente para a transformar em trabalho útil; aqui e além, para tornar ainda mais idílico o ambiente, o alargamento das margens dando lugar aos tranquilos espelhos constituídos pelas águas repousando da sua louca correria. E sempre uma vegetação rica e sã, combinando-se com insuperável harmonia e pitoresco.

De uma maneira geral, é possível em toda a região de Figueiró dos Vinhos eleger os mais belos e agradáveis passeios pois a sua situação, muito central, estabelece como que distâncias sensìvelmente iguais aos pontos de maior interesse. Por outro lado, as admiráveis barragens da Bouçã e do Cabril, obras grandiosas que se encontram apenas a 10 e 18 quilómetros, respectivamente, da vila, constituem mais dois excelentes motivos a justificarem excursões que deixarão inesquecível lembrança, não só pelos locais em si como pelos trajectos por estradas que atravessam os mais pitorescos lugares.

*

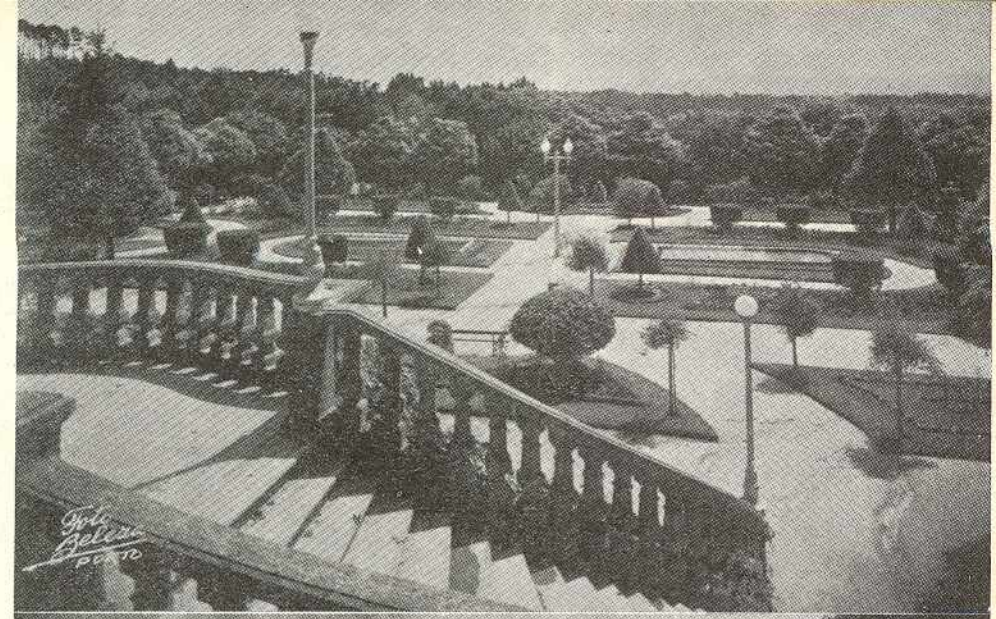
Propositadamente se guardou para o final o merecido elogio à acção verdadeiramente brilhante dos Municípios locais desde há cerca de vinte e cinco anos para cá. Com uma notável compreensão das necessidades da vila, a que foi possível aliar um inteligente plano de desenvolvimento turístico, indispensável em região de tais condições — para mais oficialmente considerada como estância de turismo em 1928 — o labor municipal de Figueiró dos Vinhos pode classificar-se sem favor como verdadeiramente extraordinário, de tal modo se tem feito sentir e notar em todos os sectores de interesse público. Desde o abastecimento de águas à vila e povoações visinhas — que mereceu e continua merecendo os maiores cuidados — até aos problemas ligados com a cultura passando pelos que respeitam à habitação, assistência e vias de comunicação, tudo tem sido tratado com uma oportunidade deveras notável e um acerto sem dúvida invulgar.

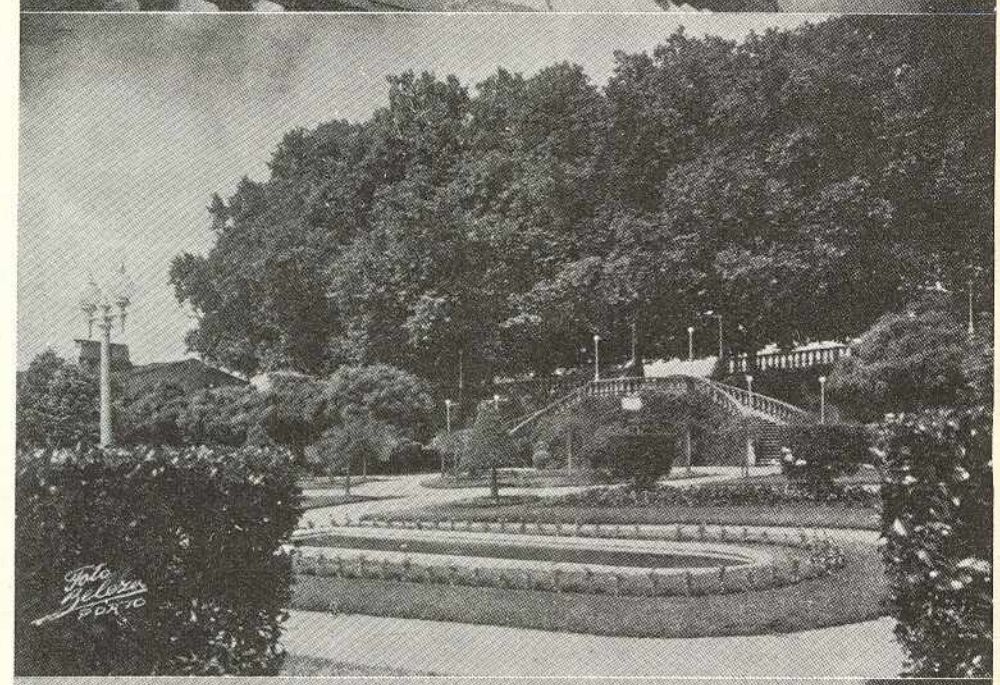
A construção de um bairro para as classes pobres, das estradas que servem os lugares de Chimpeles, do Corisco das Bairradas e outros, da

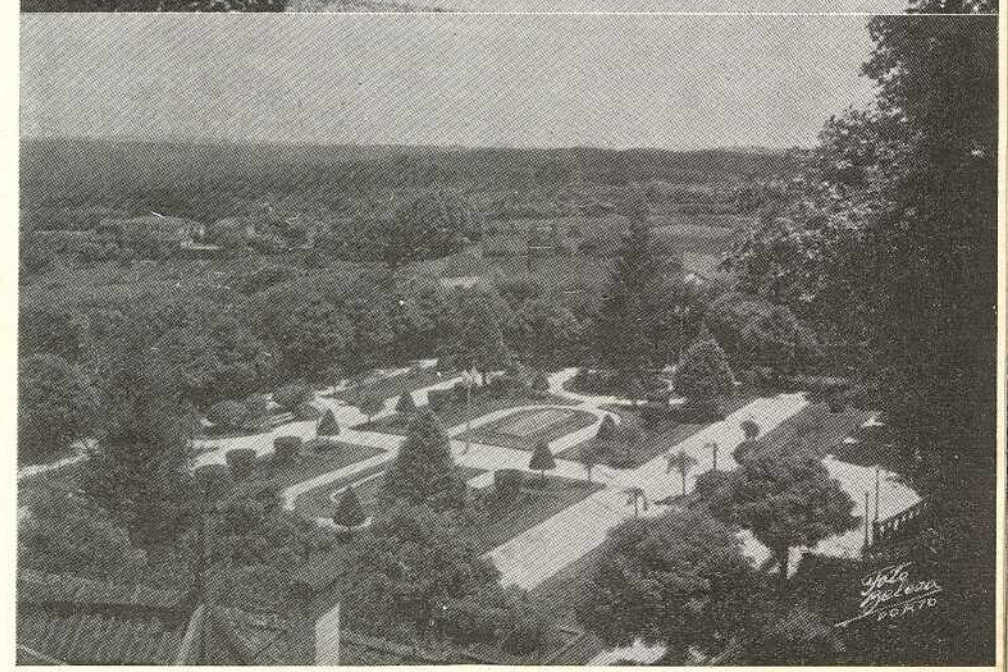
Escola Secundária Municipal, de mais oito edifícios escolares primários que se espalham pelo concelho, do novo hospital, dotado do mais moderno equipamento médico e a acção da assistência local, exercida por forma tão eficaz que, na vila, não existe mendicidade, são empreendimentos que, embora tivessem a comparticipação do Estado, testemunham, de maneira inequívoca, o que tem sido o acerto, a vontade férrea e a persistência daqueles que ùltimamente vêm dirigindo os destinos de Figueiró dos Vinhos.

Não há que realçar nomes; citá-los seria ferir a modéstia de quem tem agido apenas tendo por norte um grande e desinteressado amor à terra e uma nobre consciência do dever. Mas isso não prejudica esta citação sincera que, afinal, abrange todos os figueiroenses, tanto mais que são de iniciativa particular algumas magníficas realizações, entre as quais se deve realçar o excelente Hotel Terrabela, que honra a vila e dignifica a hotelaria portuguesa.

Voltemos porém à acção municipal para se fazer a justa referência a outras obras suas, realizadas no sentido de alindar a vila, com destaque para o simpático Parque Infantil, para o Jardim Público e, sobretudo, para o Parque Municipal, de uma harmonia tão perfeita, tanto na parte arquitectónica — que chega a atingir certa magnificência — como na parte de jardinagem — admirável no desenho e arranjo — que qualquer grande cidade não desdenharia de o ter dentro dos seus muros e qualquer município dele se orgulharia.







O parque municipal de Figueiró dos Vinhos, uma das melhores obras realizadas ultimamente
Trois images du parque de Figueiró dos Vinhos
Three pictures of the Park of Figueiró dos Vinhos

Figueiró dos Vinhos

E A PESCA DESPORTIVA

Entre os aspectos de valor turístico correspondentes a Figueiró dos Vinhos — essa região onde a Natureza foi tão pródiga em espalhar benefícios de toda a ordem — a pesca desportiva não é, seguramente, o de menos valia. E cumpre realçá-lo uma vez que a «reserva» estabelecida na Ribeira de Alge não pode considerar-se como obra exclusiva da Natureza pois ela se deve, muito principalmente, ao sentido turístico, verdadeiramente notável, das entidades que têm a seu cuidado o futuro da região. Conhecedores do ambiente *indicado às diversas espécies, puderam eleger uma zona ideal para as trutas, estabelecendo e provando uma reserva fiscalizada de tão excelentes resultados que pode dizer-se que são de Figueiró dos Vinhos e da sua Ribeira de Alge, as mais saborosas trutas de Portugal. E por que assim é, e porque, dada a qualidade dos pescadores desportistas, essa região reune em si condições excepcionais, quizemos recolher o depoimento que se segue e que nos veio, gentilmente, nada menos que do Sr. Dr. Seabra Cancela, um dos mais distintos, entusiastas e sabedores praticantes dos desportos piscatórios, que já orientou, como Presidente, a respectiva associação:*

Se é certo que a Natureza foi pródiga em dádivas de beleza e motivos de aliciante atracção para esta encantadora parcela da Terra Portuguesa, não é menos certo que os seus habitantes e, principalmente, as entidades responsáveis pelos destinos do Concelho, têm estado à altura das circunstâncias.

Na verdade, não basta haver belas condições naturais; é preciso que ao lado destas o homem arranje e prepare os meios necessários para chamar e atrair os seus numerosos apreciadores.

Ora, em FIGUEIRÓ DOS VINHOS há de tudo: — a par de uma região privilegiada, encontramos a afabilidade dos seus habitantes, o que cria, naturalmente, um clima de simpatia e bem estar que atrai e prende a todos os que, pela primeira vez, demandam estas paragens.

Para isso, a Câmara Municipal, para completar este admirável conjunto e na ânsia de prestigiar ainda mais a sua Terra, numa admirável lição de bairrismo, não esqueceu um só pormenor de valorização local.

Por isso, porque o Turismo de Pesca é, entre outros, mais um motivo de atracção, pensou que seria de toda a conveniência aproveitar as excepcionais condições da Ribeira de Alge para a pesca à Truta.

Êste curso de água limpa e cristalina que, saltitando de pedra em pedra, desce pela vertente Sul da Serra da Louzã e vai desaguar no Rio Zêzere, oferece excelente meio natural para a vida e pesca do maravilhoso salmonídeo.

Foi aí que a Câmara de Figueiró instalou uma reserva ou couto de pesca, onde a truta pode ser pescada por métodos desportivos, dando, assim, um nobre e admirável exemplo, digno de ser seguido em outras regiões do País.

Na verdade, quem desta Vila encantadora se

Magnífico aspecto da Ribeira de Alge
Magnifique image de «Ribeira de Alge»
Beautiful picture of the «Ribeira de Alge»

dirigir para Campelo vai encontrar, mesmo aos pés da simpática povoação, a famosa ribeira, em pleno couto de pesca, qual fio de prata maravilhoso, de margens românticas, onde a truta vive no seu ambiente próprio.

Mas, porque, em toda a parte, os criminosos da pesca não desistiram ainda de destruir, sempre que podem, uma riqueza que é de todos, a Câmara, que se não poupa a encargos para bem servir a sua Terra, mantém dois guardas privativos que exercem vigilância aturada.

Por esse motivo, os apaixonados deste salutar desporto encontram, nesta terra de eleição, condições de inegável interesse às quais há a acrescentar a existência de boas instalações hoteleiras.

De Chão de Couce às Penhas de S. Simão

O altar-mor da igreja de Chão de Couce com o magnífico retábulo pintado por Malhoa

Le maitre-autel de l'eglise de Chão de Couce ou se trouve le magnifique retable du celebré Malhoa

The high-altar of the Chão de Couce Church, where is the beautiful Altar-piece painted by Malhoa

NO privilegiado solo português, existem regiões dotadas das melhores paisagens e boas condições hospitaleiras, que não vêm merecendo o muito apreço que lhes é devido, talvez por que se não lhes tem dado o devido relevo através dos órgãos de divulgação da arte, do turismo e dos costumes.

Os reis amorosos D. Fernando e D. Leonor Teles procuraram refúgio na Quinta de Cima (Chão de Couce) onde encontraram um sítio aprazível e acolhedor, para poderem viver tranquilos, escondendo ali os seus amores que tantos tumultos causaram entre o povo lisboeta. Embora esta quinta seja propriedade particular desde os meados do séc. XIX, ali se conserva o solar dos marquezes de Vila Real, reformado no séc. XVIII.

A igreja de Chão de Couce, dotada de linhas simples e de quadros em azulejos interessantes, tornou-se famosa porque possue um maravilhoso retábulo pintado pelo pincel do imortal Malhoa, em 1933.

A curta distância da vila fica a Serra da Nexebra, donde de uma altura de 466 metros podemos admirar um interessante panorama e os seus engraçados morros de granito.

Admiremos a variada paisagem da Mouta de Vela, e cortemos ao nascente a fim de nos embrenharmos num primoroso caminho todo recortado de encantos naturais. Tudo nos prende a imaginação — o poema é divino e bela a pintura deste grandioso quadro da mãe natura. A estrada serpenteia trepando a encosta, as águas sussurram no fundo dos vales, e as avezinhas chilreiam e esvoaçam por entre os arbustos das encostas vizinhas. Tanta beleza prende-nos a alma à amiga natureza de tal maneira que nos sentimos forçados a parar aqui e acolá, para melhor poder nos sorver tamanha magnitude.

Ainda bem não chegamos ao meio da distância que separa o Pontão de Figueiró dos Vinhos vemos uma plaqueta a apontar-nos as Fragas de S. Simão. Ali, isolados de todos os rumores do mundo artificial, podemos gozar todas as delícias que nos oferta a benigna peregrinação campestre — os nossos olhares começam a perder-se e a confundir-se perante esse espectáculo de beleza. Os passarinhos, com os seus hinos hilariantes convidam-nos a descer até lá muito em baixo junto dos salgueirais, e acabamos por embrenhar-nos

num dos pontos mais estranhos da paisagem nacional. É que as Fragas de S. Simão representam uma maravilhosa obra de arte natural, compreendendo duas enormíssimas fragas escuras, de mais de cem metros de altura, formando uma apertada garganta de quatro a seis metros de largura, mantendo-se aprumadas até muito alto. Dão-nos a viva impressão de que avançam em terrível fúria, tendendo a esbarrar-se. No fundo do desfiladeiro, a ribeira parece romper da base da encosta vizinha para logo avançar de encontro às rochas e debatendo-se nos escombros pedregosos, transforma as suas águas em espuma nevosa. A continuação dos rochedos, levantados em massas abruptas donde se erguem pinheiros e outros arbustos, dá-nos a ideia de que um ágil camponês vem tendo o cuidado de dispor a flora harmoniosamente. Desta arte, tudo quanto nos rodeia são coisas grandes, misteriosas e belas, tudo nos convida a viver por momentos numa doce meditação: — as azenhas seculares, trabalhando; os moleiros enfarinhados; os burricos carregados de foles; os camponeses guardando todos os cantinhos das suas terras da ira das águas; aqui e ali uma casita escura, e nas encostas mais distantes levantam-se lugarejos de casas terrosas e ermidas alvejantes que são verdadeiros receptáculos de amor, lirismo e fé. Ouvimos a música dos rebanhos e os zumbidos das abelhas. A uma centena de passos, encontramos, no próximo lugar, uma interessante e bem conservada ponte romana, assentada, acima do leito das águas, num ângulo que fora recortado nas rochas laterais. Está ladeada de hera e tem ao lado um silvado e uma casita muito antiga. Esta ponte leva-nos a concluir

Ponte romana sobre a Ribeira de Alge
Pont romaine sur la «Ribeira de Alge»
Roman bridge over the «Ribeira de Alge»

que os povos mais remotos exploraram as pequenas faixas de terra cultivável, que se encontram nestes profundos vales, desde sempre fertilizados pela ribeira benéfica.

Estes sítios são, na verdade, tão encantadores, que nos sentimos forçados e descrever algo do muito de belo que serve de matiz à terra que tantas gratas recordações guarda do inolvidável Malhoa.

Chão de Couce naturalmente se orgulha de possuir o último trabalho do Mestre — um belo retábulo, representando Nossa Senhora da Conceição, padroeira da freguesia. Este foi oferecido pelo mestre insigne, e foi essa valiosa oferta que tornou possível a construção do novo templo. O antigo estava a cair, e Malhoa disse que pintaria o retábulo para o novo edifício. Entusiasmada, toda a gente da freguesia — cada um segundo as suas posses — concorreu para que se levantasse a nova igreja com relativa brevidade. E assim se fez, de tal modo que o Retábulo foi colocado no altar-mor da igreja no dia 11 de Setembro de 1933. Esta cerimónia, que fora acompanhada de interessantes festejos, ainda hoje é recordada por todos que a ela assistiram.

O Mestre tinha-se convencido de que o Retábulo seria o seu «*Requien* de Mozart», que o não chegaria a concluir. Felizmente, tal não aconteceu.

Terminada a obra, esteve bastante tempo sem a assinar, e, depois de feita a assinatura, escreveu à sua talentosa discípula Maria de Lourdes Melo e Castro, de Tomar, dizendo numa carta: «assinei hoje o Retábulo, e agora?». Era a ideia que o dominava nos últimos tempos da sua vida, ideia, ou antes pressentimento, que infelizmente se realizou. José Malhoa morreu alguns dias depois da inauguração do Retábulo, sendo, portanto, este a sua obra última.

Os senhores da Quinta de Cima, tendo vivido em íntima amizade com o ilustre pintor, dele possuem alguns valiosos estudos, imagens sempre vivas da muita saudade que deixou nos seus corações.

Acácio Neves

EMPRESA HOTELEIRA DO GERÊS, L.DA

ESCRITÓRIO EM BRAGA: LARGO DE S. FRANCISCO, 3
TELEFONE 2061

HOTEL DO PARQUE — Luxuosa sala de jantar, lindíssimo parque, cricket, ténis e outros jogos, piscina e parque infantil.

HOTEL UNIVERSAL — O maior da estância e o mais frequentado. Bom tratamento com a dieta clínica e sem dieta

HOTEL MODERNO — Bons quartos, ambiente familiar e bom tratamento.

HOTEL RIBEIRO — Os melhores quartos, salão de baile, B. A. R., ambiente confortável e acolhedor. Preços económicos.

DIÁRIAS

Sem apartamento de banho	1 pessoa	65$00 a 80$00
	2 pessoas	120$00 a 150$00
Com apartamento de banho	1 pessoa	120$00 a 125$00
	2 pessoas	220$00 a 230$00

QUARTOS COM ÁGUA QUENTE E FRIA E TELEFONE PRIVATIVO

NA ESTÂNCIA DO GERÊS HÁ CINEMA, TELEVISÃO, PISCINA, MÚSICA, SALÃO DE BAILE E DIVERSOS JOGOS. NO TURISMO LOCAL DÃO INDICAÇÕES PARA OS MAIS BELOS PASSEIOS AOS ARREDORES

O transporte de Braga para o Gerês é feito em luxuosos autocarros desta Empresa em serviço combinado com a C. P.

SETÚBAL

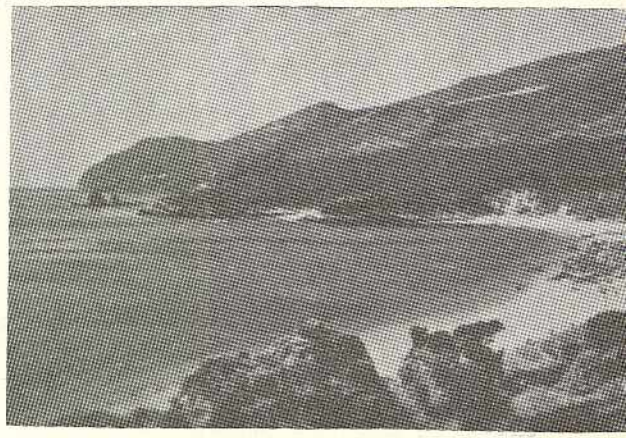
A Rainha do Sado

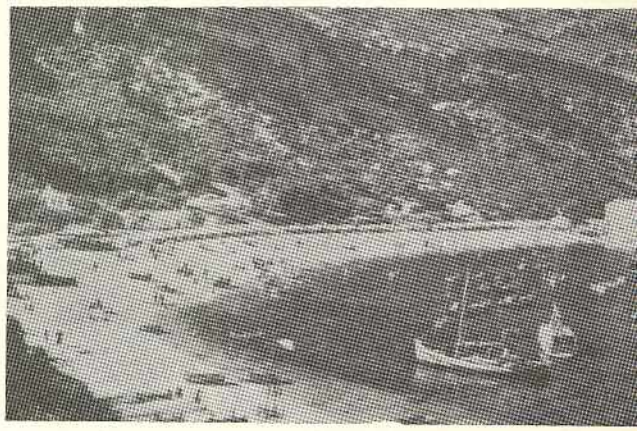
por J. Figueiredo

É já quase um lugar comum afirmar-se que Setúbal é uma das mais curiosas e características cidades de Portugal, tão patentes essas circunstâncias se apresentam ao visitante. Tão antiga que já pôde ser um grande centro durante a ocupação fenícia, a célebre *Cetóbriga* dos romanos atravessou os vários períodos históricos e os diversos domínios peninsulares mantendo aquele lugar de destaque que a sua privilegiada situação geográfica plenamente justifica. E se foi impossível terem-se mantido através dos tempos as edificações correspondentes a todas essas remotas eras, assim mesmo Setúbal ainda conta com magníficos monumentos de carácter histórico a atestar a sua vetustez e a sua passada importância, justificativa daquela que hoje disfruta dentro da vida portuguesa e, sobretudo, dentro da economia nacional.

Mas, falemos da Setúbal turística e lembremos os sete castelos do seu distrito — Sines, Alcácer do Sal, S. Tiago do Cacém, Sesimbra, Palmela, Almada e S. Filipe — qualquer deles oferecendo motivo de muito interesse, as suas encantadoras praias — com relevo para as da Figueirinha, Galapos e Portinho da Arrábida, dos mais belos locais da costa portuguesa — e, dentro da cidade, a igreja de S. Julião com a sua porta manuelina, a de Jesus, de traçado gótico, o excelente museu, recheado de preciosidades, e tantos, tantos outros lugares dignos de uma demorada visita. E, numa homenagem bem merecida, recordem-se ainda os ilustres filhos da bela cidade, grupo brilhantíssimo de sólidos valores que serviram e engrandeceram a pátria na religião, nas armas, nas artes, nas letras e nas ciências, à frente dos quais podemos colocar, pela sua expressão mais popular, os nomes gloriosos de Bocage, o poeta incomparável, Luísa Todi, a maior cantora do século XVIII, e Frei João Pinheiro que representou o país no Concílio de Trento e morreu em Roma com auréola de santo.

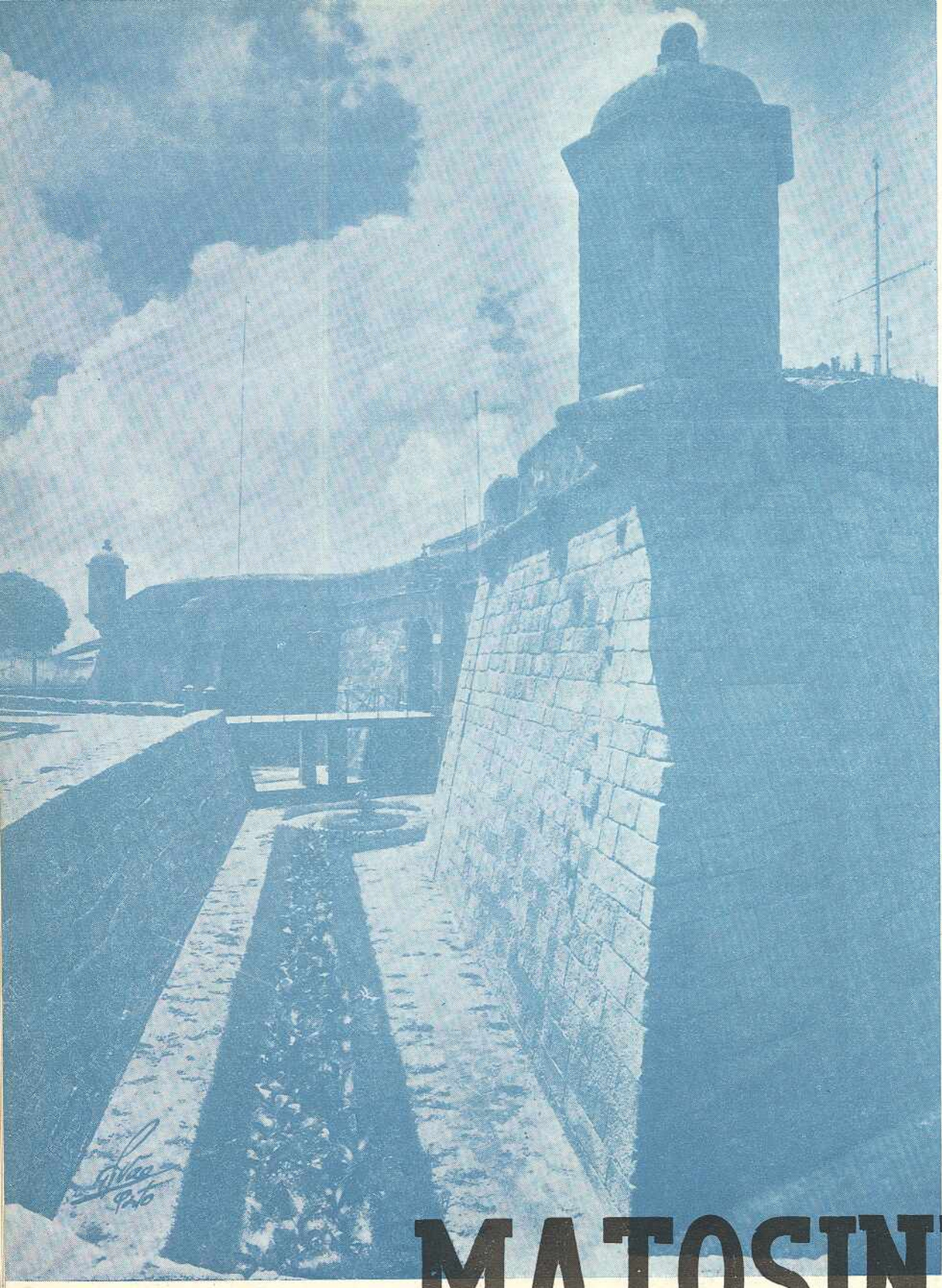
Cidade de expressão particularíssima, Setúbal atrai gente de todos os pontos que ali se fixam dando lugar a um cosmopolitismo nacional cheio de pitoresco.





Poente no Rio Sado; Image du Sado; View of River Sado
Praia de Galapos; Plaje de Galapos; Beach of Galapos
Vista geral do Convento da Arrábida
Vue gènéral du Couvent d'Arrábida
General View of Convent of Arrábida
Belo trecho do Portinho da Arrábida
Jolie image du Portinho da Arrábida
Beautiful picture of the Portinho da Arrábida

Continua na pág. 84



O castelo de Leça da Palmeira, concluído no tempo de D. José I

Le chateau de Leça da Palmeira, que fut terminé à l'époque du Roi José I

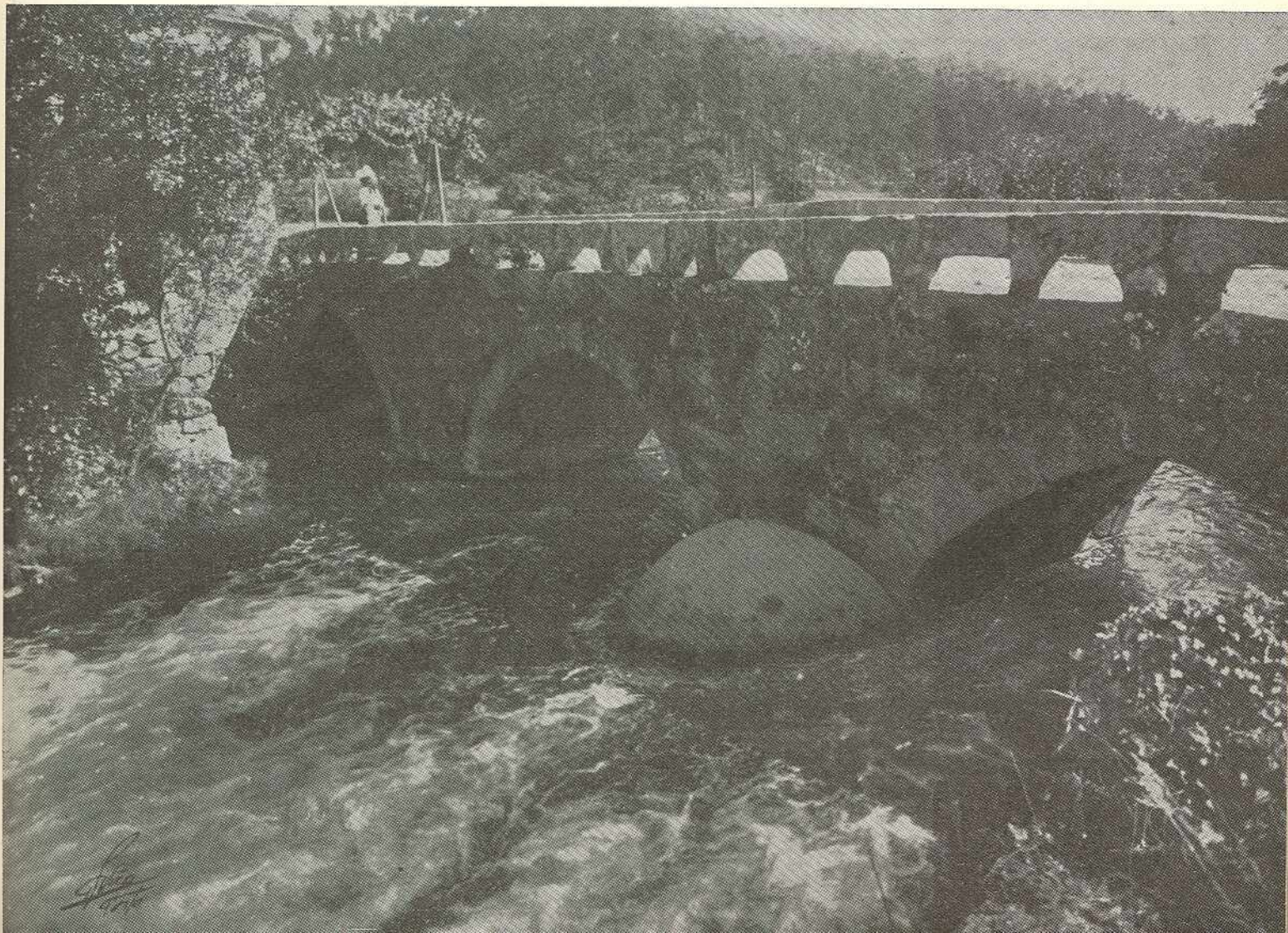
The Leça da Palmeira Casfle, finished by the King José I

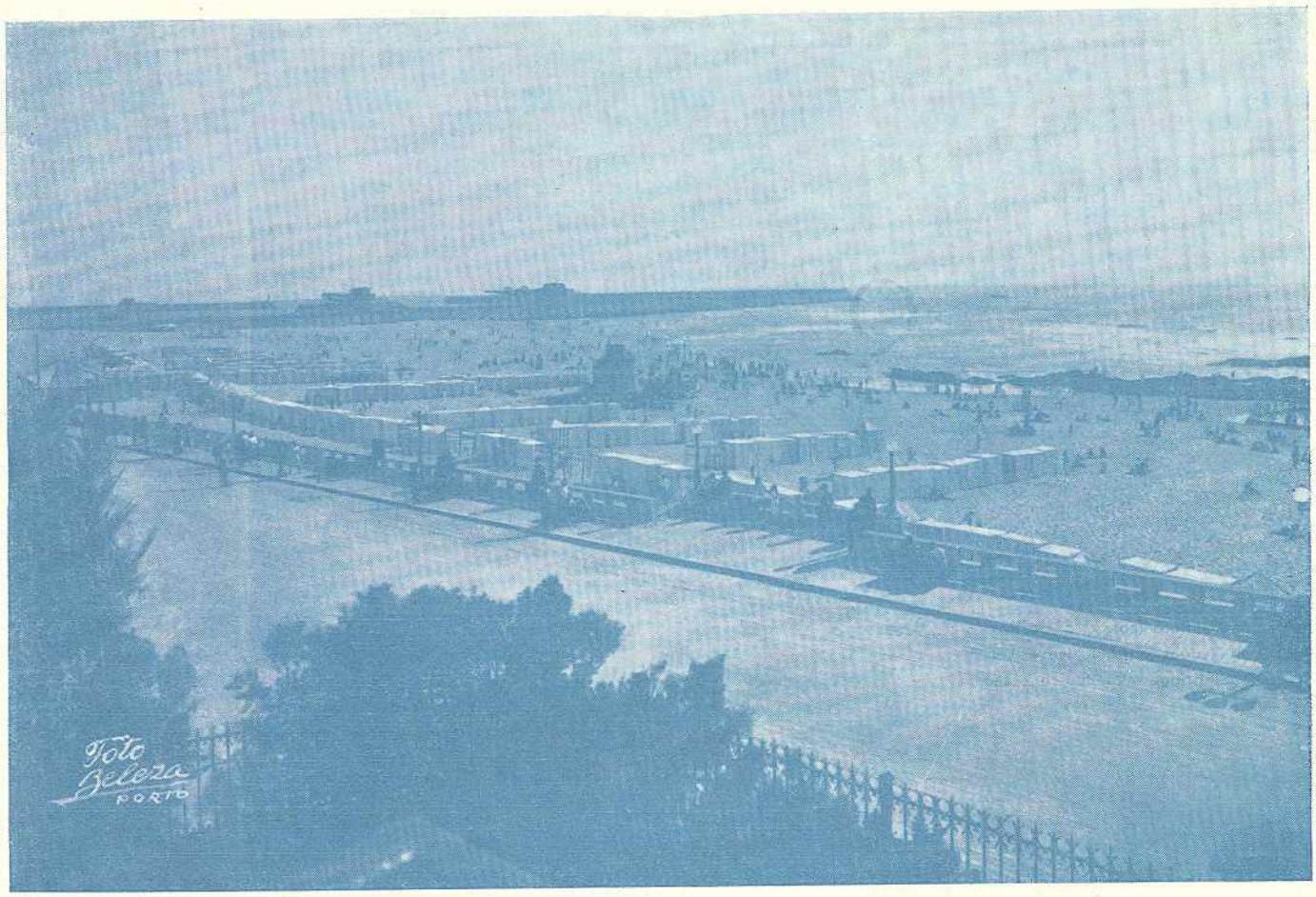
MATOSINHOS

região privilegiada pela natureza e enriquecida pelo homem

QUEM percorrer a região de Matosinhos, logo receberá uma impressão de vetustez que não é muito vulgar em terras portuguesas. A presença das pontes romanas que se reflectem docemente nas águas do rio Leça, o castro luso-romano do Monte Castelo, o histórico e belo mosteiro de Leça do Bailio, o forte de Leça da Palmeira e a Igreja Matriz, oferecem uma sequência histórica que faz remontar o visitante até aos alvores da nacionalidade para daí, numa visão mais longa ainda, vislumbrar, através de estátuas de pedra ou de fragmentos de cerâmica arrancados à terra que os sepultou durante séculos, eras tão remotas que já pertencem à pré-história.

Ponte de Guifões sobre o rio Leça
Pont de Guifões sur le fleuve Leça
The Guifões' bridge, over the river Leça





A praia de Matosinhos, vendo-se ao longe o porto de Leixões
La plage de Matosinhos et, au loin, le port de Leixões
The Matosinhos'beach and the Leixões port

Com tais aspectos e, sobretudo, sendo um centro industrial que já de há muito marca um lugar de franco destaque, pasma que Matosinhos apenas tenha sido elevada à dignidade de vila em 1853, quando a Rainha D. Maria II, cometendo um acto da maior justiça, assinou o decreto que tal concedia.

Independentemente destes aspectos e do constante desenvolvimento industrial e comercial da vila, uma visita a Matosinhos impõe-se a todo o turista culto pois nela achará elementos arqueológicos para a mais proveitosa das lições. Na verdade o referido Monte Castelo tem oferecido aos Museus, diversos fragmentos de vasos de barro, moedas e utensílios de ordem vária, quase todos referentes ao período neolítico o que garante a presença ali, noutras eras, dos povos das mais antigas civilizações. A curiosíssima estátua de pedra, tosca escultura de homem ao lado de um animal que parece ser um leão, muito embora se desconheça a sua verdadeira origem, pode no entanto considerar-se com um seguro vestígio da ocupação romana ou mesmo da proto-história.

Mas Matosinhos não vale sòmente por tais circunstâncias. Toda a sua região tem extraordinária beleza, cheia como está de recantos pitorescos proporcionados pelo serpentear do rio Leça, entre margens onde a vegetação é luxuriante, assim contribuindo para cenários grandiosos a que o curioso perfil das pontes empresta uma graça e harmonia verdadeiramente invulgares. São pai-

(Continua na pág. 84)

PRAIA DA ROCHA

—o orgulho do Algarve

RAINHA das praias algarvias, como já a classificaram, a Praia da Rocha, reune todos os encantos disseminados pelas muitas outras praias que ornam a costa do Algarve. Se todas beneficiam do mesmo clima suave, se o mesmo céu azul as cobre, se o mesmo mar de cobalto as banha, a Praia da Rocha distingue-se pelo colorido e rendilhado das suas rochas, apresentando arquitecturas estranhas e bizarras, mas sempre impressionante pela sua beleza.

Situada a 2 kms da cidade de Portimão, importante centro industrial e comercial do sul do País, ela é muito frequentada por nacionais e estrangeiros que ali acorrem em todas as estações do ano, atraídos pela amenidade do clima, pela beleza da sua paisagem marítima e pela hospitalidade natural dos seus habitantes.

Centro de irradiação para quem queira visitar Sagres e Lagos, com as suas tradições marítimas ligadas aos descobrimentos, Monchique dos vastos panoramas, coroada de flores e bosques, a vetusta Silves, adormecida à sombra do seu castelo mourisco e da sua catedral gótica, está a Praia da Rocha servida por boas estradas que a ligam a todos os recantos do País e dotada de bons hoteis e pensões que proporcionam aos seus hospedes todo o conforto requerido pelo turismo moderno.

CASTELO BRANCO
—capital da BEIRA BAIXA

DOCUMENTOS pré-históricos provam a presença de antigos povos que, desde as mais remotas eras teriam vivido em toda a região de Castelo Branco. O conhecimento desses povos é porém um tanto nebuloso, o que nos leva ao alvorecer da nacionalidade para aí principiar — a partir da doação feita por D. Afonso Henriques à Ordem do Templo (1165) — a história perfeitamente conhecida da cidade de Castelo Branco, hoje capital de distrito e da província da Beira Baixa. Essa doação, confirmada por D. Sancho I em 1198 foi mais tarde ratificada por D. Afonso III, altura em que os templários fazem edificar o fortíssimo castelo e, sabendo que as anteriores doações se referiam à antiga «Castra Leuca», passam a chamar-lhe Castelo Branco. Em 1252, D. Pedro Alvites, mestre do Templo, concedia-lhe o primeiro foral.

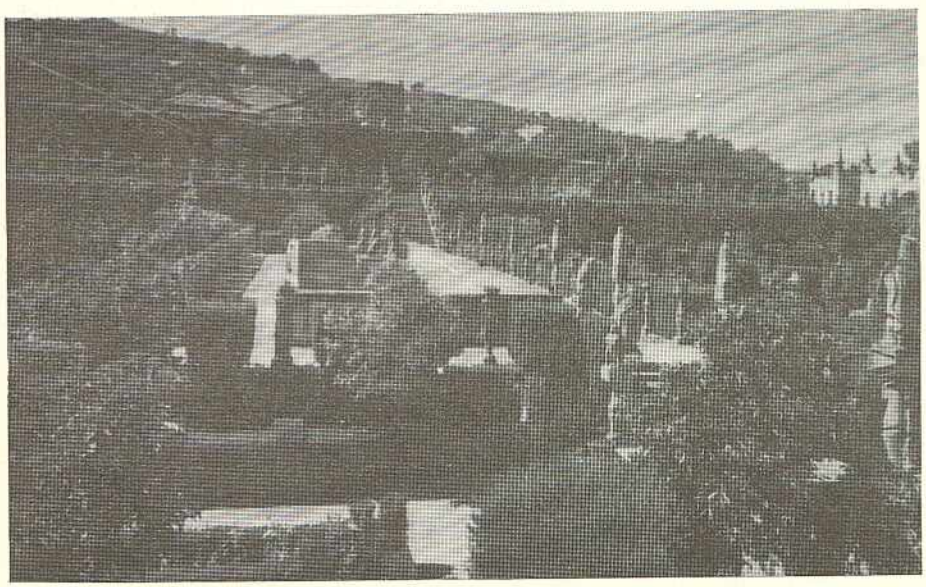
A importância conferida pela poderosa ordem militar e o facto de dominar uma vasta e produtiva região, levou D. Diniz a defendê-la com uma extensa muralha (1319) na qual se abriram as portas que se mantiveram até 1835.

Em 1495, teve Castelo Branco novo foral, concedido por Pedro de Sousa, visitador da Ordem de Cristo, e o Rei D. Manuel I outro lhe concedia depois, datado de Santarém no ano de 1510.

A região de Castelo Branco foi teatro de várias invasões e feitos de importância na época da Restauração e ainda em 1807, por altura das invasões francesas.

Elevada a cidade por alvará de 15 de Agosto de 1771, durante o governo do Marquês de Pombal, no mesmo ano se estabelecia a sede episcopal, por breve do Papa Clemente XIV, que vigorou até 1881.

Acompanhando as exigências do progresso, Castelo Branco tornou-se uma cidade alegre, clara, limpa e moderna, assente numa planura e dominada por uma pequena elevação onde ainda se podem ver os restos do antigo castelo e de onde sobressaem as duas torres da estação radiotelegráfica, assim correspondendo às tradições históricas e ao nome deixado por muitos dos seus ilustres filhos, entre os quais podem citar-se ao acaso, João Velho, conselheiro de D. Diniz, D. Fer-



Vista parcial do maravilhoso jardim do antigo Paço Episcopal

Vue partiel du merveilleuse jardin du palais des evêques à Castelo Branco

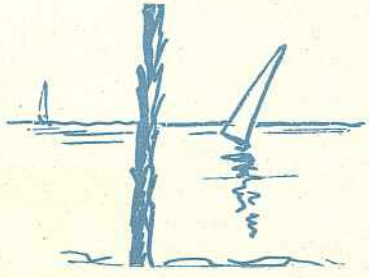
Partial view of the beautiful garden at Castelo Branco (Bishop's Palace)

Um trecho da cidade moderna
Une image de la ville moderne
A view of the modern city

não Rodrigues de Sequeira, que foi Mestre de Avis, Afonso Paiva, companheiro de Pero da Covilhã e os médicos Amato Luzitano, João Henriques de Paiva e Francisco Sanches. A Câmara Municipal, o Liceu, a Caixa Geral de Depósitos, a Biblioteca e o excelente Hotel de Turismo são magníficas construções modernas que perfeitamente se harmonizam com as antigas edificações da Sé, dos Velhos Arcos, do Cruzeiro de S. João e do Paço Episcopal com os seus magníficos jardins maravilhosamente traçados e ornamentados com dezenas de estátuas, representando os Reis de Portugal e grande número de Santos.

Às excelências da cidade há a juntar o interesse oferecido por todo o concelho, onde aqui e além se podem encontrar curiosas construções (a Ermida de Nossa Senhora de Mercoles, por exemplo) e é possível assistir a variadas e pitorescas feiras e mercados, plenos de sabor regional e onde não faltam aspectos da arte popular local cuja expressão é internacionalmente conhecida através dos tão famosos bordados de Castelo Branco.

Tem pois o maior interesse uma visita a Castelo Branco durante a qual há que contar sempre com o tradicional espírito hospitaleiro do seu bom povo.



ESPINHO

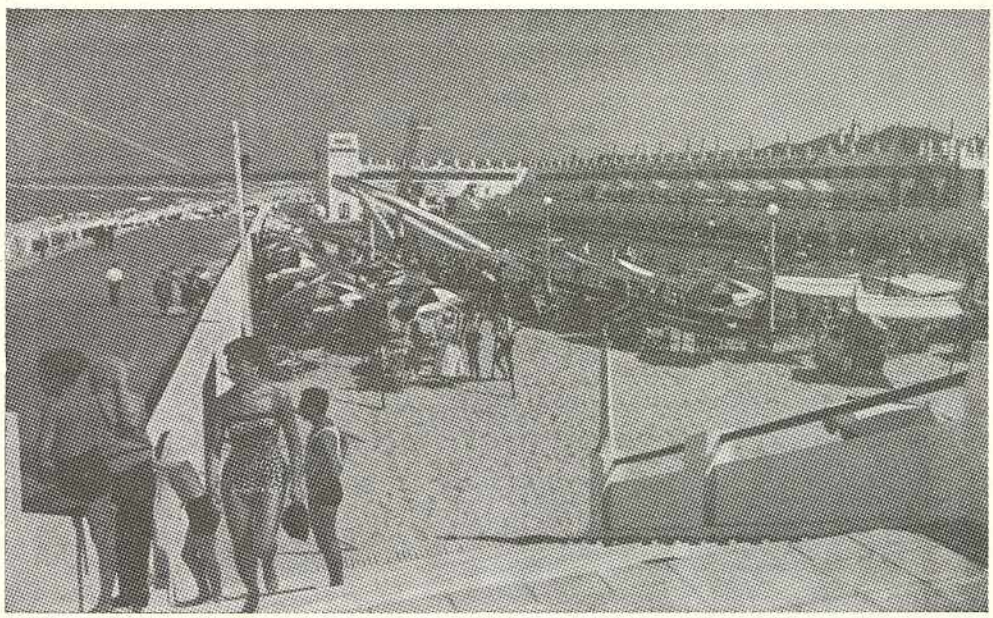
capital da ILHA VERDE

Por Vasco Calixto

Um trecho da avenida 8
Une image de l'avenue 8
Picture of the «Avenida 8»

ENTREI pela primeira vez em Espinho ao volante do meu pequeno Fiat-500, já lá vão alguns anos! Tínhamos acabado de rodar através da inconfundível região da «Veneza de Portugal» e deixado para trás a silhueta romântica do castelo da Feira. Silvalde, longa fila de casas genuìnamente portuguesas, dispostas com harmonia ao longo da estrada, é a primeira freguesia que se encontra. Atravessámo-la num dia festivo, quando uma luzida procissão desfilava e, em ambiente alegre e acolhedor fizemos a nossa entrada na mais geométrica das nossas vilas. Domingo explêndido de verão, dia de garrida e farta feira semanal, dia verdadeiramente digno da cosmopolita e encantadora Espinho!

Situada a menos de vinte quilómetros do Porto, a vila de Espinho, devido à sua privilegiada situação e ao esforço dos seus dedicados habitantes, transformou-se em poucos anos numa das mais modernas e atraentes terras do país. Sempre procurada por nacionais e estrangeiros na época estival, oferece-lhes todos os atractivos e todo o luxo das grandes cidades atlânticas ou mediterrânicas de além fronteiras.



ESPINHO
A excelente piscina
La magnifique piscine
The excellent piscine

Principal centro dessa maravilhosa «Costa Verde» que se estende desde Aveiro até ao rio Douro, a vila era no começo do século passado um humilde lugarejo da freguesia de S. Félix da Marinha, do concelho de Vila Nova de Gaia. Começando há cerca de cem anos a ser procurada como praia de banhos, ràpidamente a fama do seu admirável clima marítimo operou prodígios e levou a população das terras vizinhas a preferi-la e a divulgar-lhe as belezas naturais, ao mesmo tempo que novos habitantes se fixavam no lugar.

Vítima constante do mar, principalmente na época das marés vivas, Espinho tem lutado tenazmente com esse poderoso inimigo que, se por um lado a flagela impiedosamente, por outro lado transforma-se em amigo e em precioso e indispensável elemento da sua valorização turística.

A estrada Aveiro-Porto leva-nos ao centro da «capital» da «Costa Verde». A policromia da concorrida feira semanal que se efectua no vasto largo, encanta e atrai o visitante. Próximo, fica o elegante edifício dos Paços do Concelho. E ali mesmo, basta atravessar a rua, surge-nos o encantador Parque João de Deus, com as suas frondosas e acolhedoras sombras. Dominando toda a povoação, temos a curta distância a graciosa Igreja Matriz, com as suas linhas invulgares, inaugurada em 1916.

Rodando em direcção ao mar através das bem traçadas ruas da vila, vamos encontrar a Espinho luxuosa e cosmopolita, onde só um «senão» continua por resolver. Referimo-nos à travessia da linha férrea, pois ainda hoje, quando tantas passagens de nível têm sido eliminadas, em Espinho prevalecem essas aborrecidas barreiras gradeadas que obrigam os automobilistas a inervantes demoras antes de poderem alcançar a praia.

As avenidas 7 e 8 e a rua 19 são as principais artérias da vila. Ali encontra o visitante tudo quanto lhe pode transformar a estadia em Espinho nas mais encantadoras férias. O Palácio-Hotel oferece-lhe o luxo a que o turista mais exigente está habituado. Próximo, fica o sumptuoso Casino e o elegante cinema, centros de reunião da alta sociedade nortenha.

Depois surge-nos essa grandiosa piscina que é a Piscina Solar Atlântico, a maior de Portugal, sempre repleta de uma frequência escolhida, alegre e buliçosa. Podemos ir até ao rink de patinagem e por fim aparece-nos o mar, esse mar irrequieto e bravio, mas de uma polifonia inconfundível.

A Monumental Esplanada, belamente situada, foi construída com luxo e modernismo, constituindo um dos melhores atractivos da «Costa Verde». Estamos finalmente na praia, no fim de uma esplêndida tarde de Agosto e encontramos ainda numerosos grupos de famílias jogando e brincando e entregues a esse prazer maravilhoso que são os banhos de mar.

Nos arredores de Espinho igualmente o turista encontra as mais diversas e formosas paisagens. Ao sul fica a «Barrinha» de Esmoriz, calmo lençol de água que constitui uma pequena lagoa em ligação com o mar e onde se pratica a vela, o remo e a natação, sendo o verdadeiro paraíso dos entusiastas dos desportos náuticos. E, para que nada falte a esse aprazível lugar, um frondoso pinheiral empresta-lhe a sombra sempre convidativa das suas altas árvores.

Para norte, é o friso encantador de praias pequenas mas graciosas, digno complemento da «Costa Verde», que vai até à foz do Douro. São a Granja, Miramar (a chamada Praia das Rosas), Aguda, Valadares, Francelos, etc., todas elas com a sua fisionomia própria e os seus atractivos.

Espinho, dotada do mais iodado clima das costas portuguesas, é um caso ímpar no panorama turístico português! O murmúrio da sua brisa de inconfundível frescura, a maravilhosa paisagem em que se enquadra, a animação da sua época estival, tudo enfim, faz de Espinho a mais procurada e uma das mais belas praias do norte. Vila moderna, com rápidas, fáceis e cómodas vias de comunicação, a dois passos da cidade do Porto, é a praia feitiço que se visita uma vez e não esquece mais!

OUVINDO

Álvaro Pinheiro Guimarães

O nome de Álvaro Pinheiro Guimarães está inteiramente ligado aos mais expresivos aspectos da indústria hoteleira, especialmente no Norte de Portugal. Presidente da Direcção da União dos Grémios da Indústria Hoteleira e Similares do Norte, desempenha ainda as funções de vogal efectivo do Conselho Nacional de Turismo, vogal substituto do Conselho Superior de Transportes Terrestres e de vogal da Corporação de Transportes e Turismo. Não seria pois fácil encontrar quem, com mais propriedade, nos falasse dos problemas ligados à indústria hoteleira e, por tal motivo, a entrevista que a seguir publicamos, reveste-se de um valor e de uma actualidade incontestáveis.

— Como encara V. Ex.ª a posição da indústria hoteleira perante o desenvolvimento turístico? — principiámos por perguntar.

— As indústrias turística e hoteleira, são complementares. O desenvolvimento de qualquer uma daquelas actividades, ocasiona o expansionismo da outra e, consequentemente, o atrofiamento de uma delas determinará, por força, o estiolamento das duas. A adopção de qualquer medida tendente a atrair até nós um mais elevado contingente anual de turistas, resulta, implìcitamente, numa situação de maior desafogo para a hotelaria, com as naturais beneficiações nos seus métodos de servir. Em compensação, todo o investimento realizado em ordem a dotar o País com o número bastante de estabelecimentos hoteleiros e a melhorar as instalações e a refinar os processos de trabalho dos já existentes, servirá, da forma mais conveniente, os desígnios que visam o progresso do nosso turismo.

Se é certo que a indústria hoteleira para se desenvolver, necessita do expansionismo turístico e se a recíproca desta afirmação também é verdadeira, não é menos exacta a asserção de que a nossa economia carece, para atingir assinalada projecção, do incremento destas duas actividades, de carácter marcadamente nacional.

Promover, portanto, o incremento daquelas duas indústrias, é prestar relevante serviço aos interesses colectivos.

— Entende V. Ex.ª que à indústria hoteleira têm sido concedidas as facilidades necessárias ao seu natural desenvolvimento?

O nosso ilustre entrevistado, responde de pronto:

— De modo algum! Há diversos problemas que ocasionam graves prejuízos à indústria hoteleira, obstando, assim, a que ela atinja o franco progresso a que tem jus e impedindo-a de servir convenientemente o nosso turismo e a nossa economia. Todavia, devo salientar que a solução condigna daqueles problemas podia ser fàcilmente encontrada, se um pouco mais de interesse fôsse dedicado — por parte de algumas entidades — às justas reivindicações que a hotelaria tem formulado, por intermédio do seu Organismo coordenador, a União dos Grémios da Indústria Hoteleira e Similares do Norte.

Note que, conforme já deixei bem vincado, ao servir-se a indústria hoteleira, não se presta,

sòmente, um benefício a um sector restrito da actividade nacional, mas a todo o conjunto económico, de cujo desenvolvimento o País se ressente favoràvelmente.

— Pode V. Ex.ª indicar algumas das mais prementes reivindicações da indústria hoteleira para as quais não foi ainda encontrada a solução que as conveniências daquela actividade aconselham?

— Enumerei quatro que, pela flagrante justiça de que se revestem, exijem que sejam prontamente atendidas:

1.ª — Os Serviços Municipalizados de Gás e Electricidade do Porto, estabeleceram, para efeito de cobrança da energia eléctrica fornecida, três tarifas distintas e bem diferenciadas: a doméstica, a comercial e a industrial.

A um determinado número de quilowates consumidos, corresponderão quantitativos diversos e acentuadamente diferentes, conforme respeitem a cada uma daquelas tarifas, sendo a ordem crescente de importância a pagar, igual à que atrás deixei indicada.

Por muito boa vontade que haja em se querer demonstrar o contrário, é inegável que a hotelaria é uma indústria. Não o entenderam assim os responsáveis pela direcção daqueles Serviços Municipalizados, ao integrarem, a indústria que represento, na tarifa comercial.

Resulta, deste incompreensível critério, que os estabelecimentos hoteleiros vejam agravados os seus encargos, no tocante ao consumo de energia eléctrica, em relação à indústria em geral;

2.ª — Os cafés da cidade do Porto, conscientes do valor do nosso Corporativismo e desejosos de se integrarem em todos os seus princípios normativos, assinaram em 1941, um contrato colectivo de trabalho caracterizado pela abolição da gorjeta aos seus empregados e pelo estabelecimento duma contraprestação de trabalho, traduzida pela percentagem de 16 %, sobre o valor total das vendas.

Acontece, porém, que os industriais de café do Porto se vêem obrigados a transaccionar muitos dos produtos inerentes ao exercício da sua actividade por preços iguais aos que são vendidos em todo o resto do País.

Porém, enquanto que nos cafés do Porto, a compensação pela venda desses produtos, é representada pela diferença entre o preço de transacção e o custo, deduzida de 16 % sobre o volume das vendas, todos os outros industriais beneficiam da totalidade daquela primeira diferença.

Não obstante ter sido devidamente exposta a injusta diferenciação que se verifica, ela permanece na mesma, pois não foi ainda permitido aos cafés do Porto auferirem proveitos iguais aos dos estabelecimentos da mesma indústria, que se encontram situados noutras regiões;

3.ª — A liberdade concedida às muitas cantinas que existem na cidade do Porto e pertencentes a agremiações de cunho particular, que, isentas de todos os encargos a que a indústria hoteleira está sujeita, se permitem prestar os seus serviços a todos aqueles que os desejem utilizar, é, também, uma das razões principais do atrofiamento da hotelaria e constitui violação condenável da protecção à iniciativa privada;

4.ª — As pensões e casas de hóspedes encontram uma concorrência desleal à sua actividade, por parte de inúmeras casas particulares que, possuindo uma licença para admitirem o máximo de três hóspedes, concedem, todavia, hospedagem a um número de pessoas mais elevado do que aquele.

Essas casas particulares suportam, sòmente, o encargo da citada licença, encontrando-se isentas de todas as contribuições e impostos com que a indústria hoteleira está onerada.

Não pretende a hotelaria que se limite o número de estabelecimentos que exploram a sua indústria; reclama, apenas, que a todos os que se dedicam a esta actividade sejam impostas iguais obrigações, para que se não continui na prática do aviltamento de preços, tão prejudicial a este importante ramo da indústria.

Estava terminada a entrevista ficando-nos a grata consolação de constatar que há a esperar os melhores resultados da acção de quem assim fala, com tanta autoridade e acerto.

CENTRAL DA BAIXA
RESTAURANTE
PASTELARIA – SALÃO DE CHÁ
PATISSERIE ET CONFISERIE
SALON DE THÉ
TELEFS. 20280 – 26674
94, RUA ÁUREA, 98 LISBOA

AS FOGACEIRAS DE POUSA-FLORES

POUSA-FLORES (Ansião), vila lendária do tempo de El-Rei D. Manuel I, compreende hoje, apenas, a igreja paroquial, uma escola primária e meia dúzia de casas. O povo da freguesia, dotado de uma sólida constituição física, é agil, trabalhador, sóbrio e de feições rudes mas muito afável e hospitaleiro. Durante os seis dias úteis da semana ocupa-se dos seus afazeres agrícolas, de tal maneira que o turista mal pode lobrigar um homem isolado. Em grupos, homens e mulheres estão sempre entregues à laboriosa peleja com a terra nem sempre grata, que os sustenta, os martiriza e os distrai.

Aos domingos porém, e dias santificados, todo o povo se reúne na igreja para assistir à celebração da missa e à saída, numa imagem tão portuguesa, forma grupos no adro, cavaqueia e os homens bebem com alegria e fraternal amizade.

O dia grande de Pousa-Flores é porém o de 15 de Agosto — data da festa local. Então é certo encontrarem-se as ruas cobertas de verdura e ornamentadas com vistosos arcos, cheios de curiosidade. Todos — homens e mulheres; rapazes e raparigas — vestem as suas melhores roupas e vão chegando, de todos os pontos da freguesia, dos arredores e até de bastante longe, os forasteiros que vêm compartilhar das alegrias da festa.

Naquele cantinho do céu, noutros dias tão sossegado e silencioso, ouvem-se falatórios e «cochichos» de namorados por todos os lados; ouvem-se o ribombar dos foguetes e os sons das filarmónicas, vêem-se aspectos característicos: corações a palpitar de amor puro e inocente; vêem-se enfim, as belas fogaceiras, todas vestidas de branco, levando em procissão as suas lindas fogaças recheadas de leitões, galinhas ou coelhos assados com perícia, vinho, pão, bolos, fruta e outras iguarias que após as cerimónias religiosas serão vendidas em leilão, para então servirem de merenda, ou mesmo magnífico jantar, a grande número de forasteiros visto que os naturais já foram munidos dos seus farneis ou, se são do lugar, vão comer a casa com os seus infalíveis convidados daquele dia.

Quem nunca assistiu a uma procissão em Pousa-Flores com o seu numeroso grupo de fogaceiras — percursoras dos «Cortejos de Oferendas» — desconhece um dos aspectos mais característicos de Portugal.

É um espectáculo belo, magnífico, cheio de cor, o que oferecem essas raparigas caminhando em longas filas à testa da procissão, que abre assim com uma nota de alegria e pitoresco que em nada prejudica a natural gravidade da cerimónia.

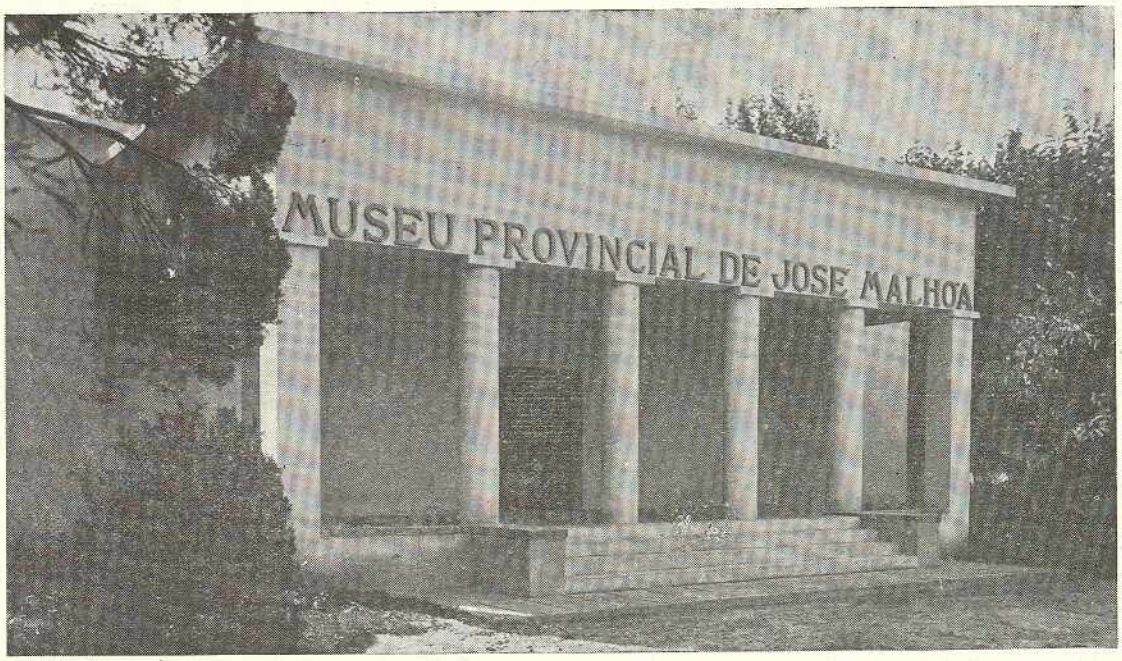
AS GRANDES INICIATIVAS

O MUSEU MALHOA DAS CALDAS DA RAINHA

A existência dos museus, deve-se, regra geral, a uma necessidade desde há muito reconhecida pelos Governos como um dos mais valiosos subsídios para a cultura de um povo. Desta forma, a maioria dos museus surge como uma consequência natural e lógica do desenvolvimento das cidades ou das vilas, com um carácter mais ou menos uniforme, se não na estrutura, pelo menos na expressão. Sucede porém que há excepções, sendo as mais frequentes as que originam a fundação de museus que têm por base a doação feita por coleccionadores particulares, ainda em vida ou em resultado de disposição testamentária. É evidente que, nestes casos, o facto se reveste de especiais características, quanto mais não seja pelo agradecimento dos conterrâneos do doador.

Estes são os casos que podem considerar-se correntes e, dessa maneira, adquire especial significado a instituição de um museu, apenas devido à persistência de um homem e à extraordinária compreensão de tão avultado número de particulares — mesmo alheios à localidade beneficiada — que a Junta da Província da Estremadura, ante o valoroso empreendimento, prestou-lhe o mais entusiástico auxílio, em tão boa hora e com tal acerto que tornou possível a existência de um dos mais belos e bem dotados museus provinciais de Portugal.

Referimo-nos e o leitor já o terá compreendido — ao Museu Malhoa, das Caldas da Rainha. E porque o facto, pela sua particular expressão, merece ser apresentado em pormenor, passamos a fazer a história dessa notável realização que é, na hora actual, motivo de legítima vaidade para a bela cidade fundada pela bondosa Rainha D. Leonor e razão de compreensível orgulho para a Junta da Província da Estremadura.



Fachada
do Museu Malhoa
Musée Malhoa
(façade)
Malhoa Museum
(street-front)

A VIDA DE UM ARTISTA FAMOSO

Aos 28 de Abril de 1855, nasceu nas Caldas da Rainha José Vital Branco Malhoa que desde muito novo mostrou decidida vocação para o desenho. Em consequência, apenas com 12 anos entrou para a Escola de Belas Artes de Lisboa, tendo ali obtido as mais altas classificações durante todo o curso. Amando a profissão que abraçara, teve, naturalmente o anseio de aperfeiçoar-se mal acabou o curso. Desejava ardentemente poder aperfeiçoar-se no estrangeiro e com essa ideia concorreu a duas bolsas de pensionista. Se ainda aceitou resignadamente a sua exclusão no primeiro desses concursos, no segundo pareceu-lhe tão flagrante a injustiça que, desanimado, resolveu abandonar a actividade artística, convencido de que jamais conseguiria impor-se. Um parente oferece-lhe então lugar ao balcão da sua casa comercial e Malhoa aceita mas, passados alguns meses, principia a furtar, ao seu trabalho de caixeiro, alguns momentos que dedica à pintura. E como o desânimo lhe não furtara faculdades, consegue executar a «Seara Invadida» que envia a uma exposição em Madrid. O quadro causa sucesso e porque se desconheça os antecedentes artísticos do autor, fala-se com certa insistência e admiração do «caixeiro que pintava quadros com tanto talento» quando, antes, ninguém lastimara o pintor de talento que se fizera caixeiro. E porque assim era e nem todos consideravam o caso motivo para elogios, um dia chegou em que uma *elegante*, freguesa da casa, tendo de apresentar uma reclamação, não hesitou em afirmar que não poderia ser bem servida por um empregado que melhor sabia pintar quadros do que tratar dos chapéus de senhora.

O facto, desgostou muito sinceramente José Malhoa que, apesar de pobre e já com encargos de família, resolveu abandonar o comércio e regressar à pintura. Não se escusando aos maiores sacrifícios e à custa de uma persistência a todos os títulos notável, foi conquistando, degrau a degrau, a escada da fama. Hoje um diploma, amanhã uma medalha, o seu nome foi soando, a sua obra foi-se impondo, foi, sobretudo, penetrando na alma do povo — por tal forma que pode dizer-se que outro pintor se não conhece que mais compreendido e popular fosse. Amante da Natureza, apaixonado pelos motivos simples, passou um dia por Figueiró dos Vinhos, enamorou-se das belezas da sua paisagem, ali comprou uma casa e, longe dos grandes centros, afastado de todas as influências, realizou uma vasta obra em que pôde aparecer tal qual era, com uma personalidade pura, com uma escola pura, com um sentimenta-

lismo puro. No seu «casulo» passava a maior parte do tempo, tão entregue aos seus trabalhos e recolhido no seu pequeno mundo que o julgavam esquecido da sua terra.

O «REGRESSO» ÀS CALDAS DA RAINHA

Apesar disso, a cidade natal não esquecia José Malhoa e orgulhava-se do seu triunfo. É que, afinal, tudo o que acontecera poderia tomar-se como um benefício, como um bem, desses que o Destino às vezes semeia num disfarce. Se o pintor tem triunfado nos concursos e, em consequência, tem seguido para o estrangeiro, teria podido manter o consolador portuguesismo que se sentia em toda a sua obra? Se, ao deixar a vida comercial, tem regressado a Caldas da Rainha, o amparo dos conterrâneos, o seu elogio fácil e a sua condescendência natural, teriam permitido ao artista atingir a altura a que chegou, encerrado no seu «casulo» e entregue ao seu próprio valor? É de crer que não.

No entanto, essa convicção consoladora, nada dizia das disposições de José Malhoa para com a sua terra, que há tanto não visitava. Por isso foi a medo, receando-se indiferença, que certo dia pediram ao pintor um trabalho para a cidade que o vira nascer. Evitando-se fazer a solicitação directa, ela foi encerrada, como a medo, no espaço limitado de uma carta. Ao recebê-la, Malhoa terá recordado os tempos da sua infância, ter-se-á mesmo acusado de se deixar andar tão arredado da linda terra que lhe servira de berço. Mas redimiu-se na bela carta em que confessava a sua alegria por ter sido lembrado pelos conterrâneos ao mesmo tempo que prometia uma breve visita para tratar do assunto. E na verdade, poucos dias

Um aspecto da inauguração do Museu Malhoa

passados José Vital Branco Malhoa chegava às Caldas da Rainha e pouco depois ficava assente que se encarregaria da execução de uma obra que seria grata aos caldenses — o retrato da Rainha D. Leonor.

Malhoa tinha, enfim, regressado e a sua presença, embora passageira, abria nos espíritos locais, com o orgulho de possuirem tão ilustre irmão, como que novos horizontes artísticos.

O MUSEU

António Montês, o caldense ilustre que à sua terra tem dado o que de melhor a sua inteligência, o seu saber e o seu desmedido entusiasmo são capazes de produzir, foi, talvez, o primeiro a ter a ideia da fundação de um museu nas Caldas da Rainha. E muito embora o empreendimento se apresentasse acompanhado de dificuldades que se afiguravam impossíveis de vencer, expô-lo a José Malhoa que lhe deu, com o seu incondicional aplauso, aquele incentivo de que necessitava para arcar com as responsabilidades de tamanha empresa. Associaram-se então à ideia outros dois espíritos a quem as dificuldades nunca atemorizavam: José Filipe Rodrigues e Agostinho Fernandes. E os trabalhos principiaram.

Mas o tempo corre e, a 26 de Outubro de 1933, escassos dias depois de José Malhoa ter assinado o retábulo da igreja de Chão-de-Couce — sua última obra acabada — chega-lhes a notícia do falecimento, em Figueiró dos Vinhos, do insigne artista, grande animador do empreendimento. Surge naturalmente como que um momento de desânimo e de hesitação mas como se o ilustre morto a si próprio tivesse imposto a obrigação de dar corpo à ideia de António Montês, iniciando ele mesmo o museu da sua terra, poucos dias passados, D. Maria José Malhoa e Silva, extremosa irmã do pintor, fazia entrega do que de melhor ficara no *atelier*, juntamente com a quantia de trinta contos de reis.

O museu, a que para sempre ficava ligado o nome de José Malhoa, ia ser uma realidade. E a 28 de Abril de 1934, nos limites acanhados da «Casa dos Barcos» efectuava-se a cerimónia da inauguração.

A maneira como se constituia o museu das Caldas da Rainha, sensibiliza os espíritos e as ofertas surgem valiosas. Não só aparece quem se desfaça de valiosas obras do falecido mestre, para as entregar ao museu insipiente, como até os artistas portugueses querem contribuir, todos desejando estar presentes na «guarda de honra» a um colega ilustre e português como nenhum outro. O património artístico do museu aumenta por tal forma que tem de ser tranferido para salas maiores. Mas António Montês, totalmente entregue à sua obra, insaciável no seu desejo de a engrandecer, continua pedindo, quase mendigando, obras de arte.

Chega o ano de 1940. Portugal veste galas para festejar o oitavo centenário da sua fundação. A cidade de Caldas da Rainha será o centro das comemorações na província da Estremadura. E então os edifícios que se erguem para a exposição então organizada, um se apresenta com estrutura definitiva: o Museu Provincial José Malhoa que a alta compreensão do Engenheiro António Rodrigues dos Santos Pedroso, Presidente da Junta de Província da Estremadura, tornou possível. O museu é entregue à Junta; António Montês, nomeado seu director. Indiferente a essa circunstância que para muitos seria uma «meta», redobra de zelo, multiplica os esforços e pouco tempo passado, o edifício construído em 1940 não tem já capacidade para o volume das obras conseguidas. Então, a Junta da Província da Estremadura, ainda sob a mesma presidência, tem ensejo de mostrar quanto mereceu a confiança nela depositada e, não querendo ficar àquem do esforço realizado anteriormente, completa a obra com a admirável ampliação que converteu o Museu Provincial José Malhoa, de Caldas da Rainha, num dos melhores da província portuguesa.

Assim se honra uma terra; assim se dignifica uma obra; assim se consagra um nome.

Ala Arriba!

UM POEMA
DE
HUGO CORREIA

ALA! Ala arriba!
Faz-se ao mar sob um sígno de esperança,
A barca esbelta. Enfim... «Bamos com
[Deus»!
Arde um círio à Senhora da Bonança
E um lenço acena sobre a praia... Adeus!...

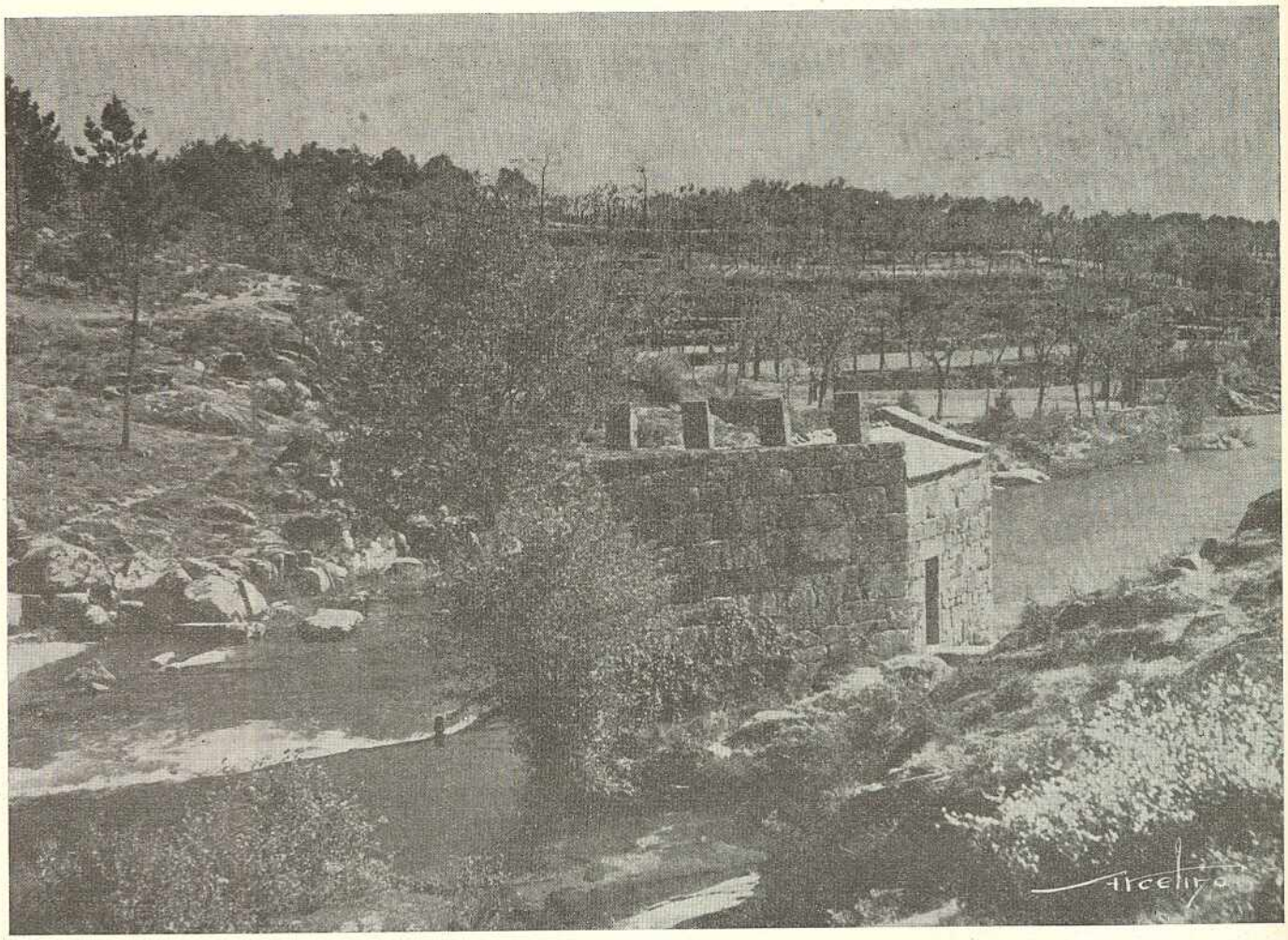
E lá segue, e lá vai... E ainda agora,
A mesma voz heroica, a voz sonora
— Ala! Ala arriba!...
Chegou
Vale em vale
De riba em riba
E ecoou
No abrupto areal,
Aliciante e terrifica
Tal como o bronze forte dum destino
Que governa o Destino que lá vai
e o Destino que fica:
A barcaça do Pai
E o berço do seu filho pequenino...

Ala! Ala arriba!
Lançam-se as redes. Fulge o Sol a prumo.
Mas um outro clamor, de riba em riba
Chegou então à terra. O vento norte
Como um despojo os leva já sem rumo.
— Orçar! Orçar!
E tange sobre o mar um carrilhão de
[morte!...

Lobo do mar
Bem firme no seu posto,
Olhando a morte em frente, rosto a rosto,
Chega ainda o teu brado, vale em vale
De riba em riba
Esse brado em que fala Portugal:
Ala! Ala arriba!

Mas o mar triunfou; o mar venceu.
No eterno preságio,
Venceu o Adamastor.
E nas ondas revoltas do naufrágio
Jesus apareceu
Olhando as ondas verdes
Num infinito amor...
E Deus então lançou as suas redes
Recolhendo essas almas lutadoras
Nas preces redentoras
Ditas por elas sobre o rude areal
De vale em vale
De riba em riba
No lutuoso areal...

Deus as recolhe sobre as águas verdes
E os anjos cantam ao erguer das redes:
Ala! Ala arriba!



CALDELAS : Açude e azenha no Rio Homem — Une imaje du fleuve «Homem» — Picture of the river «Homem»

TERMAS DE CALDELAS

ESTÂNCIA PRIVILEGIADA

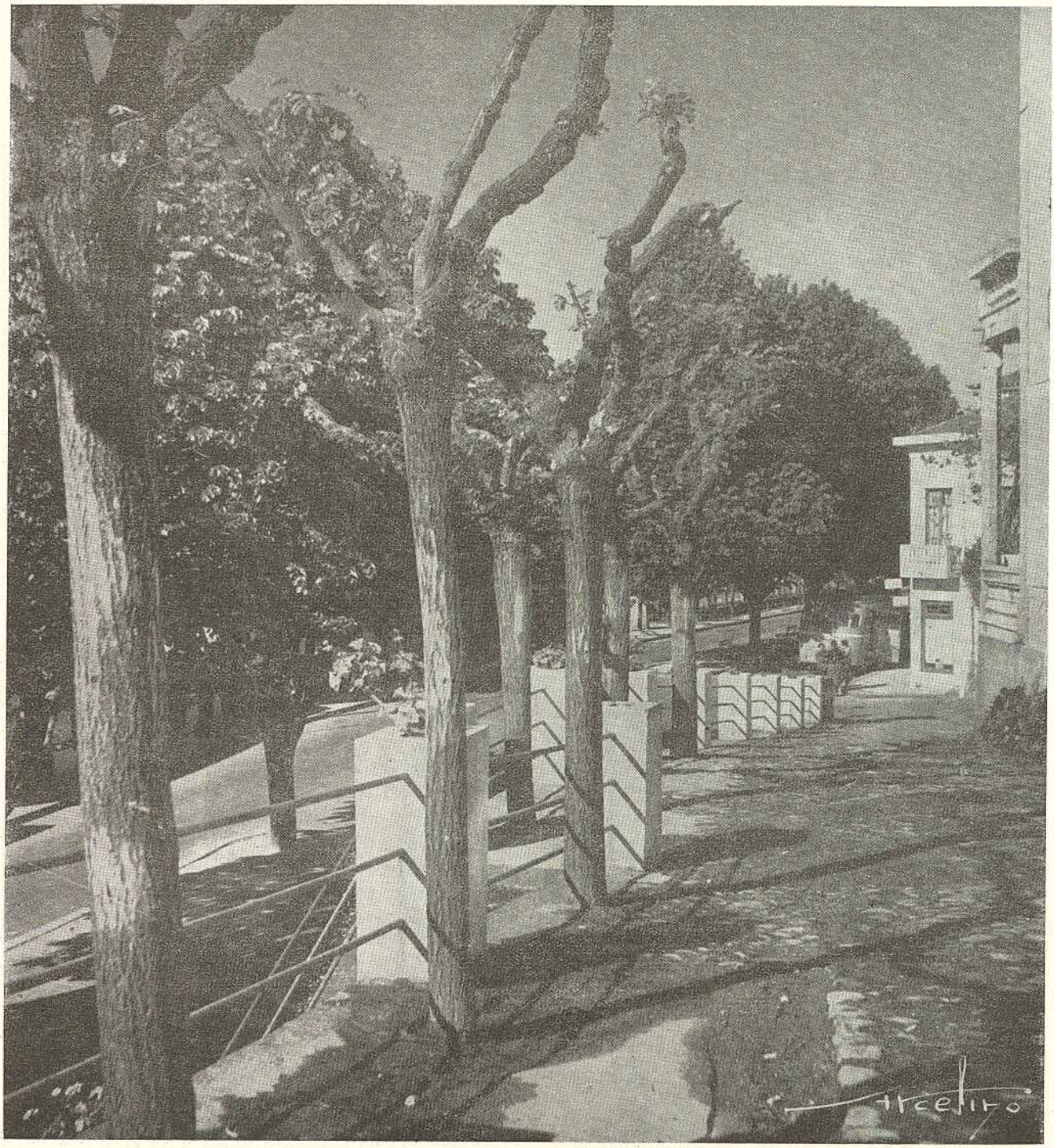
INDEPENDENTEMENTE do seu valor na cura de determinadas doenças, as termas de Caldelas são uma admirável estância de turismo, para isso concorrendo a sua maravilhosa paisagem, tão cheia de beleza que consegue destacar-se dentro desse maravilhoso jardim que é toda a província do Minho. As suas matas de extraordinária frescura, o aspecto verdadeiramente aliciante das termas e, sobretudo as margens do Rio Homem, de uma beleza idílica, constituem atractivos turísticos do maior interesse, a colocarem as Termas de Caldelas entre as mais belas e pitorescas regiões de

CALDELAS
Maravilhoso trecho do rio Homem
Jolie imaje du fleuve «Homem»
Beautiful picture of the river «Homem»

Portugal. É que existe em toda aquela paisagem, a um tempo poética e grandiosa, qualquer coisa da doce serenidade da divina perfeição que só a Natureza sabe criar quando se decide a eleger uma região.

Pelo seu ambiente especial, pelos seus panoramas encantadores, pelo poder quase milagroso das suas águas, por tudo enfim se podem considerar as termas de Caldelas como uma estância privilegiada.

As fotografias que ilustram estas páginas podem fornecer ao leitor uma ideia do maravilhoso cenário natural onde se encontram as Termas de Caldelas.



CALDELAS

Trecho da Avenida • Une image de l'avenue • Picture of the avenue

TERMAS DE CALDELAS

PRIVILEGIADA ESTÂNCIA DE TRATAMENTO E REPOUSO,
SITUADA EM PLENO MINHO, NO MAIS FORMOSO RINCÃO DA PROVÍNCIA

SERVIDA POR ÓPTIMOS MEIOS DE TRANSPORTE

CALDELAS

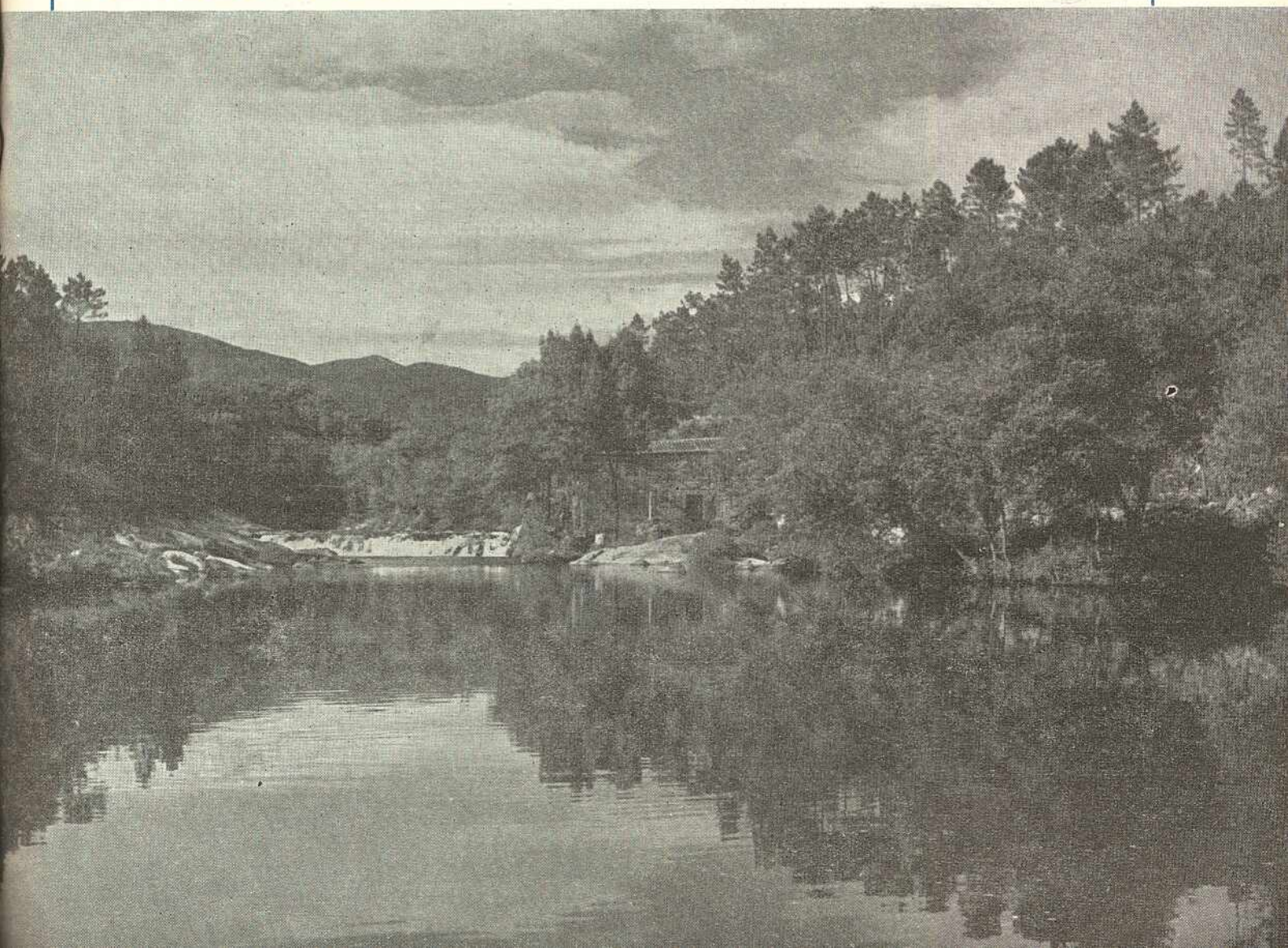
É UMA ESTÂNCIA TERMAL DOS DOENTES DO APARELHO DIGESTIVO,
ESPECIALMENTE DO INTESTINO

EXPLÊNDIDOS RESULTADOS EM CASOS DE ENTEROCOLITE MUCO-MEMBRANOSA,
COLITE ESPASMÓDICA E OUTRAS DISTONIAS NEURO-VEGETATIVAS,
COLIBACILOSE, ESTADOS ALÉRGICOS, INSUFICIÊNCIA HEPÁTICA, ETC.

ACONSELHÁVEIS ÀS PESSOAS QUE VIVEM EM CLIMAS TROPICAIS

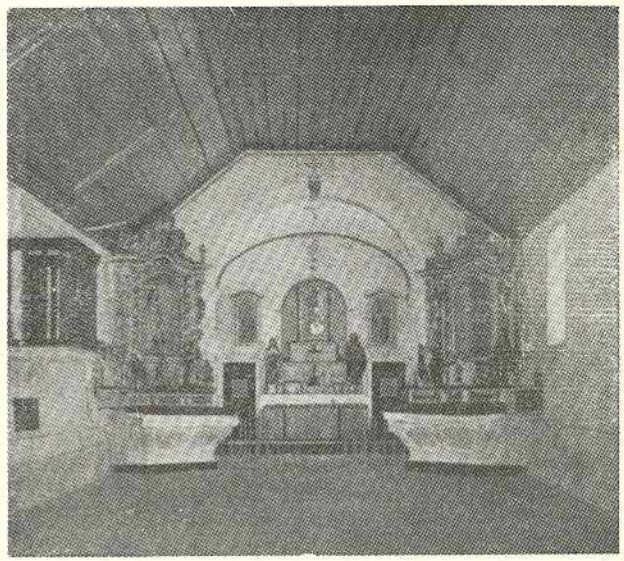
BALNEÁRIO MODERNIZADO

CALDELAS – O Rio Homem em Pitaes



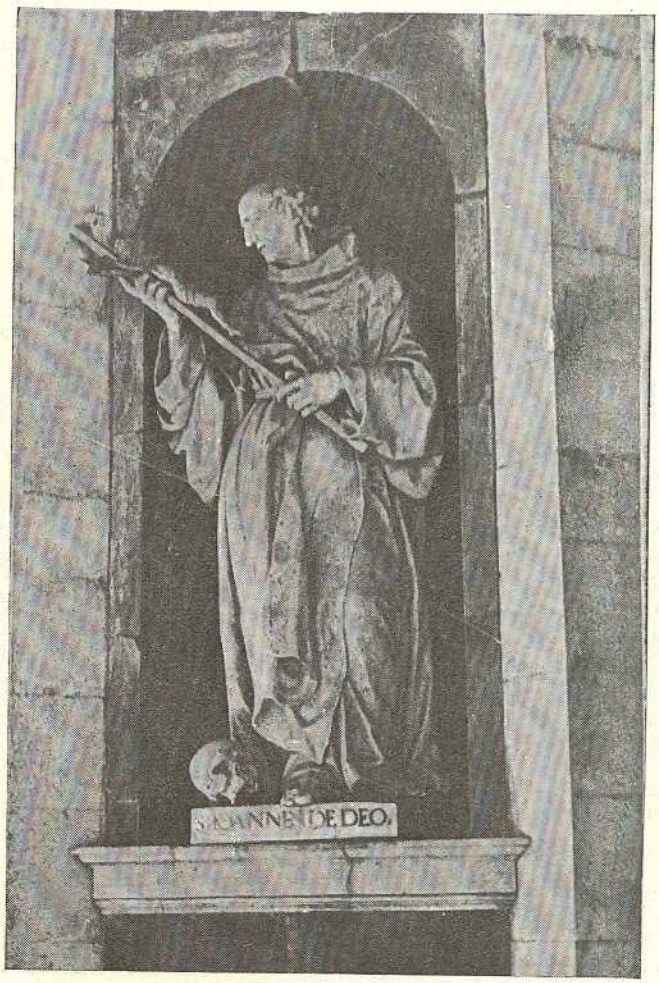
MONTEMOR-O-NOVO

Graciosa vila alentejana



Interior da Igreja de Montemor-o-Novo
L'eglise de Montemor-o-Novo (interieur)
Montemor-o-Novo's Church (inside)

As tradições históricas de Montemor-o-Novo principiam bem cedo pois o seu primeiro foral é concedido por D. Sancho I em 1203. O seu desenvolvimento principia então e quando, mais tarde, D. João II (1477) e D. Manuel I, em 1495, lhe concedem outras mercês, a graciosa vila alentejana disfruta já de uma importância que justifica terem aqueles soberanos ali reunido Côrtes. Este facto dá bem a ideia do que já era Montemor-o-Novo na segunda metade do século XV.

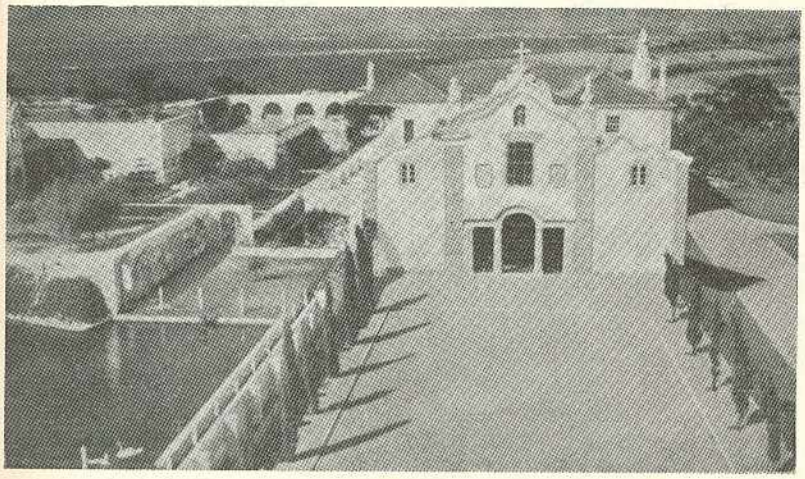


S. João de Deus

Região rica em azeite, cortiça e gados e onde também existem minas de ferro, é cabeça de concelho e uma das mais importantes vilas do distrito de Évora.

Entre os seus filhos ilustres avulta, naturalmente, a figura de S. João de Deus que ali nasceu em 1495 para depois seguir uma vida religiosa tão cheia de virtudes que subiria aos altares em 1691, cento e quarenta anos depois da sua morte, ocorrida em Granada. O famoso Santo português, muito embora tivesse passado grande parte da sua vida em Espanha, nunca esqueceu a sua pátria e, sobretudo, a sua terra natal.

Montemor-o-Novo, que possui alguns edifícios antigos de real valor, é hoje uma vila moderna e progressiva onde o desenvolvimento turístico se tem observado de uma forma deveras consoladora.



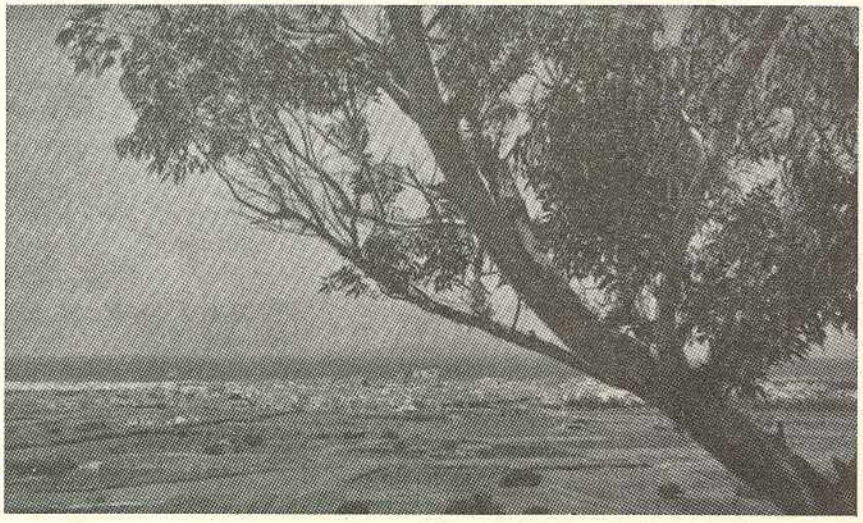
Convento dos Capuchos, em Almada
Couvent des «Capuchos» à Almada
The «Capuchos»' Convent, in Almada

ALMADA

E O SEU

CONCELHO

DIZEM velhas crónicas que El-Rei D. Dinis possuia uma coroa magnífica e um riquíssimo cetro, feitos com o ouro que outrora se achava na *Adiça* e nas margens do Tejo, próximo de Almada. Esse facto pode hoje ser tomado como um símbolo porque oiro representa todo o maravilhoso panorama da região de Almada, um concelho laborioso que no seu extraordinário desenvolvimento nunca esqueceu os aspectos ligados ao turismo, assim demonstrando verdadeiro conhecimento do valor que ele representa. Tal facto não pode deixar de registar-se com verdadeiro contentamento porquanto, graças a ele, a terra que foi berço de Diogo Paiva de Andrada, que viu triunfar o bravo Conde de Vila Flor e tombar para sempre o fidelíssimo Telles Jordão, pode orgulhar-se de ser um dos lugares mais visitados e apreciados de todo o distrito de Setúbal. E porque entre tantas belezas, uma se apresenta com especial expressão — a Costa da Caparica — citemos essa praia maravilhosa que sucessivos empreendimentos vão enriquecendo todos os dias, a colocá-la entre as melhores do nosso magnífico litoral. Na realidade, a Costa da Caparica alia à sua imensa beleza natural tudo o que, obra do homem, constitui atractivo já como centro de diversão já como local de veraneio onde não faltam todos aqueles confortos que a vida moderna incluiu nas exigências do turista.



Vista geral da Costa da Caparica
Vue général de Costa da Caparica
General view of the Costa da Caparica

Vila Nova de Famalicão

Tesouro do Minho

DEPOIS do deslumbramento provocado pela sucessão de panoramas que se desdobram numa prodigalidade de cores e de motivos, entra-se em Vila Nova de Famalicão para se receber da mais pitoresca vila do Minho, a impressão deliciosa de que se passa o portão maravilhoso dum grande jardim onde a primavera se eternizou, como que enamorada. Na nossa alma recolhe-se então uma porção de sonho que paira na castidade desses arvoredos a abraçarem a perpétua mocidade da terra, acolhedora e formosíssima. Assim se compreende quanta justiça e homenagem lhe concedeu D. Sancho I que, sensível à graciosidade e encanto da paisagem, resolveu povoar a terra quase deserta nessa remota época, outorgando-lhe a 1 de Junho de 1205 o seu primeiro foral. No entanto, só a partir de 1836 Vila Nova de Famalicão começa a desenvolver-se verdadeiramente, então se abrindo a sua primeira rua — a Formosa.

Elevada à categoria de vila no reinado de D. Maria II (1841) tem alguns excelentes edifícios antigos como o velho Hospital de S. João, a *Casa do Farol* e a igreja de Santa Maria Madalena, construída em 1510, que dão à vila um carácter e um ambiente onde a tradição se doira de glórias, de prestígio histórico e de magnificência artística. Por tudo isso, bem merece Vila Nova de Famalicão que se lhe chame — o tesouro do Minho.

VILA NOVA DE FAMALICÃO
Mercado de loiças
Marché de poteries
Potery Marcket

TELEFONE 86 01 03
VIDREIRA, L.DA
VIDRO POLIDO • VIDRO BELGA • VIDRO DE FANTASIA (branco e em cores) • VIDRAÇA NACIONAL • MOLDURAS • ESTAMPAS
OFICINA DE
BIZELAGEM, ESPELHAGEM, GRAVURA, FOSCAGEM, ETC.
FABRICANTES DE LUSTRES
Rua da Palma, 268 LISBOA

TELEFONE 3 55 32
Sociedade Nacional de Marmorarte, L.da
MÁRMORES E CANTARIAS
OFICINAS MECÂNICAS
207, Rua da Madalena, 209 LISBOA

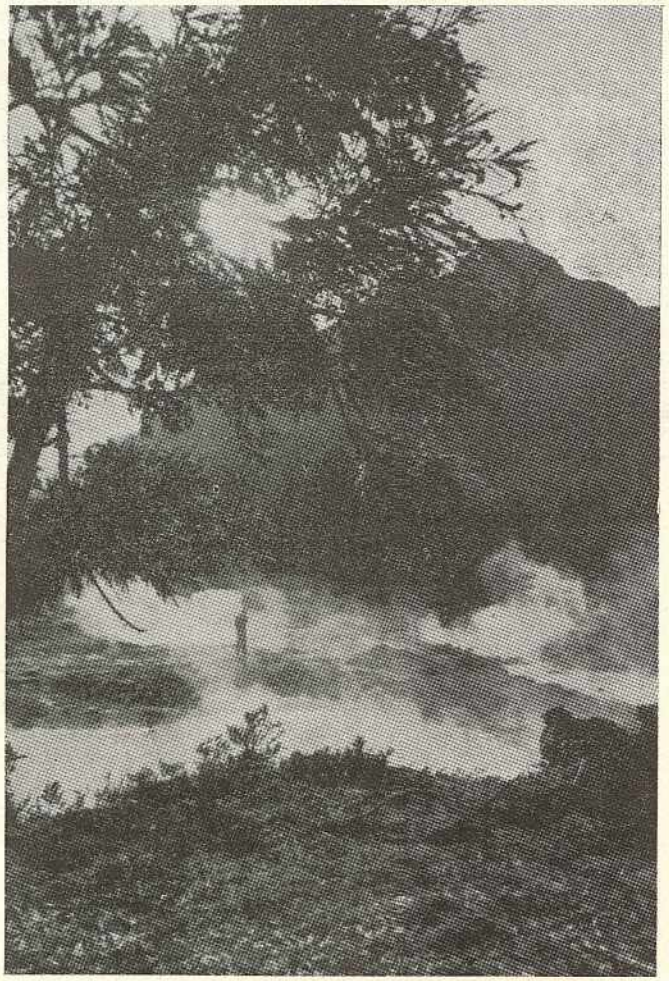
AÇORES

S. MIGUEL ——— **«A ILHA VERDE»**

ESPERA-VOS PARA UMAS FÉRIAS INESQUECÍVEIS!

Lago azul das Sete cidades (detalhe)

- CLIMA TEMPERADO
- VEGETAÇÃO EXUBERANTE
- PESCA DESPORTIVA NO MAR, LAGOS E RIBEIRAS
- AMBIENTE IDEAL PARA CURAS DE REPOUSO



Algumas das caldeiras (sulfataras) do Vale das Furnas

- TRATAMENTOS HIDRO-MINERAIS NO VALE DAS FURNAS)
- CASINO E HOTEL DE 1.ª CLASSE (VALE DAS FURNAS)
- PAISAGENS DE SONHO
- CAÇA, GOLF E OUTROS DESPORTOS

PARA INFORMAÇÕES:

COMISSÃO DISTRITAL DE TURISMO

PONTA DELGADA – S. MIGUEL – AÇORES

A GUINÉ PORTUGUESA

UMA COLÓNIA EM FRANCO PROGRESSO

Não pode deixar de ser grato a todos os Portugueses, constatar o constante progresso da nossa colónia da Guiné, tão evidente que até os próprios estrangeiros que a visitam são unânimes em referi-la com o maior elogio. E se é verdade que para esse estado de coisas todos têm contribuído na medida das suas possibilidades — só com uma conjugação de esforços e um aglomerado de boas vontades seria possível realizar semelhante obra — nem por isso pode esquecer-se a figura máxima de todo esse movimento, o espírito orientador que a tudo preside e cujo prestígio se baseia nos mais invulgares dotes: o governador Silva Tavares.

Ao ser investido no alto cargo S. Ex.ª conhecia já — e de que forma — a colónia que ia governar, as suas gentes, as suas aspirações e as suas possibilidades. Isto porque já ali havia exercido as funções de magistrado do Ministério Público, lugar em que, pelo seu carácter e isenção, grangeou a simpatia geral das populações civilizada e indígena. Este facto, aliado ao prévio conhecimento dos problemas da colónia, pôde servir da melhor maneira o seu exuberante espírito de iniciativa, a sua clara inteligência e o judicioso critério administrativo de que tem dado provas. Foi assim possível dar continuidade à obra do grande governador que foi o comandante Sarmento Rodrigues, sob cujo governo a Guiné viveu as primeiras horas da sua admirável renovação. O indígena, com o seu admirável poder de análise crítica, começa já a chamar «Homem grande» ao governador Silva Tavares, com o mesmo timbre de admiração com que, no passado, dedicou a dois outros grandes obreiros da Guiné: os governadores Sarmento Rodrigues e Velez Caroço.

Como consequência de todo o acerto referido, a Guiné está a sofrer, presentemente, uma assinalada transformação económica. Capitais europeus concorrem, sempre em maior intensidade, para o fomento da terra. Firmou-se já contrato para a possível exploração de petróleo; ultimam-se os preparativos para a exploração de alumínio; constroem-se fábricas e modernas estradas asfaltadas — tudo isso concorrendo da maneira mais conveniente para o desenvolvimento e riqueza da colónia. Por outro lado,

a hidráulica agrícola acha-se em plena actividade no sentido de regularizar o curso do Rio Geba, tornando-o navegável até Bafatá.

No campo da política indígena é deveras notável a actuação do governador Silva Tavares, toda ela baseada num ponto essencial: elevação das condições de vida dos naturais e sua valorização como elementos de trabalho.

Não menos notável é a acção do Sr. Governador Silva Tavares no desenvolvimento da agricultura indígena, até há pouco, base da economia da Guiné. Além de se fomentar a produção indígena, principalmente do amendoim e do coconote, procuram-se actualizar os métodos seculares. Este trabalho será árduo porque o indígena é essencialmente conservador, mas tudo leva a crêr que o hábil tacto político do governador acabará por vencer as dificuldades que se levantem ao seu proveitoso desígnio.

Ùltimamente têm também sido melhoradas as condições de assistência médica dos indígenas através de uma bem estudada distribuição dos serviços clínicos e hospitalares que, para os naturais, são inteiramente gratuítos.

De realçar ainda as amistosas relações que a Guiné Portuguesa mantém com o Senegal e de uma maneira geral com todos os visinhos da Província, o que demonstra uma exacta compreensão dos pormenores da política internacional. Como consequência e apenas para citar um exemplo, a risonha e paradisíaca estância de repouso de Varela é tão visitada por portugueses como por estrangeiros — especialmente franceses — todos eles mantendo uma tão correcta familiaridade que chega a causar espanto.

Entre os colaboradores do Govêrno da Guiné — valioso auxílio para o equilíbrio geral da obra — além da quase totalidade dos administradores, que são as verdadeiras células que impulsionam a vida da Província e entre os quais existem admiráveis dedicações, é de justiça salientar o nome do comerciante Mário Lima Whanon, o mais antigo membro do Concelho do Governo da Província, homem que pelos seus dotes se tornou estimado e respeitadíssimo e que tem contribuído com notável esforço para o progresso da Guiné.

Não há dúvida que o governo da Guiné está entregue a mãos sábias, consoladora verdade que nos faz ter a certeza de ser possível remediar muitos erros do passado. O necessário agora é que ao ilustre Governador sejam dados os melhores meios de acção para que a sua obra possa ser, na realidade, garantia de continuidade futura — única maneira de se colher, da sua brilhante actividade, o necessário e lógico proveito.

ALMEIDA & FREITAS, LDA.

FÁBRICA MECÂNICA DE EMBALAGENS EM FOLHA DE FLANDRES

SERRAÇÃO DE MADEIRAS E CAIXOTARIA

SERRALHARIA – MATERIAL PARA LACTICÍNIOS

TELEG.: LATAS TELEF. 9

VALE DE CAMBRA

PORTUGAL

SERRALHARIA MECÂNICA E CIVIL

DE

EUGÉNIO DE ALMEIDA VILANOVA

Especialidade em:

MÁQUINAS E UTENSÍLIOS PARA LACTICÍNIOS,

SERRAÇÃO E LATOARIA, ETC.

TELEF.: 80

VALE DE CAMBRA

PORTUGAL

TIPOGRAFIA CENTRAL

ENTRONCAMENTO, LDA.

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GÉNEROS

•

ENCADERNAÇÃO

CARIMBOS DE BORRACHA

•

MAQUETES PARA GRAVURAS

RUA 5 DE OUTUBRO TELEF. 6268

ENTRONCAMENTO

LACTOLUSA, LIMITADA

FÁBRICA DE PRODUTOS LACTEOS

Tele { fone 24
gramas: LACTUSA – Vale de Cambra – Portugal

Fábricas em Vale de Cambra e Ponte do Lima

Armazém em Lisboa – Rua D. João V, 6-B – Telef. 68 15 82

QUEIJOS

PASTER (Tipo flamengo) BELOLUSO (Tipo Bell Poese)

MANTEIGA LUSA E SASEINA

A EXPOSIÇÃO UNIVERSAL E INTERNACIONAL DE BRUXELAS—1958

e a representação de Portugal

O êxito alcançado pela Exposição Universal e Internacional de Bruxelas — 1958 excedeu todas as expectativas. Uma verdadeira multidão, vinda dos vários continentes, tem visitado, com o mais vivo interesse, todo o certame, emprestando-lhe o curiosíssimo carácter de um cosmopolitismo vibrante. O passado dia 24 foi dedicado a Portugal, facto que além de despertar o maior interesse veio completar muito expressivamente o grande esforço de Portugal para se apresentar prestigiosamente em Bruxelas.

Além da missa rezada no Pavilhão da Santa Sé os representantes das igrejas protestantes quizeram também homenagear o nosso País, realizando um serviço religioso na igreja do seu Pavilhão.

A meio da tarde, no recinto da Exposição, po-

Três gentis «assistentes» junto do pavilhão de Portugal

diam ver-se centenas de crianças, agitando alegremente bandeirinhas de Portugal.

O espectáculo que teve lugar no «Auditorium» despertou grande interesse, esgotando-se a lotação que é de de 2.000 lugares. Abriu o espectáculo a Orquestra Nacional Belga que dirigida pelo maestro Frederico de Freitas executou a «Portuguesa» que foi escutada em ambiente de emoção. O grupo de bailados «Verde Gaio» que apresentou, entre outras, as danças «Malhão» de Óscar da Silva, «Ribatejo» e «A dança da menina tonta» de Frederico de Freitas, «Dança da terra e do mar» com os quadros «Pescadores da Nazaré», de Rui Coelho, «Pastores» de António Melo, «Noite de S. João», «A Prometida» e «Danças de Trás-os--Montes» todas de Rui Coelho, foi alvo de entusiásticas aclamações, que se repetiram, mais vibrantes talvez, após a actuação de Amália Rodrigues que teve o condão de fazer sentir aos estrangeiros todo o sentimento do nosso *fado*.

Entre as individualidades belgas presentes contavam-se: os ministros do Interior e da Justiça, Pierre Vermeylen e Albert Liliar, respectivamente; o antigo Chefe do Gowerno Van Houtte; e o grande marechal da Corte, Conde D'Aspremont Lynfen. Compareceram também a maioria dos comissários gerais — entre os quais se via o da França, Pierre De Gaulle — e, ao lado do Embaixador de Portugal, dr. Vieira Leitão, os chefes das missões diplomáticas dos países representados na Exposição.

Ao espectáculo seguiu-se uma recepção no Palácio da Elegância que foi a maior até hoje efectuada na Exposição pois reuniu mais de 1.200 pessoas. O prof. dr. Marcelo Caetano foi muito felicitado pelas altas individualidades presentes, entre as quais vários membros do Governo belga. Amália Rodrigues, que também compareceu, foi muito aplaudida e assediada com pedidos de autógrafos. A recepção terminou de madrugada.

O «dia de Portugal», na Exposição de Bruxelas, foi como se vê uma bela jornada de propaganda.

REPRESENTAÇÕES
NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

★

COMISSÕES
E
CONSIGNAÇÕES

★

A. J. SILVEIRA, L.DA
RUA DOS BACALHOEIROS, 139, 3.º-ESQ.
LISBOA

PENSÃO CASA LENA
(PRÉDIO MODERNO)
ÓPTIMOS QUARTOS • COMIDA CASEIRA
MÁXIMO ASSEIO • AMBIENTE SELECTO
COLCHÕES DE MOLAS
SI HABLA ESPAÑOL – ON PARLE FRANÇAIS – ENGLISH SPOKEN
SI PARLA ITALIANO – MAN SPRICHT DEUTSCH
Rua D. João V, 7, 2.º-Dt.º (ao Rato) – Tem ascensor
Telefones 68 54 20 / 68 06 70 LISBOA

TAGIDE ★
YOLA E PAULO — BAILARINOS
PATRÍCIA — A COMEDIANTE DA CANÇÃO
MARIA MONTREAL
DONA TELLA — VEDETA FRANCO-ITALIANA
CLAUDE MARTY — GRANDE FANTASISTA FRANCÊS
SAUDADE DOS SANTOS — CANTADEIRA

A C. P. AO SERVIÇO DO TURISMO

Praias Portuguesas,
Praias de Maravilha

Portugal, no dizer das pessoas viajadas, possui praias de incomparável encanto e das mais belas da Europa.

Praias portuguesas, praias de maravilha!...

É injustificável que V. Ex.ª não conheça ainda todos esses tesouros turísticos da nossa Terra: Praia da Rocha, Figueira da Foz, Nazaré, Praia de Santa Cruz, Ofir, Póvoa de Varzim, Sines, Moledo do Minho e... tantas outras!...

Se se decidir a viajar, o caminho de ferro e os respectivos serviços combinados de camionagem facultar-lhe-ão uma cómoda e módica deslocação.

As praias e outras belezas naturais do Algarve merecem ser vistas

A C. P., com os seus comboios correios, comboios semidirectos (os conhecidos «rápidos» do Algarve) e as novas automotoras directas postas há meses a circular, encontra-se à disposição dos que anseiam por conhecer esta linda província do extremo sul do País.

Conheça a sua Terra! Conheça o belo Algarve!

Ir a Aymonte, Huelva ou Sevilha
por Vila Real de Santo António

é admirar a maravilhosa união paisagística do Algarve com a Andaluzia.

Ida às 3.as 5.as e sábados

Regresso às 2.as, 4.as e 6.as feiras

Informe-se nas estações ferroviárias.

OS SERVIÇOS INFORMATIVOS DA C. P. ELUCIDARÃO V. EX.A SOBRE HORÁRIOS E PREÇOS

VIAÇÃO AUTO-MOTORA
ANTÓNIO MAGALHÃES & C.A

SEDE – Av. Marechal Gomes da Costa, 773
GARAGEM – Rua Pereira Caldas
OFICINAS – Rua Monsenhor Airosa
BRAGA

FILIAL: Praça D. Filipa de Lencastre, 178
PORTO

Luxuosas camionetas e autocarros para excursões
Automóveis de aluguer de 4 e 6 lugares

Telefones { Sede: 2086 e 2087 / Oficinas: 2760 } BRAGA

ESCOLA DE CONDUÇÃO DE AUTOMÓVEIS
A POPULAR

DIRECÇÃO TÉCNICA DE ALBERTO PIRES
MOTOS, LIGEIROS E PESADOS

Av. de Madrid, 3-C
Telef. 72 18 91

R. Victor Hugo, 6, c/v., E.
LISBOA

O Restaurante Típico «BARRETE VERDE»

em BENAVENTE

FOI recentemente inaugurado em Benavente mais um restaurante típico que contribuirá, pela sua excelência, para o desenvolvimento turístico do Ribatejo. Na realidade o «Barrete Verde» honra a região ribatejana que serve e está perfeitamente à altura das tradições da terra. Mantendo em exibição um grupo folclórico, os turistas que o frequentam terão ocasião de disfrutar um ambiente perfeitamente nacional, não só através da cozinha regional como de cantares e danças onde naturalmente terá a primazia o portuguesíssimo fandango.

Iniciativas como esta merecem o aplauso de todos e especialmente de Revista «Turismo», sempre atenta a empreendimentos desta natureza.

FORUM - um novo salão de chá de linhas modernas e ambiente agradável

No passado dia 31 de Maio inaugurou-se, na Rua de Santa Marta, 39-A, depois de um lanche que deixou em todos os assistentes a melhor impressão, um novo estabelecimemto que muito vem valorizar aquela artéria e a própria capital. Na realidade FORUM impõe-se sob diversos pontos de vista pois os seus realizadores procuraram — e conseguiram — dar-lhe um perffil actualizado perfeitamente dentro das concepções do espírito moderno, de forma a corresponder às crescentes exigências de renovação. Tudo foi cuidadosamente estudado para que no harmonioso conjunto das suas instalações o cliente se sinta bem.

Das suas montras rasgadas,, onde os melhores produtos irão desafiar o gosto dos apreciadores de coisas boas, até ao interior, onde se fabricam diàriamente as melhores especialidades de pastelaria, encontram-se discretamente distribuídos em lugar apropriado, um escolhido sortido de mercearias finas, charcutaria, frutas, bebidas, nacionais e estrangeiras, etc.

Desejando ainda desempenhar condignamente o lugar que se propõe ocupar no seu género, criou-se no FORUM um serviço muito cuidado de lanches para casamentos e baptisados.

Sob a gerência efectiva de António Gomes da Silva e Alfredo Costa Ramos, FORUM, que tem ainda um primoroso serviço de Snack-Bar, está apto a corresponder às necessidades da mais exigente clientela.

PÁGINA FEMININA

por LUIZA MARIE

A «linha saco» e os costureiros americanos

QUANDO, no princípio do ano, os *ateliers* de Paris lançaram como grande moda feminina a «linha saco» ou o «vestido camisa» — como queiram chamar-lhe, os grandes costureiros americanos, particularmente os de Nova-York, mostraram-se indiferentes às notícias que lhes chegavam da capital francesa. Pensavam que a tentativa não passaria de uma fantasia ridícula e para isso muito contribuia a pouca simpatia que a nova moda merecia, na América, aos homens. De facto, o americano detesta o «vestido camisa» a que chama «saco de batatas». Entretanto, pequenos estabelecimentos de modas foram executando, como que a medo, vestidos cujo corte obedecia aos novos ditames da moda. As elegantes, ansiosas por se anteciparem, acorreram a essas casas e foi tal a procura que com os vestidos da «linha saco» chegou quase a efectuar-se um autêntico «mercado negro». Os estabelecimentos não tinham modelos nem possibilidades de satisfazer, ràpidamente os pedidos. Mas aparecia logo quem dispuzesse de dois ou três modelos *chegados de França* e que se vendiam por pequenas fortunas. Os grandes costureiros acordaram então, anunciaram a presença de pessoal especializado, de *modelos* vindos de Paris e fizeram passar modelos ostentando as mais estravagantes aplicações da «linha saco». As senhoras acorriam com verdadeiro entusiasmo mas, quando nos *ateliers* se pôde verificar um pouco mais de calma, quatro ou cinco costureiros de menor importância tinham subido até à primeira linha dos *ateliers* de modas, graças à sua antecipação no lançamento da «linha saco» decretada por Paris. E alguns deles, jamais abandonarão a posição agora conquistada porque os lucros conseguidos permitiu-lhes melhorar as suas instalações e até contratarem contra-mestres dos mais afamados e conhecidos nos meios elegantes da América e mesmo de França. Para esses, a «linha saco» foi a coisa mais bela que a moda feminina ainda criou...

Dentes cuidados,
lábios deliciosos...
Toda a mulher pode ostentar este adorno invejável,
graças ao uso de um dentífrico
que limpa activamente:
Binaca à base de sulfo-ricinoleato!

TRÊS CONSELHOS ÀS RAPARIGAS

— Ainda que, obediente à moda, tenha cortado o seu cabelo, deixando-o muito curto, evite que ele apresente um aspecto descuidado, sempre desagradável. O ar negligente que pretende dar pode ser tomado por um desleixo que nada abonará a sua condição de rapariga elegante. Cuide pois do seu cabelo, não esquecendo que um pequeno adorno, além de o sujeitar pode emprestar-lhe um ar agradável capaz de beneficiar a sua beleza. Uma tira de «baguettes» ou um par de travessas de fantasia, com pedrarias, asseguram-lhe certamente, uma melhoria geral do seu aspecto.

— Se for para a praia e quiser gozar de todos os prazeres dos banhos de sol, não se esqueça que o Astro-Rei nem sempre apenas acariciará a sua pele. Por vezes pode causar males irreparáveis não só à pele como à sua saúde geral. Tenha pois cuidado e, sobretudo, não deixe nunca de usar um creme apropriado, que a proteja dos ardores provenientes do calor solar. Se porém o seu médico a proibe de

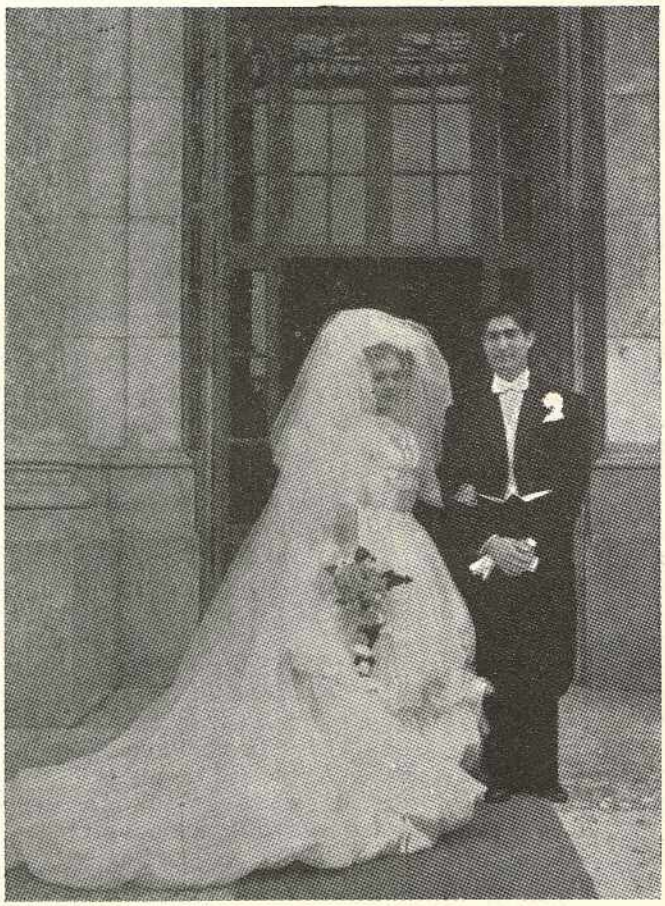
Continua na pág. 80

CASAMENTO ELEGANTE

Na Basílica da Estrela realizou-se no passado dia 18 de Junho o casamento da Sr.ª D. Lídia da Assunção Pais Gouveia, filha do conhecido industrial e proprietário Sr. Manuel Pais Gouveia e da Sr.ª D. Emília da Assunção Brilhante Gouveia, com o sr. José Mafra Salgado Figueira, comerciante, filho do Sr. José Salgado Figueira, conceituado comerciante e proprietário e da Sr.ª D. Adelaide da Conceição Mafra Salgado. O acto, que decorreu em ambiente de muita elegância, foi apadrinhado pelo Sr. Manuel de Oliveira Violas, importante industrial do Norte e pela Sr.ª D. Carmem Torres de Almeida, por parte da noiva e pelo Sr. Rafael Alberto Zoio, comerciante, e sua esposa Sr.ª D. Maria Helena Mafra Salgado Zoio, por parte do noivo.

Depois de um finíssimo lanche oferecido aos convidados no Restaurante Montes Claros, os noivos seguiram em viagem de núpcias para o estrangeiro.

Revista «Turismo» deseja ao jovem casal as maiores venturas.



TELEF. 84 43 09

Aleluia

ALFAIATE DE SENHORAS

GRAND MODIST

AVENIDA ALMIRANTE REIS, 43, 1.º LISBOA

PÁGINA FEMININA

Continuado da pág. 80

tomar banhos de sol e essa circunstância a entristece, especialmente porque gostaria de apresentar tisnada a sua pele, lembre-se que existem produtos que lhe permitem tomar a cor bronzeada que perfeitamente imita a provocada pelo sol.

— Existem, no rosto de uma mulher, três pontos críticos: a testa, os cantos dos olhos e os da boca. É nesses pontos que aparecem as primeiras rugas — especialmente os detestáveis «pés de galinha» — às vezes mais cedo do que se espera e por inteira culpa das atingidas. Se enquanto rapariga uma mulher usar medidas de previdência nesse sentido, pode estar certa de que o mal será pode-rosamente atenuado. E é tão simples... Com um creme apropriado, que na maioria dos casos pode ser um vulgar creme de noite, façam-se diàriamente umas ligeiras massagens: na testa no sentido longitudinal, de uma fonte à outra; nos cantos dos olhos, partindo da pálpebra superior, torneando exteriormente a vista e atingindo toda a pálpebra inferior; nos cantos da boca, fazendo um leve movimento circular. Procedendo deste modo pode acreditar-se que as rugas virão muito mais tarde, permitindo assim que se prolongue a juventude pela qual todas nós lutamos e tudo sacrificamos.

O Congresso da U. M. O. F. C. em Lourenço Marques

A mulher perante a sua missão

VAI realizar-se nos últimos dias de Agosto, desta vez na África Portuguesa, em Lourenço Marques, mais um Congresso da União Mundial das Organizações Femininas Católicas.

Será esta uma resposta ao desejo manifestado pelo Santo Padre Pio XII, na Encíclica «Fidei donum», de 21 de Abril de 1957, de que orientemos a nossa atenção para «A África, na hora em que ela se abre à vida do mundo moderno, e atravessa os anos talvez mais graves do seu destino milenário».

A Liga Católica Feminina, membro da U. M. O. F. C. responsabilizou-se pela realização deste Congresso, que terá por fim ajudar a mulher a situar-se perante as suas responsabilidades, e a resolver os seus problemas, tanto os que lhe são próprios, como aqueles de carácter mundial.

Que todas as Portuguesas correspondam generosamente com as suas orações, as suas dádivas e o seu apostolado.

MALHAS, SEDAS, LÃS, ALGODÕES

B. SOUSA

RUA GARRET, 78 LISBOA

TELEFONES: 2 91 01 E 3 34 39

BEAUTÉ PARFUMS

BRITO & BRITO

Av. da Liberdade, 236 LISBOA

TELEFONES: 5 29 44 – 4 07 21

ON PARLE FRANÇAIS ENGLISH SPOKEN

SI PARLA ITALIANO MAN SPRICHT DEUTSCH

JOSÉ FRANCISCO
COSTUREIRO

★

RUA CONDE REDONDO, 145-1.°
LISBOA

MARIA HELENA
ALTA COSTURA

★

RUA CONDE REDONDO, 145-1.°
LISBOA

OS GRANDES CABELEIREIROS DE LISBOA

LES GRANDS COIFFEURS À LISBONNE — HAIR-DRESSERS

COUTO (Kaute-Coiffure)
AVENIDA FONTES PEREIRA DE MELO
(EDIFÍCIO DO HOTEL EDUARDO VII)
TELEFONE 73 29 74

T. COUTO
EX-EMPREGADO DO CABELEIREIRO . ALFRED
AVENIDA JOÃO XXI, 22, 1.°-DT.°
TELEFONE 72 78 36

DUARTE & DANOVA
CABELEIREIROS
ON PARLE FRANÇAIS – ME SPEAK ENGLISH
RUA DO OURO, 200, 1.°

FRINEIA
(INSTITUT DE BEAUTÉ)
AVENIDA DA REPÚBLICA, 5
TELEFONE 5.24 01

SALÃO ÁVILA
MARTINS CABELEIREIRO

•

ARTE E BOM GOSTO
AVENIDA DUQUE D'ÁVILA, 65, 1.°
TELEFONE 4 89 33

Fantasia do nosso tempo

por Manuel Martinho

UMA sociedade anónima de cientistas muito conhecidos lembrou-se, há tempo, de montar um empresa destinada a fornecer chuva onde ela fosse necessária.

Na verdade, muitas culturas, estiolam à míngua, perdem-se colheitas, queimam-se terrenos lavrados, precisamente por não haver água abundante, caída do céu, como seiva fertilizante.

Daí o acolhimento, o êxito, do empreendimento daqueles sábios de laboratório, que preparam nas retortas chuva copiosa de dilúvio, a taximetro. A ideia, como já se anunciou é de fornecer chuva em pastilhas, em embalagens de tablete. A chuva em comprimidos terá, pois, como as injecções, milhões de unidades de água vitaminada, absolutamente aplicável à fertilização das culturas. É uma chuva preparada cientìficamente que não constipa e, possìvelmente, não molha...

Com a generalização do invento é natural que apareça amanhã, também, a chuva injectável, em doses de metros cúbicos para aplicar como aguaceiros nas quedas de água para fins industriais, mormente no campo da electricidade.

É intuitivo, de dedução em dedução, que o invento se ramifique por outros sectores e venha, por consequência, a ter uma utilidade prática imprevisível.

No campo higiénico é bom de ver que já muita gente esfrega as mãos de contente pois pode, por uma insignificância, comprar no estabelecimento meia dúzia de pastilhas de banho-duche (quente ou frio, conforme lhe apetecer) e andar prevenido no bolso para as lavagens duma semana — sem se preocupar mais se a Companhia lhe corta a água...

Nem sequer precisa de banheira porque a água — segundo dizem, — conforme se dissolve, evapora-se.

Seria muito interessante que depois de dissolvida pudesse ser recuperada, isto é, voltasse à forma de pastilha. Não é natural que aconteça por não acautelar os lucros do negócio, prejudicando os capitais investidos. E a organização da chuva sintética já gastou rios de dinheiro e, por agora, em armazém, ainda não possui mercadoria para exportação nem tão cedo poderá inundar o mercado com as pastilhas do seu invento.

A organização não estuda só a aplicação da chuva sintética. Um técnico anda a fazer cálculos para recolher, dentro dum dispositivo especial, o próprio fumo que sai dos escapes dos camiões para aplicação química. Não atinamos que propriedades poderão existir mas, possìvelmente, do mesmo modo que se pode fabricar, a preço de combate, chuva, naturalmente com o fumo fabricar-se-á uma densa cortina de nevoeiro para encobrir o sol nos dias de maior calor...

Deste modo, amanhã cada um tem, à mão, para seu capricho a paisagem que desejar e a temperatura que lhe convenha à sua constipação...

Ainda toda a gente se recorda daquela firma especializada em tardes de sol que garantiu uma temperatura amena para uma determinada cerimónia. No catálogo-reclamativo a empresa, honestamente, anunciava, com gráficos alusivos, os vários tipos de sol de que dispunha para serem escolhidos à vontade do cliente.

O homem de futuro não terá mais que se preocupar com as contingências do tempo.

Basta encomendar a chuva, o vento, o sol pelo telefone...

FAIANÇAS
DE
SACAVÉM
LOIÇAS DOMÉSTICAS
BIBELOTS DE FANTASIA
MOSAICOS CERÂMICOS • LOIÇAS SANITÁRIAS
AZULEJOS BRANCOS E DE COR • PAINEIS ARTÍSTICOS
SEMPRE IMITADA — NUNCA IGUALADA
PORTO - LISBOA - COIMBRA - FUNCHAL

ANEDOTAS

SABIA-SE LÁ...

Tendo certo indivíduo acabado a leitura de um romance, perguntou-lhe a mulher:

— Tem bom desfecho?

— Não sei — respondeu ele — diz apenas que casaram.

★

NO TRIBUNAL

O juís — Mas então o senhor não sentiu a mão do ladrão na sua algibeira.

O sábio distraído — Senti mas julguei que era a minha.

★

ENQUANTO ESTAVA «QUENTE»...

O editor — Pode ter outro livro pronto daqui a três semanas para se publicar?

O autor (bem sucedido) — Porquê tão depressa?

O editor — Não convém deixar o público esquecê-lo.

★

DEDUÇÃO ACERTADA

— Qual dos dois astros, o Sol ou a Lua, beneficiam mais a humanidade?

— Ora essa! — responde o Joãozinho sem hesitar — a Lua! O Sol brilha de dia quando não precisamos de luz, ao passo que a Lua brilha de noite, quando essa luz é mais necessária.

CANSADO E TRISTE

Sem gosto para nada

Quantas vezes a vida lhe terá parecido um fardo insuportável!

Um esgotamento físico e nervoso, e uma inexplicável ansiedade depressiva formam a cadeia que conduz a estes tão frequentes casos de envelhecimento prematuro.

Ao fim de alguns dias depois de ter tomado o **APISÉRUM** tudo se modificou. Acabou o cansaço e a depressão, normalizaram-se todas as faculdades e numa extraordinária euforia, voltou a alegria e o gosto pela vida.

Um rejuvenescimento completo

APISÉRUM de Belvefer

À VENDA NAS FARMÁCIAS
PEDIDOS DE LITERATURAS AOS

Representantes para Portugal Continental, Insular e Ultramarino

FERNANDO DE OLIVEIRA & C.ª

Calçada do Sacramento, 28-2.° LISBOA

CURIOSIDADES

DE QUANDO DATA O COSTUME DE USAR LUVAS

A invenção das luvas é remotíssima. Já na Odisseia vê-mos o velho Laertes arrancar espinhos no seu pomar, com as mãos abrigadas em luvas de cabedal.

As luvas formavam parte do vestuário dos cavaleiros da Idade-Média.

Também as usaram os sacerdotes nesse mesmo tempo, nas cerimónias da Igreja, ao passo que era proscrito o seu uso nos tribunais.

As guarnecidas de ferro formavam parte da armadura dos fidalgos; as de pelica ou de seda, para uso diário, são de data posterior, embora não muito, pois dois séculos volvidos vemos que eram usadas quase com a mesma profusão, que nos nossos dias.

O emprego da luva, como meio de adorno e sinal de etiqueta, data, em França, dos tempos de Henrique III (século XVI), em que já as usavam de seda as damas da sua corte.

Em uma obra, que em 1556 escreveu o segoviano Andrés Laguna, médico do papa Júlio III, do imperador Carlos V e de Filipe II, a propósito de ter assistido à peste de Metz — cidade que então

Continua na página 85

MATOSINHOS

Continuado da página 50

sagens que se sucedem num deslumbramento que nos diz quanto a Natureza foi pródiga de beleza e generosidade naqueles lugares. Junto à costa, frente à imensidão das águas que, ao longe, se confundem com o horizonte, estendem-se as praias magníficas expondo ao sol as suas doiradas areias.

Muito mais se poderia dizer de Matosinhos e da sua região; este esboceto porém é suficiente para que se conclua que pode oferecer, para todas as exigências, os mais aliciantes motivos de interesse.

Artico

IDEALIZAMOS
CONSTRUIMOS
REPARAMOS
GRANDES E PEQUENAS
INSTALAÇÕES DE:
REFRIGERAÇÃO
Condicionamento de ar
Ventilação-Aquecimento

ARTICO, Limitada

Jardim 9 de Abril, 18-20
(ÀS JANELAS VERDES)
Telef. 66 10 44 LISBOA

FIGUEIRA DA FOZ

Continuado da página 32

Não haverá, aqui, uma grande história, mas não deixa de haver grandes, nobres e humaníssimos exemplos.

Junto às vozes de trabalho, ou no seu intervalo, como refrigério e prémio vitalista, ouve-se cantar o Mondego e ouve-se cantar o Atlântico. De olhos abertos, na praia, estamos perto e longe, no complexo doirado e revitalizante que nos subjuga. E é então que agrada repetir as palavras entusiasticas e justas do escritor e meu ilustre camarada Mário Azenha: «A Figueira é a praia das praias deste País de praias que é Portugal».

SETÚBAL

Continuado da página 47

Terra de pescadores de grandes fábricas de conservas, os favores da natureza não recaíram apenas sobre as águas mas também, e abundantemente, sobre as terras, semeando horizontes de maravilha revestidos de preciosos vinhedos ou coloridos pela alegria polícroma dos imensos pomares, onde as laranjas — as célebres laranjas de Setúbal — são, em todo o Mundo, as melhores embaixadoras da famosa fruta portuguesa.

Assim é Setúbal — sempre bela, sempre jovem, sempre acolhedora.

AZULEJOS
e faianças artísticas género antigo,
não compre sem visitar o depósito da
FÁBRICA SANT'ANA
EXECUTA QUALQUER ESTILO
Rua do Alecrim, 91-97 – Telefs. 2 25 37 e 8 15 92
LISBOA

JOSÉ JÚLIO DA COSTA ABREU, SUCRS, LDA.
End. Teleg.: BENTABREU Caixa Postal 37
ANGRA DO HEROISMO
CORRESPONDENTES BANCÁRIOS
Depositários de: Cimento Tejo, Lâmpadas Lumiar, Óleo Lubrificante Armoco, Materiais de Construção, etc.
Sub-Agentes da FORD MOTOR, COMP.
Comissões – Conta Própria – Administrações

Empresa de Iluminação Eléctrica da Horta
(S. A. R. L.)
Distribuidora da corrente eléctrica – Fabrico de gelo – Oficinas de serralharia e reparações de automóveis – Material eléctrico para instalações de luz e força motriz.
TELEFONE SEDE: 48 TELEFONE FÁBRICA: 113
HORTA – FAIAL **(ILHA AZUL) AÇORES**

M A G A Z I N E

Continuado da página 83

pertencia à Flandres espanhola — obra que se intitula: *Breve discurso sobre a cura e preservação da pestilência,* entre as precauções que recomenda, uma delas é o uso de luvas de pele de camurça, para evitar o contágio. Além disso, durante o reinado de Filipe III, fundaram-se várias importantes fábricas de luvas perfumadas, em Valladolid, Segovia, Barcelona e Madrid.

Também na Inglaterra se usaram muito, e, segundo autorizadas opiniões, o costume que as tornou indispensáveis para concorrer a salões e festejos, foi moda exportada dessa nação.

Parece impossível que a luva, quase um utensílio manual, tenha criado uma boa parte da história dos povos. A antiguidade fez da luva, não só um objecto de pompa e de esplendor, mas também um regimen de conduta e de vida, visto como ela penetrou até nos segredos da honra.

Chegou a ser de um luxo extraordinário. De Laborde fala-nos, no século XIV, de quarenta e oito botões de ouro para dois pares de luvas de pele de cão, cobertas de pele de cabrito, guarnecidas no extremo por quatro botões de pérolas. Também fala de *luvas de prelado,* com bordados sobre fundo de ouro, cheias de esmaltes, nos quais se engastavam muitas pérolas.

A INVENÇÃO DO TELESCÓPIO

Duas crianças brincando na loja de um oculista é que deram lugar à descoberta do telescópio.

SUPERSTIÇÕES

Ainda no século passado existiam em Portugal curiosas superstições. Embora pareça estranho ainda havia muita gente que acreditava que, quando se untava com azeite a cabeça e o bico de um galo, ele nunca mais cantaria;; que, quem bebesse fel de lebre diluído em vinho, dormiria por muitas horas e não acordaria sem que lhe lavassem a boca e o nariz com vinagre; que aqueles que se untavam com cebo de leão podiam andarr, descançadamente entre as feras e que, que colocasse na cama um olho de andorinha não conseguiria dormir.

O mais moderno estabelecimento
de Discos de Lisboa

Discoteca Universal, L.da

Rua do Carmo, 551, C — Prédio Novo
Telefone 34726 *LISBOA*

Uma embalagem que garante
o seu disco preferido

Sabia que . . .

...os maiores rios do mundo são o Mississipi, na América do Norte (6.730 kms), o Ole-Irtich, na Ásia (5.300 kms), o Nilo, em África (6.500 kms), o Amazonas, na América do Sul (6.180 kms) e o Volga, na Europa (3.570 kms)?

...o maior túnel existente é o do Lago Huntington (Califórnia), que mede 21.760 metros?

...o edifício mais alto é o do Empire State Building, de Nova York, que tem 381 metros?

...as cidades mais populosas são Londres (com 8.203.942 habitantes) e Nova York (com 7.835.099 habitantes)?

...Portugal ocupa o terceiro lugar em volume de população nas suas possessões, com 10.569.068, só tendo à sua frente a Inglaterra com 57.426.000 e a França com 47.728.000.

EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE BRUXELAS DE 1958

A C. P. e os caminhos de ferro estrangeiros encontram-se à disposição de V. Ex.ª para lhe possibilitarem a deslocação a esta extraordinária manifestação internacional.

Os serviços informativos da C. P. elucidarão V. Ex.ª sobre horários e preços

HOTEL LISBONENSE

O MAIOR HOTEL DA CIDADE E UM DOS MAIORES DE PORTUGAL

O único Hotel das Caldas instalado em edifício expressamente construido para Hotel — O único que possui salão de festas e de jogos — jardim e parque próprios — Situado no melhor local — O único Hotel das Termas com personalidade.

PREÇOS MODERADOS

Nova Gerência de: PAULINO DE FIGUEIREDO
CALDAS DA RAINHA **TELEF. 2176**

ADQUIRA OS SEUS BILHETES DE

AVIÃO — BARCO — COMBOIO

EM TODAS AS CLASSES

Aos mesmos preços das Companhias transportadoras, nas Agências de Viagens e Turismo

VAGONS LITS// COOK

400 AGÊNCIAS NO MUNDO

em Portugal Continental e Ultramarino:
LISBOA — Avenida da Liberdade, 103
PORTO — Palácio Nacional, Praça da Liberdade
COIMBRA — Edifício do Turismo, Largo da Portagem
ESTORIL — Galerias do Parque
LUANDA — Avenida Marginal Paulo Dias de Novais
LOURENÇO MARQUES — 49, Av. da República, Edifício Santos Gil

CAFÉ RESTAURANTE «CACHARRA»

Bons aposentos — Óptimo serviço de restaurante

R. do Raimundo, 32-38 Telef. 3052 ÉVORA

Pensão Residencial CASA DAS LÉRIDAS

(1.ª classe)

Panorama encantador

Telef. 18 Alcino dos Reis — AMARANTE

Restaurante MESTRE ZÉ

Admirável sala de jantar com vista sobre o mar

Telef. 089210 PRAIA DO GUINCHO

Restaurante MAR-BRAVO

O mais bem situado

Telef. 80 NAZARÉ

ARTES & LETRAS

MÚSICA

ÓPERA PORTUGUESA

Foi um êxito absoluto a representação do «Barbeiro de Sevilha» ópera com que o Teatro de S. Carlos encerrou a curta série de espectáculos cuja interpretação estava ùnicamente confiada a cantores portugueses. Depois dessas récitas, sem dúvida memoráveis, em que se executaram partituras portuguesas e estrangeiras, não há dúvida que os artistas líricos portugueses, assim como maestros, orquestra, corpo de baile e coros, foram submetidos a uma dura prova cujo resultado não pode oferecer dúvidas de qualquer espécie. O facto, se é de registar com o maior contentamento, autoriza a acreditar que às entidades competentes poderá ter fornecido indicações com reflexo na estrutura geral das futuras épocas em que para bem de todos — especialmente do público — bem se pode dar maior relevo a récitas semelhantes que substituem com vantagem indiscutível outros espectáculos em que apesar da presença de estrangeiros, nem sempre se atinge nível artístico que se possa comparar ao agora obtido pelos portugueses no palco de S. Carlos.

FESTIVAL GULBENKIEN DA MÚSICA

Prosseguindo no seu plano de notáveis realizações culturais, a Fundação Calouste Gulbenkien, levou a efeito o seu segundo festival da música, que está decorrendo num nível verdadeiramente extraordinário. O público Português através de uma iniciativa notabilíssima, pode assim, sem grande dispêndio, apreciar os grandes valores da música contemporânea.

É consolador verificarem-se iniciativas desta categoria que, nos tempos que correm, maior expressão ostentam por chamarem as almas àqueles aspectos de cultura espiritual que, dia a dia, parecem naufragar no ambiente de mau gosto e superficialidade de muitas educações alcunhadas de «modernas».

ARTES PLÁSTICAS

EXPOSIÇÃO DE PINTURA

Eurico Gonçalves e João Carlos Viola, expuseram, na Galeria do «Diário de Notícias» as suas telas de pintura nova verde — e verde é a cor da esperança — expontânea, curiosa e sincera como os próprios autores.

Como o modernismo não exclui poesia, lá estavam «A Lua é um cristal de Felicidade» e «O Cantar duma Cotovia» como títulos de alguns dos quadros expostos.

BAILADOS EM S. CARLOS

Margarida de Abreu, um nome já consagrado nos ambientes da coreografia nacional, apresentou uma vez mais no Teatro de S. Carlos, os seus discípulos, obtendo, como já nos habituara, um verdadeiro êxito.

O que representa para a arte da dança em Portugal o nome de Margarida de Abreu não é necessário relembrar; no entanto não pode deixar de realçar-se a perseverança artística de quem tinha já direito a descançar à sombra dos louros colhidos em tantas e tantas etapas triunfantes.

LITERATURA

UM NOVO ROMANCE DE OLAVO D'EÇA LEAL

Olavo d'Eça Leal voltou à actividade literária e o seu próximo romance «Conceituado Comerciante», será lançado a público muito brevemente, editado por Gomes & Rodrigues. Trata-se de uma obra valorosa, estruturada em moldes inteiramente novos e, já se sabe, com aquele sabor literário que Olavo d'Eça Leal sabe emprestar a todas as suas produções.

ESTEVAM FERNANDES

No último número de revista «Turismo» fazia-se referência, na nossa página Tauromáquica, à maneira entusiástica como o jovem cavaleiro Estevam Oliveira Fernandes estava preparando a sua temporada de 1958. Mas.... «o homem põe e Deus dispõe», quando se achava já anunciado para a praça de toiros de Setúbal, agrava-se-lhe uma enfermidade já antiga e o valoroso cavaleiro teve de sujeitar-se a uma operação urgente e delicada. Internado nos quartos particulaires do Hospital da C. U. F. ali foi operado, felizmente com o maior êxito, achando-se já, em framca convalescença.

Apesar disso porém e dado o carácter da operação é pouco provável que possa voltar às arenas tão de pressa quanto seria seu e nosso desejo.

GASTRONOMIA

O PRAZER DE COZINHAR

Por E. DUAL

Cozinhar, além de ser uma arte, é, para muita gente, um verdadeiro prazer. Assim, são inúmeras as pessoas que, pela sua posição social ou bens de fortuna, bem podendo deixar a outrem o encargo de cozinhar, não resistem às seduções da culinária e até têm receitas suas, estudadas com o maior cuidado e referidas como verdadeiros títulos de glória. E o caso não se observa apenas com as senhoras, muito embora os homens, por razões correspondentes a tantas *fraquezas* próprias do sexo forte, escondam essa preferência, mostrando-se superiores aos labores da cozinha.

A Rainha Guilhermina da Holanda preza-se de ser uma cozinheira exímia e certos pratos feitos por si são verdadeiras obras-primas de culinária, não só pelo paladar como pela apresentação. Também a Rainha Vitória, de Inglaterra não escondia o seu prazer de cozinhar e igual preferência se conhece de Maria Antonieta, Catarina de Médicis, a Imperatriz Josefina e tantas outras que chegaram a ter *pratos* de sua invenção que de-pressa ganhavam fama, independentemente da circunstância de terem sido urdidos por cabeças coroadas.

Ora se tivermos em conta todos os benefícios que a técnica trouxe à moderna cozinha — desde o frigorífico até aos actuais fogões eléctricos, concluir-se-há que os prazeres da culinária, longe de poderem ficar alheios aos limites da educação moderna da mulher, deve, pelo contrário, fazer parte integrante dela e como nunca as senhoras se devem orgulhar de possuir sólidos conhecimentos de culinária. Esses conhecimentos devem até ter uma expressão mais ampla, dado que o desenvolvimento do turismo, proporcionando maior facilidade de viagens — às vezes pensadas dentro dum plano da maior economia — traz a primeiro plano a colaboração de farnéis que serão tanto mais agradáveis quanto mais se afastarem das clássicas *sandwichs* que os modernos princípios alimentares, cientìficamente estudados, quase todos condenam por forçarem a uma prejudicial abundância de pão. Por outro lado, agora que se entra num período de férias, surgem, naturalmente, os vulgares *piqueniques* e durante eles uma dona de casa digna desse nome terá admirável ensejo de demonstrar até que ponto pode levar a sua habilidade culinária.

Não é de forma alguma mais fácil, estabelecer uma boa *ementa* de campo do que a estabelecer para a mesa. O ambiente e as circunstâncias determinam subtilezas que todos compreenderão num agradecimento. É pois um sector a explorar esse da cozinha extra-lar ou, melhor, das refeições extra-lar, capaz de acrescentar loiros à coroa de glória da melhor dona de casa.

RECEITAS

O peixe — alimento delicioso

Chegou o tempo das férias e todos aqueles que as passarem à beira-mar, na maioria das encantadoras praias da costa portuguesa terão possibilidade de obter peixe de uma frescura com que, apesar do desenvolvimento sempre crescente dos meios de transporte, só muito raramente chega aos grandes centros, especialmente os que se situam longe do litoral. Em algumas praias é até possível conseguir o peixe apenas regressam os batéis após a faina da pesca. Nesta altura portanto, interessa saber cozinhar as diversas espécies de peixe que mais aparecem nas águas portuguesas. Por isso, oferecemos hoje às nossas leitoras algumas receitas para cozinhar peixe, todas elas deliciosas e sem grandes complicações.

Barbo grilhado com molho de tomate

Limpa-se e escama-se um barbo e rega-se de azeite levando-o então à grelha com fogo pouco vivo.

Prepara-se àparte uma caçarola onde se farão aloirar duas cebolas picadas em três colheres de azeite. Junta-se então 1 quilo de tomates pelados e sem graínhas, que prèviamente se esmagam, 1 dente de alho, sal e pimenta.

(continua na página 91)

BOTELHAS
A MELHOR AGUARDENTE PORTUGUESA • UMA VEZ PROVADA É SEMPRE DESEJADA
PRODUTOR-ARMAZENISTA
VIRGOLINO JOSÉ TORROAIS SALVATERRA DE MAGOS

(continuado da página 88)

O barbo grelhado será coberto com este molho distribuindo-se em volta da travessa, azeitonas, rabanetes e porções de feijão verde cozido.

Escalopes de corvina, panados

Corta-se a corvina em filetes, temperam-se com sumo de limão, sal, pimenta e salsa e conservam-se durante meia hora em leite frio. Depois passam-se por ovo batido e, seguidamente, por pão ralado. Fritam-se, de preferência em azeite e logo que estejam dourados voltam-se para que fiquem iguais dos dois lados.

Faz-se puré de batata que se dispõe em vários bocados nos bordos de um taboleiro, no centro do qual vão os filetes já fritos. Rega-se tudo com manteiga derretida, sumo de limão e queijo ralado e mete-se no forno durante cerca de 20 minutos.

Pescada em vinho

Corta-se a pescada em postas, deixando-se de molho em vinho branco durante um quarto de hora. Entretanto, faz-se ferver azeite numa caçarola onde se refogam cebolas, cenouras picadas. Quando tudo estiver loiro acrescenta-se com duas colheres de farinha de trigo e junta-se-lhe um pouco de vinho branco, salsa, sal, pimenta e coloraiu.

Retira-se o peixe do vinho, enxuga-se e frita-se, servindo-se de seguida coberto com o molho que se fez separadamente.

Dourada no forno, à francesa

Esmague 2000 grs de cogumelos e junte-se-lhe salsa picada, 1 ovo cozido, também esmagado, miolo de pão, sal e pimenta. Limpa e escamada a dourada, rechei-a-se com esta mistura e coloca-se num prato de ir ao forno, prèviamente barrado de manteiga, rodeia-se o peixe de cogumelos cortados em quatro, batatinhas e cenouras cortadas aos pedaços, rega-se tudo com vinho branco e vai ao forno pelo es-

JOSÉ PEDRO DOS SANTOS
ARMAZÉM DE MALHAS, MIUDEZAS E ATOALHADOS
★
TELEFONE 21 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

PAUL — VINHO DE MESA
BRANCO, TINTO E PALHETE
Um tipo muito especial — engarrafiado e em garrafões
PRODUTOR ARMAZENISTA
VIRGOLINO JOSÉ TORROAIS
SALVATERRA DE MAGOS

MANUEL SIMÕES BARREIROS & IRMÃO, L.DA
SEDE — FIGUEIRÓ DOS VINHOS — TELEFONE 42
Serviço de alugueres e excursões para o País e Estrangeiro em luxuosos Auto-Pullmans — Serviço combinado com a C. P. — Garagem e Estação de serviço — Oficina de reparação de automóveis — Acessóricos para automóveis
Automóveis de aluguer

CARREIRAS DE PASSAGEIROS ACTUALMENTE EM EXPLORAÇÃO:

Almoster .... Tojal
Ancião ..... Cabaços
Bolo ..... Coentral
Bolo ..... Lisboa
Cabaços ..... Tomar
Campelo ..... Figueiró dos Vinhos
Chãos ..... Ferreira do Zêzere
Miranda do Corvo .... Relvas
Miranda do Corvo .... Semide
Miranda do Corvo .... Tomar
Ponte de Arega ..... Cabaços
Póvoa ..... Tomar

CARREIRAS DE MERCADORIAS

Avelar ..... Tomar
Cabaços ..... Caxarias
Cabaços ..... Coimbra
Cabaços ..... Tomar

AGÊNCIAS PRINCIPAIS: Em LISBOA: Garagem Liz — Rua da Palma — Telefone 86 13 63; Em TOMAR: Avenida Torres Pinheiro — Telefone 3643; Em CABAÇOS: Telefones 10 e 40

Caves Aliança
PROPRIEDADE DA VINICOLA DE SANGALHOS, LDA.
PRODUTORES E EXPORTADORES
TELEFONES 167 E 3 PBX – SANGALHOS – TELEGRAMAS ALIANÇA
PORTUGAL

ESPUMANTES NATURAIS
VINHOS DE MESA
E LICOROSOS
AGUARDENTES - BRANDIES
LICORES

ARMAZENS EM LISBOA (FILIAL): Av. Infante D. Henrique – II Circular – Lote 16 – Telefs. 39 15 96 e 39 21 55

paço de três quartos de hora a uma hora, para uma dourada de um quilo. Deve ter-se o cuidado de regar, de tempos a tempos, durante a cozedura.

Ruivos à oriental

Passe os ruivos por farinha e fritem-se em azeite. Deixar escorrer e disponha-os numa travessa.

Pele 1 quilo de tomates (sem graínhas) e corte-os em pequenos pedaços. Numa caçarola faz-se refogar uma cebola picada e quando esta estiver loira, juntem-se-lhe os tomates, salsa e tempere-se de sal e pimenta. Deixar cozer sem tapar a caçarola para que a mistura possa ganhar consistência dando lugar a um molho bastante espesso.

Deitar este molho sobre os ruivos e deixar arrefecer pois deve servir-se frio.

Garopa à americana

Corta-se em postas 1 quilo de garopa e depois de passada por farinha frita-se. Logo que as postas estejam bem douradas pelo azeite regam-se com uma porção de *cognac* que se faz arder, abafando-se em seguida.

Já devem estar arranjados, numa caçarola, 2 cebolas, 1 dente de alho, 3 tomates pelados e sem graínhas, esmagados, sal, pimenta e salsa, mistura que se faz cozer em lume brando durante alguns minutos ao fim dos quais se junta 1 copo de vinho branco. Metem-se então na mesma caçarola as postas de garopa que devem ainda conservar-se quentes, e deixa-se ferver durante mais vinte minutos, conservando-se a tampa na caçarola. Serve-se com arroz cozido, solto.

Salmonetes com mostarda

Preparam-se os salmonetes e conservam-se durante duas horas em molho de escabeche feito com 1 copo de azeite, um pouco de vinagre, rodelas de cebola, rodelas de limão, folhas de louro, aipo, pimenta e colorau. De seguida, cozem-se os salmonetes no próprio molho e numa caçarola onde prèviamente se aloirou cebola pisada. Deixa-se ferver durante alguns minutos, após os quais se retiram os salmonetes deitando-se então no molho uma colher de sopa bem cheia de mostarda, mexendo-se ràpidamente para que se estabeleça uma perfeita ligação. O molho assim conseguido deita-se então sobre os salmonetes que se servem com puré de batata.

Pargo

Cortar o pargo em postas muito finas ou filetes e deixem-se de molho num pouco de azeite, sumo de limão, sal, pimenta e rodelas de cebola.

Prepara-se uma polma com 250 grs de farinha, 2 ovos batidos, 1 colher de azeite, 1 chávena de leite e sal. Retiram-se as postas de pargo do molho passam-se pela polma e fritam-se. Servem-se com rodelas de limão, azeitonas recheadas e rabanetes.

Terrabela Hotel
2.ª CLASSE
MAGNÍFICOS APARTAMENTOS
★
FIGUEIRÓ DOS VINHOS
TELEFONE 55

RESTAURANTES DE LISBOA

——RESTAURANTS À LISBONNE——

1.ª CLASSE

Restaurante **A Quinta** — Largo do Carmo (Elevador)
» **Central da Baixa** — Rua do Ouro, 94
» **Chave d'Ouro** — Praça D. Pedro IV, 44-1.°
» **Gambrinus** — Rua Eugénio dos Santos, 23-25
» **Ibéria** — Rua Ivens, 28
» **Irmãos Unidos** — Rossio, 112
» **Macau** — Rua Barata Salgueiro, 26
» **Negresco** — Rua Jardim do Regedor, 39
» **Nicola** — Praça D. Pedro IV, 24
» **Palladium** — Restauradores
» **Piquenique** — Praça D. Pedro IV
» **Ramalhete** — Rua D. Pedro V, 56
» **Regional Ó Lacerda** — Av. de Berne, 36-A
» **Restauração** — Rua 1.° de Dezembro, 103-107
» **Tavares** — Rua da Misericórdia, 35
» **Taverna Imperial** — Praça Restauradores, 16
» **Vera Cruz** — Av. da Liberdade, 11-1.°

RESTAURANTES-DANCINGS
RESTAURANTS-DANCINGS

Restaurante **Alvalade** — Campo Grande
» **Aquário** — Rua Jardim do Regedor, 34-50
» **Bico Dourado** — Rua da Misericórdia, 12
» **Negresco** — Rua Jardim do Regedor, 39-45
» **Tágide** — Largo da Biblioteca, 19

ARREDORES DE LISBOA
ENVIRONS DE LISBONNE

Restaurante **A Choupana** — S. João do Estoril
» **Casa Branca** — Caxias
» **Casino Estoril** — Parque do Estoril
» **Palm Beach** — Cascais
» **Ronda** — Monte Estoril

RESTAURANTES POPULARES
RESTAURANTS P'OPULAIRES

Restaurante **Arroz Doce** — Rua da Atalaia, 117-121
» **Bangú** — Av. da Igreeja, 2-A
» **Bar Carioca** — Rua da Trindade, 32-34
» **Campo Pequeno** — Campo Pequeno, 3-8
» **Casa da Índia** — Rua do Loreto, 49-51
» **Castanheira** — Estrada da Torre, 77-A
» **Cid** — Rua dos Camiinhos de Ferro, 98
» **Clementina** — Rua Jardim do Regedor, 37
» **Colombo** — Av. da República, 10-H
» **Comibebe** — Rua Eugénio dos Santos, 22-24
» **Ferro de Engomar** — Estrada de Benfica, 439
» **Gelo** — Rossio, 64-65
» **Martinho** — Praça D. João da Câmara, 14-18

RESTAURANTES TÍPICOS DE LISBOA
RESTAURANTS TIPIQUES À LISBONNE
AU L'OU PEUT ENTENDRE DE «FADO»

Restaurante **A Severa** — Rua das Gáveas, 55-57
» **A Tipóia** — Rua do Norte, 100-102
» **Adega Machado** — Rua do Norte, 91
» **Adega Mesquita** — Rua Diário Notícias, 107
» **Luso** — Trav. da Queimada, 8-A
» **Mãe Preta** — Beco do Azinhal, 7
» **Márcia Condessa** — Praça da Alegria, 38
» **Parreirinha** — Largo do Chafariz de Dentro
» **Viela** — Rua das Taipas, 14

CABARETS

Fontória — Praça da Alegria, 66
Maxime — Praça da Alegria, 58
Morocco — Praça da Alegria, 56
Ritz Club — Rua da Glória, 57

RESTAURANTES DE PORTUGAL RECOMENDADOS POR REVISTA TURISMO

NOME	TELEF.	LOCALIDADE
Café Restaurante Abadia	10	Abrantes
Café Restaurante Novo Mundo	—	Águas de Moura
Restaurante Bar Comercial	—	Alcobaça
Restaurante Alentejano...	149	Beja
Café Rest. Peninsular ...	2663	Braga
Floresta do Ginjal	070087	Cacilhas
Muxito — Est. Cacilhas — Setúbal	021137	»
Oasis — Posto de Abastecimentos	22025	Caldas da Rainha
Café Restaurante Imperial	36	Carregueira — Chamusca
Café Restaurante «Campinos»	18	Cartaxo
Furnas Lagosteiras — Estrada do Guincho	089243	Cascais
Fim do Mundo	080200	»
Barraca Muchaxo - Praia do Guincho	089221	»
Restaurante «Casa da Laura»	080064	»
Restaurante Porto Santa Maria	—	»
Mónaco	042339	Caxias
Restaurante «Democrática»	23784	Coimbra
Café-Restaurante Santa Cruz	22088	»
Pinto D'Ouro - Café Restaurante	35008	»
Casa da Ponte — Restaurante	23687	»
Restaurante Cardoso	—	»
Recreio da Varzea	099008	Colares
Galeão da Ericeira	55	Ericeira
Parque dos Mariscos	—	»
Deck Bar	—	Estoril (Arcadas)
Bar Inglês	060413	Monte Estoril
Café Restaurante «Águias D'Ouro»	36	Estremoz
Restaurante Alentejano...	161	»
Café — Restaurante Cachatra	3052	Évora
Café Arcada - Salão Restaurante	2152	»
Grande Café Portugal ...	2860	»
Cervejaria Baía — Restaurante	512	Faro
Restaurante «Lagoa-Bar»	13	Foz do Arelho
Restaurante Montanha...	22438	Leiria
Abrigo - Restaurante Regional	22696	»

NOME	TELEF.	LOCALIDADE
Café Restaurante Transmontano	—	Macedo de Cavaleiros
Paragem Serradalto	51	Manteigas
Pedro dos Leitões — Restaurante Típico	62	Mealhada
Café Restaurante Avenida	—	Mira
Café Restaurante Alentejano	158	Portalegre
A Regaleira — Rua Bonjardim, 87	26485	Porto
Casa Viseu — Rua Madeira, 214	24227	»
Flor dos Congregados — Trav. Congregados, 11	22822	»
Freitas — Rua Bonjardim, 461	25740	»
Ginjal do Porto — Rua Bonjardim, 726	20661	»
Girassol — Trav. Congregados, 11	27393	»
Imperial — Rua Diogo Brandão, 35	26745	»
Irmãos Unidos — Rua Campinho, 13	25766	»
Montenegro — R. Campinho, 30	23351	»
Portuense - Praça D. Filipa de Lencastre, 162	23074	»
Restaurante Garrett — Av. dos Aliados, 212	29092	»
Tripeiro — Rua Passos Manuel, 191	25886	»
Café Restaurante Ribatejo	—	Póvoa de Santa Iria
Restaurante Leonardo ...	—	Póvoa do Varzim
«Mar Belo» — Esplanada Restaurante	—	Praia das Maçãs
Restaurante Caldeira Pinto	115	S. João da Madeira
O Pescador - Restaurante Típico	22969	Setúbal
Espadarte — Esplanada do Atlântico	029189	Sesimbra
Café Imperial	113	Tavira
Império de Gândara	6	Tocha
Restaurante João da Ester	521	Vila do Conde
Maioral — Rua Palha Blanco, 11	150	Vila Franca de Xira
Café Restaurante Avenida	4133	Vila Nova de Ourém
Caves do Guadiana	74	Vila Real S.tº António
Janelas Verdes	206	Vila Real S.tº António
Restaurante Avenida	2693	Viseu

LISTA DOS HOTÉIS DE PORTUGAL

Hotéis	Classe	Telef.	Diária Mínima	Diária Máxima
Abrantes				
Hotel Turismo de Abrantes	1.ª	261	115$00	185$00
Alcobaça				
Hotel-Restaurante Bau	3.ª	106	60$00	105$00
Amarante				
Hotel Silva	—	10	90$00	95$00
Aveiro				
Hotel Arcada	3.ª	78	65$00	110$00
Bom Jesus do Monte (Braga)				
Hotel do Elevador	—	2652	—	110$00
Braga				
Hotel de Braga	2.ª	2327	50$00	140$00
Hotel Aliança	—	2340	45$00	70$00
Buçaco				
Hotel Palace Hotel	Luxo	1/4	200$00	450$00
Caldas de Aregos				
Hotel Costa	—	5	50$00	75$00
Hotel do Parque	—	6	—	90$00
Caldas da Felgueira				
Hotel Clube	—	66219	50$00	85$00
Caldas de Manteigas				
Hotel das Termas	—	14	80$00	85$00
Caldas da Rainha				
Hotel Lisbonense	3.ª	2166	50$00	95$00
Hotel Rosa	3.ª	2017	60$00	130$00
Caldas de Vizela				
Hotel Sul-Americano	2.ª	48237	70$00	130$00
Caldelas				
Hotel da Bela Vista	1.ª	65117	90$00	180$00
Grande Hotel Caldelas	—	65114	65$00	130$00
Canas de Senhorim				
Hotel Urgeiriça	1.ª	67267	125$00	160$00
Castelo Branco				
Hotel Turismo	1.ª	146	110$00	140$00
Hotel Lusitânia	—	89	—	75$00
Castelo de Vide				
Hotel das Águas	—	41	50$00	86$00
Costa de Caparica				
Hotel Praia do Sol	—	040012	70$00	85$00
Coimbra				
Hotel Bragança	1.ª	22171	—	—
Covilhã				
Hotel Neve (residencial)	—	129	—	—
Penhas da Saúde	—	194	100$00	160$00
Curia				
Hotel Palace Hotel	1.ª	20202	180$00	250$00

Hotéis	Classe	Telef.	Diária Mínima	Diária Máxima
Espinho				
Hotel Palácio	1.ª	3112	40$00	50$00
Estarreja				
Hotel Miranda	—	688	55$00	85$00
Estoril				
Hotel Estoril Palácio	Luxo	0604000	140$00	150$00
Hotel Parque	1.ª	0604099	—	120$00
Hotel Cibra	1.ª	0618111	—	—
Estremoz				
Hotel Alentejano	—	27	50$00	95$00
Faro				
Hotel Aliança	2.ª	3532	65$00	100$00
Figueira da Foz				
Hotel Hispânia	2.ª	21644	90$00	140$00
Hotel Internacional	2.ª	20551	75$00	112$50
Hotel Portugal	2.ª	21766	75$00	160$00
Hotel Universal	2.ª	29632	75$00	130$00
Foz do Arelho				
Hotel Facho	2.ª	20266	90$00	140$00
Gerês				
Hotel Moderno	—	72133	110$00	125$00
Hotel do Parque	—	72122	100$00	135$00
Hotel Ribeiro	—	72177	—	110$00
Hotel Universal	—	72144	115$00	125$00
Gouveia				
Gouveia-Hotel	2.ª	577	55$00	100$00
Guarda				
Hotel Turismo	1.ª	206/207	115$00	165$00
Guimarães				
Hotel do Toural	—	41251	55$00	90$00
Lisboa				
Hotel Avis — Avenida Fontes Pereira de Melo	Luxo	301541	—	—
Hotel Embaixador — Avenida Duque de Loulé	—	530031	200$00	360$00
Hotel Eduardo VII — Avenida Fontes Pereira de Melo, 3	1.ª	730141	190$00	240$00
Hotel Avenida Palace — Rua 1.º de Dezembro, 123	1.ª	48101/3	190$00	270$00
Hotel Condestável — Travessa do Salitre, 7-A	1.ª	33923	140$00	220$00
Hotel Flórida — Rua Duque de Palmela, 32	1.ª	54171	240$00	260$00
Hotel Vitória — Avenida da Liberdade, 170	1.ª	49122	110$00	150$00
Hotel Borges — Rua Garrett, 108	2.ª	31951	105$00	150$00
Hotel Francfort — Rua de Santa Justa, 70-72	2.ª	30747	100$00	150$00
Hotel Internacional — Rua da Betesga, 75	2.ª	31913/4	120$00	180$00
Hotel Americano — Rua 1.º de Dezembro, 73	—	20975	85$00	115$00
Hotel Portugal — Rua do Amparo, 12	—	28435	—	—

Hotéis	Classe	Telef.	Diária Mínima	Diária Máxima
Luso				
Grande Hotel das Termas	1.ª	27/37	120$00	200$00
Hotel Lusitano	2.ª	18	115$00	120$00
Hotel Serra	—	6	55$00	85$00
Peso (Melgaço)				
Hotel das Águas de Melgaço	—	12	—	125$00
Hotel do Peso	—	7	86$00	120$00
Porto				
Grande Hotel da Batalha — Praça da Batalha	1.ª	20571	110$00	150$00
Grande Hotel do Porto	1.ª	28176	75$00	160$00
Hotel do Império — Praça da Batalha	1.ª	26816	—	—
Hotel Aliança — Rua Sampaio Bruno, 53	—	23297	60$00	72$00
Praia da Rocha				
Hotel da Bela Vista	2.ª	103	135$00	200$00
Santarém				
Hotel Abídis	2.ª	17	120$00	120$00
Hotel Central	—	8	60$00	72$00
Santo Tirso				
Hotel Cidenai	2.ª	6	130$00	150$00

Hotéis	Classe	Telef.	Diária Mínima	Diária Máxima
Sintra				
Hotel Palácio dos Seteais	Luxo	098681	230$00	400$00
Hotel Central	—	098063	—	120$00
Termas de Entre-os-Rios				
Hotel da Torre	—	2	120$00	180$00
Hotel de Entre-os-Rios	—	4	75$00	85$00
Termas de Monfortinho				
Hotel Astória	Luxo	5	150$00	200$00
Hotel Fonte Santa	1.ª	4	155$00	175$00
Termas de Monte Real				
Hotel Monte Real	2.ª	3/51	112$00	120$00
Termas de S. Vicente				
Hotel de S. Vicente	—	3	70$00	125$00
Tomar				
Hotel União	—	3241	110$00	110$00
Viana do Castelo				
Hotel Santa Luzia	1.ª	22192	150$00	300$00
Vila Real				
Hotel Tocaio	—	6	—	110$00
Vilar Formoso				
Hotel Terminus	—	11	—	—
Viseu				
Hotel Avenida	—	2263	67$50	87$50

DUNLOPILLO
É PARTICULARMENTE
APRECIADO PELOS HOTÉIS

Economia de tempo e dinheiro pela ausência de despesas de conservação.

Vantagens higiénicas (anti-parasitas) e (anti-traças).

Conforto luxuoso.

Duração ilimitada.

FABRICO INGLÊS

REPRESENTANTES:

Gme. Graham Jnr. & C.ª
Rua dos Clérigos, 6
PORTO

Rua dos Fanqueiros, 7
LISBOA

PENSÃO
LONDRINA
(1.ª classe)

Quartos higiénicos e confortáveis
Aquecimento central
Esmerado serviço de mesa e cozinha

—

Clean and confortable nooms with central heating
Magnificent service and food

—

ASSEIO
SERIEDADE
SOSSEGO

English spoken
On parle français

RUA CASTILHO, 61, 1.º-D.º
Telef. 45177 LISBOA

LISTA DE PENSÕES DE PORTUGAL

Pensões	Classe	Telef.	Diária Mínima	Diária Máxima
Abrantes				
C. Hóspedes Manuel Baptista	—	349	30$00	35$00
Águeda				
Pensão Casa Santos	1.ª	34	50$00	60$00
Pensão Hugo	—	112	—	35$00
Albergaria-a-Velha				
Casa da Alameda	1.ª	44	65$00	90$00
Albufeira				
Pensão Albufeirense	—	76	—	55$00
Alcácer do Sal				
Pensão Central	—	10	40$00	45$00
Alcobaça				
Pensão «A Floresta»	—	83	—	45$00
Pensão-Café Rest. do Mosteiro ...	1.ª	83	60$00	75$00
C. Hóspedes Cardoso	—	—	25$00	35$00
Alcochete				
C. Hóspedes Alfredo Rodrigues ...	—	107	—	40$00
Alenquer				
Pensão Central	—	102	—	37$50
Algueirão				
Pensão Gare	2.ª	057044	—	55$00
Almada				
Pensão Paraíso	—	070355	35$00	45$00
Alvito				
Pensão Nova	—	—	—	35$00
Anaia (Santa Iria)				
Pensão-Restaurante Mira-Tejo	—	—	—	40$00
Arcos de Valdevez				
Pensão Emília	2.ª	6242	40$00	50$00
Armação de Pêra				
C. Hóspedes Central	—	—	—	45$00
Arouca				
Pensão Alexandre	—	—	—	35$00
C. Hóspedes Pinto	—	—	—	30$00
Assafora (Sintra)				
Pensão Franco	—	—	—	45$00
Aveiro				
Pensão-Restaurante Moderno	—	—	—	40$00
Pensão-Restaurante Pinho	—	132	—	40$00
C. Hóspedes Prazeres	—	—	—	35$00
Pensão «A Brasileira»	—	338	35$00	40$00
Avis				
Pensão Leal	—	11	—	45$00
Pensão Boa Vista	—	11	—	45$00
Avô				
Pensão Jerónimo	—	24	37$00	40$00
Azeitão				
Pensão do Cego	—	—	—	45$00

Pensões	Classe	Telef.	Diária Mínima	Diária Máxima
Barca de Alva				
Pensão-Restaurante Barca de Alva	—	—	—	40$00
Barcelos				
Pensão Bagoeira	—	83236	—	35$00
Pensão Nova Lisboa	—	—	—	30$00
C. Hóspedes Arantes	—	83366	30$00	35$00
Barreiro				
C. Hóspedes Restaurante Galito ...	—	85	35$00	40$00
Batalha				
Pensão-Restaurante Ramos	—	77028	35$00	45$00
Beja				
Pensão-Restaurante «O Lidador» ..	2.ª	1734	45$00	85$00
Benavente				
Pensão Grilo	—	73	35$00	40$00
Braga				
Pensão-Rest. «A Marisqueira»	2.ª	22152	45$00	50$00
Pensão Oliveira	2.ª	22707	45$00	60$00
Pensão Boa Luz	—	23339	35$00	45$00
Pensão Económica	—	23160	40$00	45$00
Pensão «A Flaviense»	—	22917	35$00	40$00
C. Hóspedes Moderna	—	—	14$00	30$00
Braga (Bom Jesus)				
Pensão-Restaurante «Águeda»	2.ª	3321	55$00	60$00
Bragança				
Grande Pensão Moderna	1.ª	23	45$00	90$00
Pensão Internacional	2.ª	36	45$00	50$00
C. Hóspedes Rios	—	—	—	35$00
Caldas da Felgueira				
Pensão Maial	1.ª	66223	45$00	65$00
Caldas de Monchique				
Pensão Central	1.ª	3	50$00	74$00
Pensão Encarnação	—	7	40$00	55$00
Caldas da Rainha				
Pensão Cristina	—	22059	35$00	45$00
Pensão-Rest. «Estrela da Praça» ...	—	22422	35$00	45$00
Pensão Irmãos Unidos	—	22562	—	45$00
Caldas de S. Gemil				
Pensão das Termas	2.ª	322095	45$00	55$00
Pensão Carvalho	—	—	30$00	37$50
Caldelas				
Pensão De Paços	2.ª	655111	50$00	60$00
Pensão Teresinha	—	—	35$00	38$00
Pensão Familiar da Torre	—	655129	49$00	50$00
Caminha				
Pensão-Restaurante «Galo de Oiro»	2.ª	55260	45$00	55$00
Cartaxo				
Pensão Ribatejana	—	17	35$00	45$00
Carvalhelhos (Chaves)				
Pensão Caldas Santas	1.ª	Boticas 5	50$00	74$00
Pensão Carvalhelhos	—	—	45$00	54$00
Carvalho (Vila Nova de Gaia)				
C. Hósp. António Moreira Neves	—	17	—	30$00

Pensões	Classe	Telef.	Diária Mínima	Diária Máxima
Cascais				
Restaurante «Estrela do Mar» ...	—	080311	—	—
Pensão Avenida	2.ª	080164	50$00	60$00
Castanheira de Pêra				
Pensão Familiar	2.ª	13	35$00	50$00
Castelo Branco				
Pensão Lisbonense	—	159	40$00	45$00
Pensão Ideal	—	226	40$00	50$00
Castelo da Maia				
Pensão Avenida	—	24	35$00	40$00
Castro Daire				
Pensão-Restaurante Avenida	1.ª	76226	45$00	55$00
Castro Verde				
Pensão Costa	—	5	40$00	45$00
Cebolais de Cima				
C. Hóspedes Domingos R. Dias ...	—	—	28$00	30$00
Celorico da Beira				
Pensão Ermitério	1.ª	10	45$00	60$00
Pensão-Restaurante Mondego	—	41	40$00	45$00
Chaves				
Pensão-Restaurante Império	1.ª	184	45$00	70$00
Pensão Flávia	2.ª	140	45$00	55$00
Pensão Jaime	2.ª	273	45$00	50$00
Pensão-Café Restaurante Vitória ..	—	90	—	—
Coimbra				
Pensão Rosa Laranjeira	1.ª	22831	50$00	60$00
Pensão Carmina de Matos	2.ª	23510	—	—
Pensão Aliança	—	23260	35$00	40$00
Pensão Ideal	—	22237	40$00	45$00
Pensão Vitória	—	24049	40$00	45$00
Pensão Comércio	—	24187	35$00	40$00
Pencão Cruz	—	22379	—	40$00
Pensão Doméstica	—	23208	35$00	40$00
Pensão-Restaurante Cardosa	—	23035	—	—
Condeixa-a-Nova				
Pensão Buraca	—	617	35$00	40$00
Costa de Caparica				
Pensão Tá-Mar	1.ª	040021	75$00	110$00
Pensão Pátio Alentejano	1.ª	040044	60$00	95$00
Pensão Santo António	1.ª	040028	55$00	95$00
Pensão-Rest. Casa Primavera	—	040077	45$00	60$00
Costa Nova do Prado				
Pensão Gil	—	4	35$00	45$00
Pensão Azevedo	—	—	—	40$00
Pensão Rest. «A Marisqueira» ...	—	6	—	40$00
Covilhã				
Pensão Central da Covilhã	2.ª	527	45$00	50$00
Pensão-Restaurante Floresta	2.ª	716	45$00	50$00
Pensão Avenida	—	140	35$00	45$00
Pensão Rato	—	111	30$00	40$00
Curia				
Pensão Antero	—	179	45$00	40$00
Pensão da Curia	2.ª	212	45$00	62$00
Pensão Rosa	—	206	45$00	65$00
Pensão Residencial Bandeira	—	164	—	—
Detais				
C. Hóspedes Maria Ferreira	—	—	—	35$00

Pensões	Classe	Telef.	Diária Mínima	Diária Máxima
Entre-os-Rios				
Pensão-Restaurante Mira-Douro ...	1.ª	22	—	—
Entroncamento				
Pensão-Restaurante Faustino	2.ª	6119	40$00	45$00
Pensão-Rest. Monumental Bar	2.ª	6157	45$00	50$00
Ericeira				
Pensão Morais	1.ª	11	65$00	70$00
Pensão Fortunato	2.ª	9	45$00	50$00
Pensão Gomes	2.ª	19	50$00	55$00
Pensão Melo	—	12	—	50$00
C. Hóspedes Camponesa	—	—	—	35$00
Espinho				
Grande Pensão Particular	1.ª	17	60$00	75$00
Esposende				
Pensão Rego	2.ª	89213	40$00	45$00
Estarreja				
Pensão Estarrejense	—	22	35$00	40$00
Pensão Fortunato	2.ª	65	35$00	40$00
Estoril (Monte)				
Pensão Boaventura	1.ª	060325	—	—
Évora				
Pensão-Restaurante «O Eborense»	1.ª	2031	50$00	100$00
Pensão Alentejana	2.ª	2087	45$00	50$00
Pensão Alentejo	2.ª	2903	45$00	55$00
Pensão-Restaurante «Os Manuéis»	2.ª	2861	—	55$00
Pensão Policarpo	—	2424	40$00	55$00
Fafe				
Pensão Costinha	—	49259	40$00	45$00
Pensão União	—	—	35$00	40$00
Pensão Vista Alegre	—	—	35$00	40$00
Fão				
Pensão-Restaurante «Galo de Oiro»	—	89202	40$00	45$00
Faro				
Pensão Estrela Farense	2.ª	728	—	—
Pensão Madalena	2.ª	146	45$00	50$00
Pensão Central	—	—	40$00	45$00
Pensão Residencial Algarve	—	—	—	—
Fátima				
Pensão Treze de Maio	1.ª	20	—	75$00
Pensão Bairros	2.ª	34	60$00	65$00
Pensão Católica	2.ª	8	—	60$00
Pensão São José	—	—	—	55$00
Pensão N. Senhora da Conceição	—	—	—	60$00
C. Hóspedes Modesto Romeiro	—	24	—	38$00
Felgueiras				
Pensão Albano	1.ª	20	—	60$00
Ferreira do Zêzere				
Pensão Zêzere	1.ª	5132	45$00	60$00
Figueira de Castelo Rodrigo				
Pensão Riba-Côa	2.ª	36	40$00	50$00
Figueira da Foz				
Pensão Esplanada	1.ª	2115	65$00	75$00
Pensão Peninsular	1.ª	2320	70$00	75$00
Pensão Demétrio	2.ª	2385	60$00	65$00
Pensão Ibérica	—	2841	50$00	54$00
Pensão Bela Vista	—	2464	50$00	54$00

Pensões	Classe	Telef.	Diária Mínima	Diária Máxima
Figueiró dos Vinhos				
Pensão Parque	—	—	—	35$00
Foz do Arelho				
Casa das Palmeiras (Pensão)	1.ª	2	65$00	75$00
Freixial (Bucelas)				
C. Hóspedes Lage	—	—	—	30$00
Fundão				
Pensão Rivoli	2.ª	147	40$00	50$00
Pensão Central Amaral	—	70	35$00	45$00
Pensão Cova da Beira	—	87	30$00	40$00
C. Hóspedes Rio Zêzere	—	—	25$00	30$00
Gerês (Termas)				
Pensão Baltasar	2.ª	7231	35$00	65$00
Pensão Central Jardim	—	7232	45$00	54$00
Grândola				
Pensão Inácia	—	25	35$00	45$00
Gouveia				
Pensão Estrela do Parque	2.ª	78	40$00	50$00
Guarda				
Pensão Santos	2.ª	31	40$00	45$00
Guimarães				
C. Hóspedes «A Marisqueira»	—	40202	—	30$00
Guimarães (Penha)				
Pensão da Montanha	1.ª	40118	50$00	65$00
Lagos				
Pensão-Rest. «Costa de Oiro»	2.ª	35	55$00	65$00
«A Caravela» — Pensão	—	149	—	50$00
Pensão Serrenho	—	90	40$00	45$00
Pensão «A Floresta»	—	193	35$00	40$00
Leça da Palmeira (Leixões)				
Pensão-Restaurante Leixões	—	379	—	45$00
Pensão Arnaldo Cândido	—	328	—	36$00
Leiria				
Avenida Pensão	1.ª	22416	50$00	80$00
Lisboa				
Pensão-Residência «Doris»	Luxo	52391	—	—
Pensão Avenida Parque — Avenida Sidónio Pais, 6	1.ª	732181	65$00	95$00
Pensão Nazareth — Avenida António Augusto de Aguiar, 25	Luxo	42016	70$00	150$00
Grande Pensão Alcobia — Poço do Borratém, 15	1.ª	21506	—	—
Atlântida Pensão — Rua Rodrigo da Fonseca, 60, r/c.	1.ª	49739	50$00	62$00
Avis Pensão — Rua Rodrigo da Fonseca, 60, 3.º D.to	1.ª	41136	50$00	65$00
Pensão Almirante Reis — Avenida Almirante Reis, 98, 2.º	1.ª	43773	—	—
Pensão Estrela dos Anjos — Rua dos Anjos, 70, 1.º	1.ª	41379	—	—
Pensão Esplêndida — Rua Braamcamp, 40, r/c. D.to	1.ª	41908	45$00	65$00
Pensão Londrina — Rua Castilho, 61, 1.º E.do	1.ª	45177	50$00	70$00
Mansão Santa Rita — Avenida António Augusto de Aguiar, 21, 5.º	1.ª	44630	80$00	90$00

Pensões	Classe	Telef.	Diária Mínima	Diária Máxima
Pensão Morais — Avenida da Liberdade, 141, 1.º	1.ª	26330	—	60$00
Pensão Casa de S. Francisco — Av. da República, 48-B, r/c. E.do	1.ª	774854	50$00	60$00
Pensão Santa Luzia — Rua de D. Estefânia, 32, 1.º	1.ª	45922	55$00	65$00
Pensão Casa de S. Mamede — Rua da Escola Politécnica, 159	1.ª	663166	50$00	105$00
Pensão Universal — Avenida Duque de Loulé, 83, r/c.	1.ª	46005	55$00	65$00
Pensão Areeiro — P. do Areeiro, 3	2.ª	777302	50$00	55$00
Pensão Astória — Rua Braamcamp, 10, 3.º D.to	2.ª	44800	45$00	50$00
Pensão Conde Redondo — Rua do Conde Redondo, 60	2.ª	47760	50$00	75$00
Pensão Castilho — Rua Castilho, 57, 4.º	2.ª	50822	40$00	60$00
Pensão Distinta — Avenida Duque de Loulé, 20, 3.º	2.ª	44316	45$00	50$00
Pensão Flor do Minho — Rua Braamcamp, 10, 2.º D.to	2.ª	41317	35$00	45$00
Pensão Ibérica — Praça da Figueira, 10, 2.º	2.ª	33212	45$00	55$00
Pensão Leiriense — Rua da Assunção, 52, 2.º	2.ª	27625	40$00	50$00
Pensão Pereira da Silva — Rua Pascoal de Melo, 77	2.ª	51097	—	—
Pensão Pérola da Baixa — Rua da Glória, 10, 2.º	2.ª	32875	48$00	55$00
Pensão Lisboa — Rua de S. Julião, 11, 2.º	—	—	—	—
Pensão Lisbonense — Rua Pinheiro Chagas, 1, 4.º, 5.º e 6.º E.do	1.ª	44628	45$00	67$50
Pensão Pérola da Madeira — Rua Braamcamp, 40, 1.º	2.ª	44836	45$00	50$00
Pensão Andaluzia — R. de S. José, 197, 1.º	—	59806	35$00	40$00
Pensão Aurora — Rua Eugénio dos Santos, 99, 2.º	—	25062	40$00	45$00
Pensão Brasil Africano — Travessa das Pedras Negras, 8, 2.º	—	22866	—	40$00
Pensão Casal Ribeiro — R. Braamcamp, 10, r/c. D.to	—	48544	—	45$00
Pensão Central Estrela — Rua Domingos Sequeira, 52, 3.º	—	662689	30$00	35$00
Pensão Chic — Rua dos Correeiros, 205, 3.º	—	24886	40$00	45$00
Pensão Chile — Avenida Almirante Reis, 18	—	52139	35$00	40$00
Pensão David Sul da Costa — Poço do Borratém, 4, 2.º E.do	—	20712	—	—
Pensão Florescente — Rua das Portas de Santo Antão, 99, 3.º D.to	—	26609	—	—
Pensão Glória — Rua de D. Duarte, 2, 1.º	—	28030	40$00	52$00
Pensão Lealdade — Rua dos Bacalhoeiros, 107, 3.º	—	23196	30$00	40$00
Pensão Lena — Rua de D. João V, 7, 2. Dto	—	680670	50$00	70$00
Pensão Luanda, L.da — Rua dos Anjos, 77, 3.º	—	50470	40$00	45$00
Pensão Nacional — Rua de S. Lázaro, 130, 1.º	—	44206	40$00	45$00
Pensão «A Primavera» — Rua Portas de S.to Antão 99	—	27269	—	—
Pensão Rex — Avenida Duque de Loulé, 83, 4.º	—	49716	40$00	45$00
Pensão Residencial Santos — Rua Braamcamp, 10, 2.º E.do	—	45771	—	—
Pensão Residencial Taxinha — Rua da Padaria, 38, 2.º	—	22842	—	—

Pensões	Classe	Telef.	Diária Mínima	Diária Máxima
Lixa (Douro)				
Pensão Silva	—	14	30$00	40$00
Loures				
Pensão Trevo	1.ª	053199	—	65$00
Lousã				
Pensão Bem-Estar	1.ª	99334	45$00	55$00
Pensão Lousalense	1.ª	99307	45$00	50$00
Lousã (Quinta da Alfocheira)				
Quinta da Alfocheira	1.ª	99213	45$00	75$00
Luso				
Pensão Avenida	1.ª	42	50$00	70$00
Pensão Lusa	2.ª	7	50$00	55$00
Pensão Central	—	44	40$00	50$00
Macedo de Cavaleiros				
Pensão Lopes	—	68	30$00	35$00
C. Hóspedes Corina	—	—	20$00	25$00
Macieira de Cambra				
Pensão Casa das Cerejeiras	1.ª	89	65$00	85$00
Malveira				
Pensão Venceslau	1.ª	046548	50$00	60$00
Mangualde				
Pensão Beira Alta	1.ª	6234	50$00	85$00
Pensão Azevedo	—	6251	—	35$00
Marinha Grande				
Pensão Tomás	2.ª	52032	45$00	50$00
C. Hóspedes Florestal	—	—	—	35$00
Matosinhos				
Pensão-Restaurante Central	2.ª	664	50$00	60$00
Mealhada				
C. Hósp. Bairradina dos Leitões	—	98	35$00	45$00
Mira				
Pensão Brás	—	—	—	—
Mirandela				
Pensão Paulino	2.ª	29	35$00	50$00
Pensão-Restaurante «A Balalaica»	—	55	—	35$00
Moimenta da Beira				
Pensão-Restaurante Tamariz	2.ª	56	50$00	60$00
Monção				
Pensão Internacional	1.ª	12	55$00	75$00
Pensão Vaticano	2.ª	16	45$00	55$00
Pensão Central	—	—	40$00	50$00
Monte Gordo (Praia)				
Pensão Espanhola	—	—	40$00	45$00
Monte Redondo (Leiria)				
C. Hóspedes S. Cristóvão	—	28021	—	—
Montemor-o-Novo				
Pensão Fernandes	—	123	30$00	45$00
Nazaré				
Pensão Central	1.ª	2	50$00	70$00
Pensão Ribamar	2.ª	58	50$00	85$00
Pensão Leonardo «Flor Marítima»	—	28	45$00	50$00

Pensões	Classe	Telef.	Diária Mínima	Diária Máxima
Nisa				
Pensão Peninsular	—	52	30$00	35$00
Oliveira de Azeméis				
Pensão-Café Restaurante Anacleto	2.ª	41	35$00	40$00
Pensão Grilo	—	90	35$00	45$00
Oliveira do Hospital				
Pensão Comércio	—	8	35$00	45$00
Ovar				
«A Vareirinha» — Restaurante	—	137	40$00	50$00
Paço de Arcos				
Pensão Moreira	2.ª	042117	50$00	70$00
Pampilhosa da Serra				
Pensão Central	—	16	—	35$00
C. Hóspedes Almeida	—	—	—	35$00
Pedras Salgadas				
Pensão Baptista	1.ª	15	50$00	60$00
Pensão do Parque	2.ª	8	45$00	60$00
Pedrógão Grande				
Pensão Roldão	—	—	—	—
Penacova				
Pensão Avenida	1.ª	7626	40$00	60$00
Pensão Viseu	2.ª	7631	35$00	45$00
Penafiel				
Pensão Morais	2.ª	9	38$00	60$00
Peniche				
Pensão-Restaurante Avis	—	53	—	—
Casa Nabeu — Pensão-Restaurante	—	78	—	40$00
Pensão de S. Pedro	—	17	—	—
C. Hóspedes António Montês	—	29	—	—
Ponte da Barca				
Pensão Freitas	2.ª	7713	40$00	45$00
Pensão-Restaurante Carvalho	2.ª	7710	40$00	50$00
Ponte da Mucela (Arganil)				
Pensão-Restaurante Beira Alva	—	79112	—	40$00
Ponte de Sor				
Pensão Serras	—	22	40$00	45$00
Portalegre				
Mansão Alto Alentejo	1.ª	330	50$00	65$00
Pensão Vinte e Um	2.ª	21	45$00	65$00
C. Hóspedes Facha	—	31	—	—
Portinho da Arrábida				
Pensão-Rest. «Estrela do Portinho»	—	028928	—	—
Portimão				
Pensão Lúcio	—	225	45$00	65$00
Porto				
Pensão dos Aliados — Avenida dos Aliados, 91, 2.º	1.ª	24853	50$00	65$00
Pensão Pinto Bessa — Rua da Estação, 54-56	1.ª	50844	68$00	103$00
Grande Pensão Avis — Avenida Rodrigues de Freitas, 451	2.ª	24295	40$00	50$00
Pensão Duas Nações — Praça Guilherme Gomes Fernandes, 59	2.ª	26807	40$00	45$00

Pensões	Classe	Telef.	Diária	
			Mínima	Máxima
Pensão Estoril — Rua de Cedofeita, 193	2.ª	22751	35$00	45$00
Pensão Fenianos	2.ª	24419	—	—
Pensão Universal — Avenida dos Aliados, 38, 3.º	2.ª	25538	40$00	50$00
Pensão Angelina	—	51067	40$00	45$00
Pensão Central dos Loios	—	21759	—	45$00
Pensão «Flor de Bragança» — Travessa dos Clérigos, 14-16	—	22791	35$00	40$00
Pensão França	—	28308	40$00	45$00
Pensão Felicidade Reis de Almeida	—	22596	40$00	40$00
Pensão Escondidinho	Luxo	24079	—	—
Pensão Universal — Avenida dos Aliados, 38, 3.º	—	21772	35$00	45$00
Porto de Mós				
C. Hóspedes Fataça	—	42006	—	30$00
Póvoa de Varzim				
Pensão Fenianos	2.ª	119	45$00	70$00
Pensão Luso-Brasileira	—	27	40$00	60$00
Pensão Beira-Mar	—	—	30$00	35$00
Praia do Baleal (Atouguia da Baleia)				
Pensão Praia do Baleal	2.ª	—	45$00	60$00
Praia das Maçãs (Sintra)				
Pensão dos Bandeirantes	1.ª	090035	—	80$00
Pensão Atlântico	2.ª	090056	65$00	68$00
Praia de Mira				
Pensão Brás	—	3	—	40$00
Pensão Maçarico	—	4	—	40$00
Praia da Rocha				
Pensão Sol	1.ª	344	50$00	90$00
Praia de Santa Cruz				
Pensão Oceano	2.ª	2	50$00	55$00
Quarteira (Praia)				
Pensão Atlântico	—	19	—	60$00
Régua				
Pensão-Restaurante Bar Borrajo	1.ª	396	55$00	65$00
Pensão Douro	—	72	35$00	40$00
Reguengos de Monsaraz				
Pensão Peninsular	2.ª	32	35$00	40$00
Resende				
Pensão Araújo	—	28	30$00	35$00
Rinchoa (Mercês) — Sintra				
Pensão-Restaurante Maria Teresa	—	093046	40$00	45$00
S. João da Madeira				
Pensão Sanjoanense	—	49	40$00	45$00
Pensão-Rest. Caldeira Pinto	—	115	30$00	
S. João da Pesqueira				
Pensão Costa	—	14	35$00	40$00
S. Martinho do Porto				
Pensão-Restaurante Carvalho	1.ª	12	60$00	75$00
Pensão Nunes	—	—	—	54$00
S. Pedro do Sul				
C. Hóspedes Coelho	—	—	—	35$00
C. Hóspedes Monteiro	—	7268	—	35$00
Santarém				
Pensão-Restaurante Rapideza	—	106	—	35$00
Santo Amaro de Oeiras				
Pensão Internacional	2.ª	043016	60$00	65$00
Seia				
Pensão Central	2.ª	18	50$00	55$00
Serpa				
Pensão Central	—	91	—	40$00
Sertã				
Pensão Castelo	—	37	—	35$00
Sever do Vouga				
Pensão Palácio	2.ª	22	45$00	50$00
C. Hóspedes Gaspar	—	10	—	30$00
Sines				
Lar de S. Rafael	—	—	—	—
Pensão Clemente Soares	—	22	40$00	45$00
Sintra				
Pensão Nova Sintra	2.ª	098220	62$00	67$00
Pensão-Café Cyntia	2.ª	098002	—	65$00
C. Hóspedes Manuel da Neta	—	098166	—	40$00
Tabuaço				
C. Hóspedes Maria Augusta	—	—	—	30$00
Tavira				
Pensão Arcada	2.ª	48	50$00	75$00
Pensão Caleça	—	10	—	40$00
Termas de Carvalhal (Castro Daire)				
Pensão Avenida	—	78243	—	45$00
Termas de Monfortinho				
Pensão das Termas	1.ª	26	65$00	75$00
Pensão Rocha	2.ª	12	50$00	60$00
C. Hóspedes Álvaro Antunes	—	—	—	35$00
Termas de Monte Real				
Pensão Cozinha Portuguesa	1.ª	62112	55$00	75$00
Pensão Internacional	2.ª	62170	50$00	65$00
Pensão Lisboa	2.ª	62131	55$00	60$00
Pensão Montanha	2.ª	62115	48$00	65$00
Termas de S. Vicente				
C. Hóspedes Rocha	—	—	35$00	40$00
Tomar				
Pensão Lisbonense	2.ª	3262	—	50$00
Pensão Gândara	2.ª	3317	35$00	45$00
Pensão Nuno Álvares	—	3723	35$00	40$00
Torrão (Alentejo)				
C. Hóspedes Central	—	—	30$00	35$00
Torres Novas				
C. Hóspedes Serralho	—	2428	—	30$00
Torres Vedras				
Pensão Carvalheda	—	—	—	—
Unhais da Serra				
C. Hóspedes Ardérius	—	19	35$00	40$00

Pensões	Classe	Telef.	Diária Mínima	Diária Máxima
Valado				
Pensão Hermínio Jordão	—	303	—	45$00
Pensão Maurício	—	307	—	45$00
Vale de Cambra				
C. Hóspedes Bastos	—	13	25$00	35$00
Valença				
Pensão Valenciana	1.ª	33	45$00	60$00
Pensão Escondidinho	2.ª	67	40$00	50$00
Pensão Ermita	—	100	35$00	40$00
Viana do Castelo				
Pensão Beira-Mar	2.ª	2163	45$00	55$00
Pensão Arezes	—	2485	40$00	45$00
Pensão-Restaurante Fluminense	—	2651	40$00	45$00
Pensão-Restaurante Rio Lima	—	2293	35$00	45$00
Pensão Gorro Branco	—	2418	40$00	45$00
Pensão Moderna	—	2258	30$00	45$00
Vieira do Minho				
C. Hóspedes Campos	—	7514	—	30$00
C. Hóspedes Artur Flaviense	—	7548	—	25$00
Vila Franca de Xira				
Pensão-Restaurante Flora	2.ª	327	60$00	70$00
Pensão Ribatejana, L.da	2.ª	22	35$00	50$00
Pensão Sancho	—	81	—	30$00

Pensões	Classe	Telef.	Diária Mínima	Diária Máxima
Vila Nova da Cerveira				
C. Hóspedes Pacheco	—	—	—	35$00
Vila Nova de Famalicão				
Pensão Ferreira	2.ª	224	44$00	55$00
Vila Nova de Paiva				
C. Hóspedes António de Sousa	—	—	—	30$00
Vila Real				
Pensão-Restaurante Excelsior	2.ª	422	45$00	60$00
Pensão Mondego	2.ª	306	40$00	50$00
Pensão Guedes	—	264	—	40$00
C. Hóspedes «Flor do Corgo»	—	—	—	30$00
C. Hóspedes Garfejo	—	434	—	38$00
Vila Real de Santo António				
Pensão Félix	2.ª	91	45$00	50$00
Vila Viçosa				
Pensão Central Lisboeta	1.ª	7	45$00	50$00
C. Hóspedes Granja	—	77	—	35$00
Viseu				
Pensão-Restaurante Lusitano	—	3042	35$00	45$00
Vouzela				
Pensão Jardim	—	77218	35$00	45$00
Pensão Marques	—	77213	40$00	50$00

ESTALAGENS

Estalagem do Cruzeiro — Aljubarrota.
Estalagem Pouso da Urca — Colares.
Estalagem do Lamego — Lamego.
Estalagem do Cavalo Branco — Lisboa.
Estalagem do Caçador — Macedo de Cavaleiros.
Estalagem Ninho de Águias — Marvão.
Estalagem do Chiolo — Maia — Chiolo.
Estalagem de Santa Maria da Arrábida — Portinho da Arrábida.
Estalagem de São Pedro — Riba d'Ave.
Estalagem do Castelo do Bode — Tomar.
Estalagem de Santa Iria — Tomar.
Estalagem da Lezíria — Vila Franca de Xira.
Estalagem do Gado Bravo — Vila Franca de Xira.
Estalagem do Infantado — Charneca do Infantado.
Estalagem de Penaferrim — Sintra.
Estalagem do Lidador — Guardeiras.
Estalagem de São Cristóvam — Lagos.
Estalagem de Santa Maria — Vila da Feira.
Estalagem de Fátima — Fátima.

FABRICADO SEGUNDO OS MAIS MODERNOS CONHECIMENTOS DA DIETÉTICA, ABSORVE E ELIMINA AS GORDURAS SUPÉRFLUAS DO ORGANISMO, MANTENDO A LINHA E A AGILIDADE DA JUVENTUDE

AROMÁTICO E DE FÁCIL DIGESTÃO

PADARIA ITALIANA

Rua de Entre-Campos, 16 A, 16 B — Rua D. Pedro V, 57 • Telef. 29456 • LISBOA

LA CIMBALI

A MÁQUINA DE CAFÉ-CREME MAIS VENDIDA EM PORTUGAL

•

AGENTES GERAIS:

Camponovo & Câmara, L.da

Rua das Portas de Santo Antão, 76, 3.º-Dt.º

Telefones 3 17 70 - 3 17 73 – LISBOA

Telegramas: Campomara

OTIS

O nome OTIS simboliza a qualidade e segurança máximas em ascensores

OTIS ELEVATOR COMPANY

FUNDADA EM 1851

com 24 fábricas e 517 escritórios em diversos pontos do Globo, é a maior organização de ascensores, no Mundo. A experiência de um século no mundo inteiro reflecte-se na qualidade inigualável dos ascensores OTIS

Associada da

OTIS ELEVATOR COMPANY em Portugal:

FORTIS,

A CONSTRUTORA ELECTROMECÂNICA, L.DA

Rua do Centro Cultural, n.º 41

Telefone 77 50 31/2 – LISBOA

ESTUDOS E PARECERES, SEM ENCARGO

A. FERREIRA

VERNIZES E SECANTES LÍQUIDOS E EM PÓ

MARCA **A. FERREIRA** (TIPO INGLÊS)

MARCA **MELRO** (TIPO NACIONAL)

VERNIZES CELULÓSICOS PARA VEÍCULOS

E VERNIZ SINTÉTICO

PARA BARCOS DE MADEIRA

À VENDA EM TODOS OS ARMAZÉNS E NAS BOAS DROGARIAS

16, RUA DO GIESTAL, 18

(À CALÇADA DA BOA HORA)

TELEFONES 63 97 43 - 63 70 80 LISBOA

TELMAR

O RELÓGIO QUE DEVE USAR

ALTA CATEGORIA E PRECISÃO

INCABLOC – ANTIMAGNÉTICO

GARANTIDO CONTRA TODOS OS ACIDENTES

•

À VENDA

EM TODAS AS BOAS RELOJOARIAS E OURIVESARIAS DO PAÍS

Adquira um «TELMAR»

PERUTZ CHAPAS PERUTZ PELÍCULA DE CINEMA PARA AMADORES E PROFISSIONAIS PERUTZ

Veja Lisboa... e verá coisa boa!

...E fotografe

Com

o filme PERUTZ das boas fotografias

Representantes:

Roiz, L.da

24670 · TELEFONES · 367847

Tudo para cinema e fotografia

LABORATÓRIOS FOTOGRÁFICOS PARA AMADORES

ROIZ, L.DA

R. NOVA DO ALMADA, 53 · 3º
R. NOVA DO ALMADA, 82 · 84
R. NOVA DO ALMADA, 80 · 1º
L I S B O A

PERUTZ PELÍCULAS EM ROLO PERUTZ PELÍCULAS RÍGIDAS PERUTZ MATERIAL FOTOTÉCNICO

illg.